FASTOS

DO

MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

RECORDAÇÕES HISTORICAS E SCIENTIFICAS
FUNDADAS EM DOCUMENTOS AUTHENTICOS
E INFORMAÇÕES VERIDICAS

Obra executada por indicação e sob o patronato do Sr. Ministro do Interior

DR. J. J. SEABRA

PELO

DR. J. B. DE LACERDA
DIRECTOR DO MESMO MUSEU

Acompanhada de numerosas photogravuras inseridas no texto

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1905

555

PROLOGO

Assim como succede com todos os povos cultos, as instituições que elles fundaram teem tambem os seus fastos e a sua historia. Ellas nascem por uma compulsão do momento, de um plano concertado pelos homens que governam, coherente com os recursos e as tendencias da épocha ; e no perpassar dos annos e dos seculos ellas se transformam, se ampliam, se modificam, obedecendo sempre á influencia coercitiva do espirito innovador, que apparece e domina em cada periodo historico.

Existem em varios paizes instituições que, para assim dizer, encarnam o espirito dominante de muitas épochas, porquanto ellas resistiram ás commoções sociaes e politicas, atravessaram incolumes as mais perigosas crises da vida do Estado e, com pequenos eclipses, chegaram ao apogeo do brilho, da grandeza e da notoriedade.

No numero destas julgo poder incluir o Museu Nacional. Elle atravessou, num seculo quasi, quatro phases diversas de regimens de governo no Brazil, sem sentir os abalos das commoções politicas, que coincidiram com essas mudanças de regimen de governo, avançando sempre, com um impulso moderado, até chegar ao gráo de desenvolvimento e de prosperidade, em que hoje o vemos. Em 1918 deve-se celebrar a sua festa secular, e, porque não sabemos si quererá Deus nos fazer a graça de nos conduzir são e salvo até lá, vamos aproveitar o ensejo, que nos offerece o primeiro congresso scientifico internacional, que se reune este anno no Rio de Janeiro, para, em honra delle, escrever os Fastos do Museu Nacional.

Para a execução desta obra não nos faltou, felizmente, o apoio e a animação do Governo da Republica. Elle compene-

trou-se do que podia valer este tentamen como elemento historico de uma das nossas mais estimadas instituições scientificas e prestou-lhe todo o seu concurso moral. Não me sobram expressões de reconhecimento para agradecer-lhe este acto de gentileza e de patriotismo. Quero que esse reconhecimento se traduza por um modo mais efficiente e significativo, gravando no frontespicio desta obra a effigie do Presidente da Republica e do Ministro do Interior. E' uma oblação, uma homenagem aos seus meritos, que me apraz fazer em nome do Museu Nacional.

Com a historia desta instituição está entrosada a de outra instituição mais modesta, de inicio mais recente e de constructura toda nova, de cujo lustre e renome compartilhou indirectamente o Museu. Queremos nos referir ao Laboratorio de Physiologia experimental.

Provam os documentos, que ficaram archivados em numerosas revistas nacionaes e estrangeiras, que esse laboratorio foi o arauto que annunciou ao mundo o advento da sciencia experimental no Brazil. Expender o que elle produziu, os trabalhos que nelle foram executados, e as contribuições que elle prestou a varios ramos das sciencias biologicas, é uma obrigação á qual não nos podemos furtar, por complemento deste livro. Esta rememoração de trabalhos, feita com espirito historico e critico, preencherá o ultimo capitulo desta obra.

E' possivel que, exercendo a critica quer dos factos quer das pessoas, tenha eu emittido, neste livro, opiniões e conceitos pouco justos. Si assim aconteceu, não me accusa a consciencia de havel-o feito por malevolencia ou por espirito de parcialidade, e disso peço perdão.

Ardua e espinhosa é a missão do historiador; e eu não ignoro que a justiça da historia, participando de todas as imperfeições e contingencias humanas, está bem longe de equiparar-se á justiça divina.

CONSELHEIRO DR. RODRIGUES ALVES

PRESIDENTE DA REPUBLICA

Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves

PRESIDENTE DA REPUBLICA

Na série dos presidentes da Republica, que galgaram essa elevada posição politica no Brazil, é justo que se destaque a personalidade do Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, em cujas mãos estão no actual momento, as redeas do governo da nação.

Seus merecimentos como cidadão e como politico apraz-nos reconhecer e proclamar, sem o menor vislumbre de lisonja. Elle tem mostrado, por actos bem intencionados, que quer ver a felicidade da sua patria conquistada pelo concurso geral de todos os bons cidadãos ; e que um governo estimado é aquelle que obedece ás normas imprescriptiveis da justiça, da lei e da moral publica.

Seu espirito moderado e complacente, seus modos simplices, a inteireza de seu caracter, superior ás baixas intrigas da politica de campanario ; seu animo propenso a fortalecer a justiça e os direitos dos seus concidadãos, que o elegeram para occupar aquelle alto cargo politico, cercam-no do respeito e da consideração de todo o paiz.

Desse sentimento geral, quanto aos meritos e ás qualidades, que ornam a pessoa do actual Presidente da Republica, compartilha o Museu Nacional do Rio de Janeiro.

DR. J. J. SEABRA

MINISTRO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS DO INTERIOR

Dr. J. J. Seabra

MINISTRO DA JUSTIÇA E DO INTERIOR

Comquanto no actual regimen de governo no Brazil os ministros estejam cerceados na liberdade de governar sob a sua inteira e exclusiva responsabilidade, ainda assim alguns teem havido, cuja acção e peso no governo se tem feito sentir por deliberações proprias, de feliz exito na administração publica.

O actual Ministro da Justiça e do Interior está nesse caso. Perspicuo e prompto no conceber alguma cousa util para fazer, não menos prompto é em realisal-a. Sua administração tem sido, até aqui, assaz fecunda e continuará a sel-o, assim o esperamos, no proseguimento do seu governo. Elle procura conhecer as necessidades das diversas instituições sujeitas á sua jurisdicção governamental pelos proprios olhos; e quando as julga urgentes e attendiveis, delibera sem hesitações nem delongas.

Não são pequenos os beneficios que das suas elevadas qualidades de administrador tem recebido o Museu Nacional do Rio de Janeiro. Queremos que fiquem bem patentes as nossas demonstrações de reconhecimento ao activo e laborioso ministro, que tem sabido honrar o cargo, ao qual foi elevado pelos seus merecimentos e pela confiança do supremo magistrado da Republica.

DR. J. B. DE LACERDA

ACTUAL DIRECTOR DO MUSEU NACIONAL

Dr. J. B. de Lacerda

ACTUAL DIRECTOR DO MUSEU NACIONAL

Nomeado por decreto de 7 de janeiro de 1895. Foi nomeado Sub-Director da secção de zoologia do mesmo Museu por decreto de 9 de fevereiro de 1876.

Nascido na cidade de Campos (Provincia do Rio de Janeiro) em 12 de julho de 1846. Doutor em medicina, membro de varias associações scientificas nacionaes e estrangeiras. Vice-Presidente honorario do Congresso Medico Pan-Americano de Washington, 1893, Presidente honorario do Congresso Medico Latino-Americano de Buenos Aires, 1904. Director do Laboratorio de Biologia. Auctor desta obra e de numerosas publicações scientificas.

FASTOS

DO

MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

DATA DA FUNDAÇÃO — 1818

SUMMARIO — Chegada de D. João VI e da sua Côrte ao Brazil. O Ministro Thomaz Antonio de Villanova Portugal. O caracter do Rei e o seu pendor e estima pelas artes. Franquia dos portos do Brazil ás nações estrangeiras. Beneficios e melhoramentos que deve ao Rei a cidade do Rio de Janeiro. Decreto da fundação do Museu Real. Primeiros funccionarios nomeados para os cargos do Museu. Donativos do rei e dos particulares.

Em meio das violentas commoções politicas e das guerras sangrentas que abalaram toda a Europa, no começo do seculo passado, as hostes aguerridas do general Junot invadiram a peninsula iberica, obedecendo ás ordens de Napoleão, que pretendia assenhorear-se da Hespanha e de Portugal, para completar o seu vasto plano de conquistas, e, ao mesmo tempo, para castigar as hesitações e dubiedades do governo lusitano em annuir ao bloqueio continental.

O temor dessa invasão no territorio portuguez inquietou sobremodo o soberano de Portugal D. João VI, o qual tomou subitamente a resolução de emigrar para o Brazil, levando comsigo a gente da sua real Côrte e muitos objectos de valor e de arte, que podiam cahir nas mãos dos invasores.

Em 7 de março de 1808 desembarcou no Rio de Janeiro o Rei e a sua comitiva.

Nessa épocha a capital do Brazil era uma cidade pequena, atrazada, sem nenhum conforto nem civilisação, como a mór parte das colonias portuguezas de ultramar. Seu commercio fazia-se todo com a metropole, avida de extorquir á colonia toda a sua producção agricola e os escassos recursos do seu erario.

Usando do direito de senhor, o Rei escolheu para si os melhores domicilios, despejou, para accommodar a sua gente, as habitações mais vastas e de mais nobre apparencia, e tomou conta dos seus dominios [1]. Os habitantes da colonia submetteram-se a esta expropriação forçada sem reluctancia nem doestos. Com a vangloria de ter junto a si o rei, a colonia não pesou despezas nem medio sacrificios para que lhe fosse dada uma hospedagem confortavel, condigna de sua real pessoa.

Na fileira dos fidalgos, que o acompanharam, sobresahia como homem da sua particular confiança e de governo, Thomaz Antonio de Villanova Portugal. Era este um portuguez de boa tempera, de elevado merito e de vistas largas como administrador. Seus conselhos eram ouvidos com extrema reverencia pelo Rei, e as suas ordenações cumpridas sem discrepancia pelos seus subalternos e servidores.

O caracter do rei era um mixto de ingenuidade quasi infantil e de paternal bondade. De vontade fraca, intelligencia mediocre, sem tino para grandes emprehendimentos, docil ás suggestões dos mais habeis e intelligentes do que elle, com pequena cultura litteraria e scientifica, D. João VI podia ser considerado um typo de soberano bonacheirão, estimando o bem de seus vassallos, sem occupar-se seriamente com o bem do seu paiz.

Estas qualidades negativas não excluiam nelle um certo gráo de lucidez e de bom senso, pois tinha medo de errar nas suas resoluções, e só as tomava depois de amadurecido exame e ponderação. Educado entre os monges, nem por isso mostrava grande fervor e sympathia pelos conventos: elle advogava francamente a liberdade de consciencia, não duvidando considerar absurdas as ligações intimas da religião com a constituição do Estado.

Notava-se nelle certo pendor para as artes, principalmente para a musica. Deliciava-se em ouvir horas inteiras as magistraes composições de Marcos Portugal e do genial brazileiro padre José Mauricio, dois rivaes na arte de compor musicas sacras. Com o seu estylo altiloquo e commovente, o insigne compositor brazileiro fazia rolarem no instrumento musico ondas de harmonias celestes, que exaltavam os sentimentos piedosos do Rei.

De costumes simplices e desejos moderados, D. João VI carecia de todo esse apparato regio e dessas attitudes correctas, que cercam de respeito e prestigio a pessoa dos soberanos.

---

1. Diz Mello Moraes que foi o Conde dos Arcos quem usou dos meios coercitivos para ter onde alojar o Rei e a sua comitiva.

Fosse por gratidão á recepção captivante que lhe fizeram os habitantes da colonia, ou fosse, o que parece mais verosimil, por suggestão do seu Ministro Thomaz Antonio de Villanova Portugal [1], certo é que a vinda de D. João VI ao Brazil coincidiu com a execução de algumas importantes medidas administrativas, que foram de grande utilidade para a colonia.

Elle franqueou por um decreto (28 de janeiro de 1808) os portos do Brazil ás nações estrangeiras, deitando dest'arte largas ensanchas ao commercio internacional, e, fomentando ao mesmo tempo a expansão das forças productoras naturaes do paiz. Fundou o Museu Real, a Imprensa Regia, o Jardim Botanico, a Academia de Bellas-Artes, a Junta do Commercio, a Bibliotheca Real, e promoveu outros beneficios e melhoramentos, que são ainda hoje estimados e encarecidos, após o longo decurso de um seculo.

Para o fim que temos em vista neste trabalho, não nos importa agora conhecer de outros beneficios sinão o da fundação do Museu Real.

A primeira tentativa que se fez para fundar no Rio de Janeiro um museu de historia natural, durante o vice-reinado de D. Luiz de Vasconcellos, foi mallograda. As boas intenções do illustre Vice-rei não chegaram a realizar-se, sinão em parte, com a creação de um gabinete zoologico, que teve duração ephemera. Esse gabinete, que ficou sendo chamado a —Casa dos passaros, expunha somente uma collecção de aves estropeadas, mal preparadas e não classificadas segundo os methodos scientificos.

E' razoavel suppor-se que a mesquinhez dessa collecção, em contraposição com a riqueza, que se dizia possuir o Brazil nos tres reinos da natureza, houvesse mal impressionado o animo do Ministro e do Rei, e que isso os induzisse a pensar na fundação de um museu real.

Certo é, que em 6 de junho de 1818 foi rubricado pelo Rei, no palacio do Rio de Janeiro, o decreto cuja integra aqui abaixo transcrevemos :

« Querendo propagar os conhecimentos e estudo das sciencias naturaes no Reino do Brazil, que encerra em si milhares de objectos dignos de observação e exame e que podem ser empregados em beneficio do Commercio, da Industria e das Artes, que muito desejo

---

1. Na sua Historia do Brazil J. M. de Macedo diz que a realização destes melhoramentos foi suggerida pelo Conde de Linhares, fallecido em 25 de janeiro de 1812. O espaço de seis annos que se interpoz entre o fallecimento do Conde de Linhares e a data da fundação do Museu é razão para não aceitar-se a opinião de Macedo.

favorecer, como grandes mananciaes de riqueza: Hei por bem que nesta Côrte se estabeleça um Museu Real para onde passem, quanto antes, os instrumentos, machinas e gabinetes que já existem dispersos por outros logares, ficando tudo a cargo das pessoas que Eu para o futuro nomear. E sendo-Me presente que a morada de casas que no Campo de S. Anna occupa o seu proprietario João Rodrigues Pereira de Almeida, reune as proporções e commodos convenientes ao dito estabelecimento, e que o mencionado proprietario voluntariamente se presta a vendel-a pela quantia de trinta e dous contos por Me fazer serviço: Sou servido acceitar a referida offerta e que, procedendo-se á competente escriptura de compra para ser depois enviada ao Conselho de Fazenda e incorporada a mesma casa aos proprios da Corôa, se entregue pelo Real Erario, com toda a brevidade ao sobredito João Rodrigues, a mencionada importancia de trinta e dous contos de réis.

Thomaz Antonio de Villanova Portugal, do meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, encarregado da presidencia do meu Real Erario, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios, sem embargo de quaesquer leis ou ordens em contrario.

Palacio do Rio de Janeiro, 6 de junho de 1818.»

Para a installação do Museu Real no predio sito no Campo de Sant'Anna foi aproveitada uma importante collecção mineralogica, comprada a Werner, notavel mineralogista allemão, e que estava servindo para os estudos practicos dos alumnos da Academia Militar. Esta collecção estava toda ella coordenada e rotulada [1].

Alguns objectos de arte em madeira, em marmore, em prata, em marfim, em coral, e uma collecção de quadros a oleo foram as dadivas feitas por D. João VI ao Museu que elle acabava de fundar.

Os artefactos indigenas e productos naturaes que andavam dispersos por outros estabelecimentos da cidade, foram recolhidos ao Museu, conjunctamente com varios objectos doados pelos particulares.

Em maio de 1819 foi fixada a dotação annual de 2:880$ para a verba material do Museu.

O pessoal ficou assim constituido: Director, porteiro, um ajudante das preparações zoologicas, um escripturario e um escrivão da

1. Para o averbamento dos factos e datas, consignados neste trabalho, nos foi de grande proveito o livro de Ladisláo Netto, publicado em 1870, sob o titulo — *Investigações historicas e scientificas sobre o Museu Imperial e Nacional.*

receita e despeza, não percebendo este ultimo nenhuma especie de subvenção.

Para exercer as funcções de Director foi nomeado Fr. José da Costa Azevedo, que já exercia o cargo de Director do Gabinete Mineralogico da Academia Militar.

Para o cargo de Porteiro foi nomeado João de Deos e Mattos, empregado antigo do Gabinete Mineralogico, dirigido por Fr. José da Costa Azevedo.

Para auxiliar nos trabalhos taxidermicos foi nomeado o Preparador Santos Freire.

Em todos os actos officiaes o Director do Museu communicava-se com o Ministro do Reino por intermedio do Inspector Geral dos estabelecimentos litterarios, cargo nessa data exercido por José da Silva Lisboa, depois Visconde de Cayrú.

A verba destinada ao pagamento do pessoal, inclusive o Director, não excedia de 3:800$ annualmente.

Tal foi a primitiva organisação do Museu, modesta, humilde em verdade, nascida da generosidade e da previdencia de um Rei, grato ao bom acolhimento que teve dos seus subditos no Brazil, e das largas vistas administrativas de um Ministro, que, por esta e outras medidas de progresso, grangeou a benevolencia, a sympathia e os louvores dos seus governados.

FR. JOSÉ DA COSTA AZEVEDO

E' sabido que as conquistas de Napoleão enriqueceram os museus da França e empobreceram os museus da Italia e da Allemanha. A campanha do Egypto encheu as galerias do Louvre com as riquezas, até então ignoradas, da alta civilisação dos Pharaós. Os museus de arte e de historia natural dos americanos do norte enriqueceram-se á custa das fortunas de alguns archi-millionarios.

A conquista e o dinheiro foram os dois mais poderosos factores do progresso rapido que tiveram alguns museus do mundo.

Não admira, portanto, que o Museu Real do Rio de Janeiro, ao qual faltaram esses dois poderosos agentes de impulsão, permanecesse por um longo periodo de tempo em estado de lethargia e de estagnação.

Na data em que se fundou esse museu, o Brazil era um paiz novo, quasi desconhecido; e as riquezas naturaes do seu solo, assim como as qualidades e os costumes dos povos indigenas, que nelle habitavam, não tinham começado a ser exploradas e estudadas. O decreto de D. João VI, porém, franqueando os portos do Brazil ás nações estrangeiras, attrahiu para aqui grande numero de naturalistas viajantes, vindos de todos os paizes de além-mar. A colheita de productos naturaes, realisada por esses naturalistas viajantes, concorreu muito para o progresso do Museu, em épochas posteriores á independencia do Brazil.

Esquivo ás frivolidades do mundo, recolheu-se Fr. José da Costa Azevedo áquellas silenciosas salas do museu, quasi vasias, onde só vinham inquietar a placidez do seu viver monastico as tristes recordações do claustro. Pouco tempo durou, porém, esse voluntario recolhimento; pois que delle veio tiral-o aquella lei implacavel da morte, a que estão sujeitas todas as creaturas humanas.

Foi escutando ainda os échos das jubilosas festas nacionaes, celebradas em honra da emancipação do Brazil, que finou-se em 7 de novembro de 1822 o primeiro Director do Museu. Como si fôra um conforto da derradeira hora, antes de evolar-se ao céo o seu espirito culto e patriotico, acariciaram-lhe os ouvidos na solidão do leito de morte, os accordes do hymno popular, que cantava a patria livre. Grata impressão para os ultimos momentos de quem, desde longos annos, dedicára á patria e á religião os seus affectos e os seus melhores serviços.

Ao passamento do illustre franciscano succedeu um periodo de interinidade na direcção do Museu, que só findou em 27 de outubro de 1823 com a nomeação effectiva do Dr. João da Silveira Caldeira. A gerencia interina foi exercida, durante quasi um anno, por João de Deus e Mattos, preparador do Museu.

Foi este funccionario que, por obedecer ás ordens emanadas do governo, em nome do Imperador D. Pedro I, se encarregou de colleccionar uma certa quantidade de papos de tucano para adorno do manto imperial. A grande insignia da Magestade que devia cobrir os hombros do Imperador, nos dias solemnes e festivos, denunciava bem aos que lhe conheciam a origem, o trabalho paciente e a dedicação desinteressada ao serviço imperial do obscuro colleccionador do Museu Real.

DR. CALDEIRA

PERIODO HISTORICO DE 1823 - 1827

Director — Dr. João da Silveira Caldeira

Summario — O Brazil elevado a Imperio. Traços do caracter de D. Pedro I. Predicados moraes e intellectuaes do Dr. Caldeira, segundo Director do Museu. Auxilios que prestou ao Museu José Bonifacio de Andrada e Silva. Donativos que fizeram varios naturalistas estrangeiros ás collecções do Museu. Fundação de um laboratorio physico-chimico. Projecto da fundação de uma Sociedade auxiliadora da industria nacional. O Imperador Pedro I manda arrematar em hasta publica uma importante collecção de antiguidades egypcias e offerece-a ao Museu. Permutas com os paizes estrangeiros. Projecto de Caldeira para dividir em secções o serviço do Museu e inaugurar cursos publicos nesse estabelecimento. Retirada de Caldeira. Seu suicidio.

Quando se iniciou este periodo acabava o Brazil de passar por uma transformação politica radical. Não era mais uma colonia nem um reino, mas um imperio. Cingia o diadema imperial o principe, a quem, em plena confiança, entregou D. João VI, ao voltar para Lisboa, o governo do Brazil. D. Pedro rompeu os laços de obediencia que o prendiam a seu pai, e acquiescendo aos desejos dos Brazileiros, fez-se acclamar Imperador do Brazil (7 de setembro de 1822).

Pelo caracter e pelas qualidades pessoaes, elle differençava-se muito do seu progenitor: era uma natureza irrequieta, agitada por paixões ardentes, que obedecia aos impulsos das suas paixões, mas não se curvava aos dictames da sua consciencia, nem aos conselhos dos seus amigos. Sua vontade imperiosa não supportava contrastes. Nascera para o mando absoluto. Não lhe mentia a tara dos seus avoengos, mas as circumstancias de um momento historico fizeram delle o chefe de um grande imperio americano, regido pelo systema de governo constitucional representativo. Essa disparidade entre as tendencias innatas do seu caracter e as normas do systema de governo adoptado no Brazil, não podia deixar de provocar graves collisões politicas e de perturbar a marcha do seu governo. A vontade irreductivel do imperador, que era a sua arma dilecta, embotou-se muitas vezes nas arestas de uma opposição tenaz, que não cedia a ameaças, e que tinha por unicas armas

o prestigio do caracter e a força da intelligencia. D. Pedro I não tinha, á maneira de seu pae, grande pendor para as artes, nem recebera uma educação litteraria e scientifica esmerada.

Estas considerações veem de molde para mostrar porque, neste segundo periodo historico, o Museu não progrediu tanto quanto se devia esperar. As luctas dos partidos, as discussões calorosas na imprensa e na tribuna, a repressão de levantes nas provincias, as intrigas palacianas, e as condições pouco lisonjeiras do erario publico não deram tempo para se cuidar dos interesses do Museu, assim como de outras instituições recentemente creadas.

O Dr. Caldeira, que foi o successor do illustre franciscano, era graduado pela universidade de Edimburgo, e reputado um habil chimico. A sua larga fronte elevada e o conjuncto dos outros traços physionomicos feriam logo a vista, fazendo julgal-o um homem intelligente e circumspecto. Certo facto desastroso da sua vida, o qual mais adiante havemos de commentar, levaria, entretanto, a presumir qualquer tendencia occulta do seu espirito para as cruezas da melancolia ou para os desvarios de uma psychose.

Foi durante a sua gerencia que o Museu começou a ser um estabelecimento consultivo. Por esse tempo, os negocios do imperio eram dirigidos por José Bonifacio de Andrada e Silva, a figura mais culminante do ministerio. Homem de larga esphera mental, de caracter firme e ardor patriotico, o chamado patriarcha da independencia, com ser politico militante, não tinha deixado de ser tambem homem de sciencia. Era discipulo da escola de Freiberg; os conhecimentos de mineralogia lhe eram familiares, e de objectos pertencentes a essa divisão das sciencias naturaes possuia elle uma rica collecção, que foi mais tarde incorporada ao Museu.

Neste periodo, aproveitando a franquia dos portos do Brazil aos estrangeiros, que D. João VI decretara, varios naturalistas europeus, attrahidos pela fama, que tinham as producções naturaes do novo imperio, se foram chegando aqui e internando-se nas vastas regiões desconhecidas do Brazil.

O Ministro do Imperio dirigio a esses exploradores um appello, pedindo-lhes auxiliassem com dadivas o Museu, que dellas muito carecia para fazer avultar as suas collecções. Langsdorff, Natterer, von Sellow não tardaram em acudir ao justo reclamo do ministro, que os havia recommendado e protegido nas suas longas excursões pelo interior do paiz.

O primeiro destes naturalistas levou a sua liberalidade ao ponto de offerecer a sua propria collecção de mammiferos e aves da Europa ao Museu do Rio de Janeiro.

Natterer subvencionado, durante algum tempo, pelo governo brazileiro, aqui deixou algumas valiosas collecções zoologicas, e mais valiosas ainda foram as que elle levou comsigo para formar a secção brazileira do Museu de Vienna d'Austria.

Sellow trouxe-nos algumas ossadas fosseis das suas excursões nas margens do Uruguay.

Por esse tempo, no andar de baixo do Museu foi installado, de accordo com as solicitações de Caldeira, um laboratorio para os estudos physicos e chimicos, provido de todos os arranjos necessarios a investigações daquelle genero. Foi utilisando-se desses recursos practicos, que o Director do Museu poude alli realisar estudos sobre um combustivel mineral e sobre o pau brazil.

Consultado sobre o projecto da creação da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, elle desenvolveu um longo arrazoado para provar a conveniencia dessa creação, e formulou as bases dos seus estatutos, que enviou ao governo.

O exemplo de fazer donativos ao Museu tinha pegado e ia produzindo magnificos resultados. Do Serro, em Minas, chegaram-lhe bellos especimens de diamantes e amostras de bismutho. Perolas achadas em uma lagôa de Goyaz vieram tambem, por intermedio do Ministro do Imperio, engrossar as collecções já existentes.

O Imperador mandou arrematar em hasta publica cinco mumias e outros objectos ethnographicos do Egypto, e de tudo isto fez dadiva ao Museu. Esta valiosissima collecção de antiguidades egypcias destinava-se á Republica Argentina e tinha sido encommendada pelo governo de D. Emmanuel Rosas.

Chegaram ellas alli, porém, quando já tinha sido anniquilado o poder do tyranno; e o governo que lhe succedeu não quiz sustentar os compromissos do seu antecessor.

Por virtude desta circumstancia, o italiano Fiengo, que vinha realisar a encommenda, trouxe para o Rio de Janeiro a collecção e fel-a vender em hasta publica.

Esta collecção, que está actualmente exposta nas salas Humboldt e Champollion, tem um valor inapreciavel, e seria assaz difficil, nos tempos de hoje, conseguir outra egual. Com excepção de uma, póde-se attestar, sem receio de errar, que estas mumias são authenticas.

Todas ellas estão encerradas em sarcophagos de sycomoro. Admiravel é o estado de conservação dellas; em algumas as faixas envolventes, as côres vivas, e o dourado das mascaras não soffreram sinão pequena alteração no decurso de 3.000 annos. Em torno dos sarcophagos pela face exterior, está escripta uma longa historia em caracteres hieroglyphicos, que não foi possivel até hoje decifrar. Pequenos idolos de esmalte azul, amphoras, canopos, stellas, cippos cobertos de hieroglyphos em baixo relevo, cabeças, mãos e pés humanos, animaes mumificados, etc., formam o conjuncto dessa importante collecção egypcia.

Varios objectos ethnographicos, oriundos do Pará e das ilhas do Pacifico chegaram tambem, nessa épocha, para adornar as salas do Museu.

Foram iniciadas as permutas com os paizes estrangeiros. O principe real da Dinamarca recebeu como dadiva de Pedro I varios productos do Brazil para sua collecção minerologica, e o Museu de Berlim uma grande collecção, que chegou para encher 17 caixões. Do Pará vieram para aqui varias collecções remettidas pelo presidente daquella provincia.

Caldeira, cuja administração foi prospera, pensou em subdivir por secções o serviço do Museu e fundar cursos publicos. O governo, porém, precisava aproveitar as suas luzes e o seu tino administrativo como Provedor da Casa da Moeda.

Quasi ao findar o anno de 1827, elle despediu-se do Museu, com a segurança na consciencia de haver cumprido bem o seu dever.

Estava-lhe reservado, porém, um horrivel azar durante a gerencia do seu novo cargo; elle poz termo á vida suicidando-se. Certa dóse de acido prussico não lhe tendo produzido o effeito desejado, elle não hesitou: tomou de uma navalha e com ella acertou no pescoço um golpe mortal.

Até hoje ignora-se que motivos compelliram espirito tão lucido e ponderado a practicar esse acto de vesania. Talvez desgostos intimos domesticos, horas de profunda melancholia, ou, o que parece mais provavel, uma dessas crises subitaneas da mania persecutoria podessem explicar esse facto lamentavel.

E' verdade que numerosos exemplos teem mostrado que uma incessante applicação ao estudo, vae ás vezes até precipitar nos escuros abysmos da loucura cerebros bem illuminados, porém mal equilibrados. E assim como a forte tensão do entendimento, muito tempo prolongada, póde offender a integridade do senso humano, assim tambem a continua obsessão das idéas negras póde compellir ao suicidio. A explicação racional do infeliz destino de Caldeira deve estar adstricta a uma dessas cousas.

PERIODO HISTORICO DE 1828-1847

Director — Frei Custodio Alves Serrão [1]

Summario.— Grandes qualidades do Fr. Custodio, como scientista e como administrador. Seu plano de reforma do Museu. Difficuldades creadas pelo governo. Favores feitos pelo Museu a outras instituições. Empenho do director em fundar uma bibliotheca, e indifferença do Ministro ás suas solicitações. Fr. Custodio desgostoso pede uma licença e retira-se para o Maranhão. Regressando dois annos e meio depois, consegue do Ministro o decreto de reforma do Museu. Regulamento de 3 de fevereiro de 1842. Funccionarios nomeados. Tabella de vencimentos annuaes. Donativos feitos ás collecções do Museu. Accusações no Senado contra a administração do Museu. O Director rebate essas accusações. O Senado vota uma reducção consideravel na verba orçamentaria do Museu. Fundos desgostos do Director levaram-no a solicitar a sua exoneração daquelle e de outros cargos que exercia no Museu. Apreciações e commentarios a esses factos.

Quando começou este longo periodo o impulso do Museu estava dado. Elle tinha sahido das trevas para a luz, seu nome estava inscripto na lista universal, em que figuravam instituições congeneres, com séde em varias partes do mundo, elle era repetido pelos viajantes e naturalistas que exploraram o nosso territorio e começava a ser acariciado pelos altos poderes do Estado.

Fr. Custodio, nomeado Director por decreto de 26 de janeiro de 1828, exercia as funcções de Lente Cathedratico de physica e chimica da Escola Militar. Era homem de alto merecimento e de apreciaveis qualidades. Elle tinha a força das suas convicções e uma energia extraordinaria de caracter, para traçar planos de administração e saber executal-os. Não tergiversava diante dos ministros e costumava fallar-lhes com o desembaraço e a franqueza de quem sabe dizer o que pensa e o que quer.

Seu plano era fazer do Museu um estabelecimento scientifico, que doutrinasse, e, ao mesmo tempo, fornecesse elementos de tra-

---

1. Não houve esforço que não empregasse para alcançar um retrato de Fr Alves Serrão. Impossivel foi achal-o. Seu retrahimento e sua austeridade foram talvez os culpados desta lacuna tão lamentavel.

balho para os estudos technicos. A concepção desse plano não podia deixar de agradar aos espiritos progressistas. Era alli, nos seus gabinetes, que deviam ser ensinadas as sciencias physicas e naturaes. O governo, porém, ou porque não quizesse privar dessas attribuições outras escholas, ou porque a completa execução desse plano devesse importar em grande augmento de despezas, que o erario publico não comportava, não se conformou com os desejos do Director do Museu.

Quiz Fr. Custodio admittir como empregado auxiliar do Museu um artista pintor, encarregado de fixar na tela ou no papel as côres vivas das aves, insectos, etc., que, ao contacto da humidade e do ar, no nosso clima, desbotam e apagam-se no fim de pouco tempo. O governo achou que podia ser protelada essa providencia, e desattendeu ao pedido do Director do Museu.

Entretanto eram frequentes as solicitações que ao Museu faziam a Escola Central, a Faculdade de Medicina, a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, para fornecer collecções, instrumentos e apparelhos que lhes faltavam, ou para alargar, no proprio edificio do Museu, o espaço que lhe tinha sido anteriormente concedido.

Por compensação a estas reiteradas negativas, que começavam a desgostar os que estavam á frente da administração do Museu, resolveu o governo contractar o italiano Zani e um ajudante preparador para explorarem o valle do Amazonas em proveito das collecções do Museu. Essa commissão exploradora, que durou alguns mezes, accumulou muitos productos zoologicos, que foram incorporados ás collecções daquelle estabelecimento.

Insistia o respeitavel carmelita para que se iniciasse a formação de uma bibliotheca do Museu, ajudando essa pretenção com dizeres e argumentos que não podiam deixar de calar no espirito dos ministros.

Nenhuma providencia, porém, parecia querer-se tomar em favor dessa idéa, que se impunha como uma necessidade indeclinavel a qualquer espirito medianamente culto.

Estas luctas e estas resistencias invenciveis acabaram acabrunhando Fr. Custodio, que, cheio de magnas e desillusões, tomou o partido de afastar-se por algum tempo do Museu. Em fins de outubro de 1835 elle embarcou com licença do governo para o Maranhão, sua terra natal, deixando ficar João de Deus na direcção do Museu.

Quando dois annos e meio depois voltou a assumir o exercicio do seu cargo, regosijou-se de encontrar melhores disposições do

governo em favor da desventurada instituição que elle dirigia. Aproveitando o bom animo em que estava o Ministro, mostrou-lhe que era imprescindivel a reforma do Museu, tal qual elle a tinha delineado, e que não se podia mais procrastinal-a.

Essa injuncção forte e bem arrasoada moveu o governo a executar a reforma.

A portaria assignada pelo Ministro Candido José de Araujo Vianna (depois Marquez de Sapucahy) trazia a data de 11 de fevereiro de 1842 e o regulamento a data de 3 de fevereiro desse anno.

Eis o regulamento transcripto em sua integra:

REGULAMENTO N. 123 — DE 3 DE FEVEREIRO DE 1842

Dá ao Museu Nacional uma organização accommodada á melhor classificação e conservação dos objectos

« Hei por bem decretar o seguinte regulamento para execução do art. 2°, § 13, da lei n. 164, de 26 de setembro de 1840:

Art. 1.° O Museu Nacional desta Côrte será dividido em quatro secções:

1.ª De anatomia comparada e zoologia;

2.ª De botanica, agricultura e artes mechanicas;

3.ª De mineralogia, geologia e sciencias physicas;

4.ª De numismatica, artes liberaes, archeologia, usos e costumes das nações antigas e modernas.

Cada uma destas secções será confiada a um Director especial que poderá ter um ou mais adjuntos em relação ao numero das sub-divisões da respectiva secção.

Art. 2.° Os Directores das secções poderão apresentar no Museu um ou mais individuos para ahi terem exercicio na qualidade de practicantes, os quaes, depois das provas convenientes, poderão ser admittidos a supra-numerarios, um em cada secção.

Destes serão tirados os Adjuntos.

Art. 3.° Haverá um conselho composto dos Directores das secções, o qual terá o titulo de Conselho de Administração do Museu Nacional.

Os Adjuntos tomarão parte nas deliberações do conselho e terão voto consultivo.

Na ausencia dos Directores das secções a que pertencerem, poderão ter voto deliberativo, si para isso forem autorizados por determinação especial do governo.

Art. 4.º Ao conselho compete:

1.º Dirigir a policia geral do estabelecimento;

2.º Propor os Adjuntos;

3.º Dispor das quantias consignadas ao Museu em conformidade das leis e ordens do governo.

Art. 5.º O conselho será presidido por um dos Directores especiaes que o governo escolher.

O Director presidente do conselho terá o titulo de Director do Museu.

Art. 6.º Ao Director do Museu compete:

1.º Exercer a superintendencia geral de todos os ramos da administração;

2.º Convocar o conselho no principio de cada trimestre e mais vezes, si julgar necessario;

3.º Nomear os serventes para cada uma das secções;

4.º Ter a seu cargo a correspondencia com o governo, ou em seu proprio nome, ou em nome do conselho;

5.º Em caso de urgencia dar as providencias necessarias, participando immediatamente ao conselho ou ao governo o que assim practicar;

6.º Auctorizar com sua assignatura, para que possam ter effeito, as despezas deliberadas em conselho para qualquer dos ramos do serviço.

O Director do Museu no caso de empate terá voto de qualidade.

Art. 7.º O governo designará annualmente um vice-presidente que substitua ao presidente nos seus impedimentos.

Art. 8.º Aos Directores do Museu incumbe:

1.º Dispôr e classificar convenientemente os objectos das respectivas secções segundo o systema que fôr adoptado pelo conselho;

2.º Formar um catalogo exacto de todos esses objectos, com declaração do estado de todos elles e dos que ainda faltam para completar as collecções;

3.º Apromptar os productos que se tenham de dar em troco de outros recebidos dos museus e naturalistas estrangeiros, acompanhando-os dos esclarecimentos necessarios;

4.º Prestar as informações que sobre os objectos da sua especial administração lhes forem exigidas pelo Director do Museu;

5.º Dar um curso annual das sciencias relativas ás suas secções, á vista dos respectivos productos, segundo as instrucções do governo.

Aos Directores especiaes em todos os seus encargos coadjuvarão e substituirão os adjuntos, e a estes os supranumerarios.

Aos Adjuntos e Supranumerarios poderá o governo encarregar de fazer excursões pelas diversas provincias do Imperio com o fim de colligirem ou examinarem os productos que lhes forem indicados.

Art. 9°. Haverá no Museu um Secretario e um Ajudante do Secretario, incumbidos do registro das deliberações do conselho, da correspondencia com os museus estrangeiros e do arranjo, guarda e preparação do archivo e bibliotheca.

O Ajudante será, além disso, especialmente encarregado da contabilidade do estabelecimento.

O Secretario e, na ausencia delle, o Ajudante assistirá ás deliberações do conselho e terá voto consultivo.

O logar de Secretario poderá ser reunido ao de Director de Secção.

Art. 10. O Porteiro, guarda e preparador dos productos zoologicos existentes no Museu fica addido ás duas secções de zoologia e botanica.

Incumbe-lhe a preparação dos productos dessas secções, a guarda e conservação dos gabinetes respectivos, o abrir e fechar as portas do estabelecimento nos dias e horas que forem designados.

Art. 11. Como Guarda e Preparador dos productos respectivos fica addido ás secções de mineralogia e artes liberaes o actual Escripturario do Museu: terá a seu cargo a preparação dos productos dessas secções; a guarda e conservação do laboratorio de chimica e dos gabinetes de mineralogia e artes liberaes; substituirá ao porteiro nos seus impedimentos e poderá passar á propriedade deste logar sem mudar de secção.

Art. 12. O actual Thesoureiro, Escrivão da receita e despeza, fica considerado como ajudante do secretario.

Art. 13. Ficam extinctos os logares de Escripturario, Thesoureiro e Escrivão da receita e despeza.

Art. 14. O conselho de administração do Museu, logo que comece os seus trabalhos, proporá ao governo os regulamentos necessarios no que respeita á administração geral e policia interior do estabelecimento, as correspondencias com as provincias e museus estrangeiros, qualificações dos supranumerarios e a norma da habilitação para os adjuntos.

Art. 15. Os Directores e mais empregados de que trata este regulamento terão os vencimentos constantes da tabella annexa.

Art. 16. A secção de numismatica e artes liberaes será encarregada provisoriamente a algum dos Directores das outras secções.

Candido José de Araujo Vianna, do meu conselho, Ministro e Secretario do Estado dos Negocios do Imperio, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios.

Palacio do Rio de Janeiro, em 3 de fevereiro de 1842, vigesimo primeiro da Independencia e do Imperio.

Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador. —*Candido José de Araujo Vianna.* »

Estava constituido agora o Museu segundo as linhas traçadas pelo seu laborioso e dedicado Director. Foram lavrados decretos com data de 11 de fevereiro, nomeando :

Fr. Custodio, Director do estabelecimento e da secção de mineralogia, geologia e sciencias physicas ;

Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, Director da secção de anatomia comparada e zoologia ;

Dr. Luiz Riedel, Director da secção de botanica, agricultura e artes mecanicas.

Com a data de 18 de fevereiro foram expedidos os titulos de nomeação de :

João de Deus e Mattos, para Porteiro, guarda e preparador da secção de anatomia comparada e zoologia, e de botanica, agricultura e artes mecanicas;

Francisco Antonio do Rego, para Ajudante do Secretario do Museu.

O titulo de José da Silva, nomeado para Guarda e Preparador das secções de mineralogia e numismatica, só foi expedido oito dias depois.

A primeira sessão do conselho administrativo teve logar no dia 1 de março desse anno.

Por decreto de 2 de março foi nomeado o Director Geral do Museu Director da secção de numismatica e archeologia, ficando, por portaria da mesma data, encarregado dos trabalhos da secretaria o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.

Tão numerosos eram os encargos que pesavam sobre os hombros de Fr. Custodio, que elle vio-se obrigado a pedir exoneração do logar de Director da secção de numismatica, para o qual foi depois nomeado, por decreto de 8 de agosto desse mesmo anno, Manoel de Araujo Porto-alegre.

A tabella dos vencimentos annuaes dos empregados do Museu Nacional, a que se refere o regulamento de 3 de fevereiro de 1842, é a seguinte :

Cada um dos Directores de Secção. .	800$000
O Director que for nomeado do Museu mais	200$000
O Director que servir de Secretario . .	200$000
O Director a quem se annexar a secção de numismatica	200$000
O Ajudante de Secretario.	600$000
O Porteiro, Guarda e Preparador das secções de zoologia e botanica. . .	1:000$000
O Guarda e Preparador das secções de mineralogia e numismatica. . .	600$000

Palacio do Rio de Janeiro, em 3 de fevereiro de 1842. — *Candido José de Araujo Vianna.*

Por aviso de 29 de setembro de 1842 ficou o conselho administrativo auctorisado a mandar levantar alguns planos de construcção da fachada do edificio do Museu. Não querendo reservar para sua residencia nenhuma sala maior do edificio, deslocando assim as collecções, que já dispunham de pequeno espaço, Fr. Custodio alojou-se em uma agua-furtada do edificio.

Em meiado de 1843 vieram juntar-se ás collecções do Museu alguns mineraes dos Estados Unidos e productos mineralogicos do Vesuvio, offerecidos por Joaquim Pereira de Araujo.

Havia pouco mais de um anno que o Museu entrara no caminho de uma boa organisação, graças ás solicitações reiteradas e energicas de seu Director, dirigidas ao governo do Estado. Esta esplendida victoria ganha á custa de tanto esforço, em vez de accordar enthusiasmos e provocar louvores no seio da representação nacional, deu motivo a exhibições oratorias de alguns membros da camara alta, que accusaram no Senado o conselho administrativo por faltas no exacto cumprimento do regulamento, e principalmente por não ter ainda organisado um inventario e catalogo dos productos incluidos no Museu.

Em officio, datado de 9 de setembro de 1843, dirigido ao Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio José Antonio da Silva Maia, rebateu o Director do Museu tão injustas e infundadas accusações. A sua defesa, redigida em termos respeitosos e comedidos,

e com argumentos irrespondiveis, não salvou o Museu da sanha daquelles legisladores.

Um aviso do Ministro, de 31 de outubro de 1843, communicou ao Director do Museu que as despezas deste estabelecimento para os annos de 1843 e 1844 tinham sido reduzidas pela lei de orçamento a cinco contos de réis, devendo, portanto, com urgencia fazer-se as reducções necessarias, quer no pessoal e ordenados, quer na verba material, de modo a que a totalidade das despezas não excedesse aquella somma.

Singular demonstração de amor ao progresso e á sciencia !

Não só no Brazil, como ainda em outros paizes mais adiantados do que o nosso, os corpos legislativos, por desconhecerem o valor e a importancia de certas instituições scientificas, teem assaz contribuido com as suas restricções orçamentarias para retardar o progresso e o desenvolvimento dessas instituições. Em tempos muito mais modernos do que o periodo historico que estamos analysando, ouviu-se um representante da nação soltar em face dos seus pares esta assombrosa heresia : « Não sei que utilidade podem ter os museus, essas casas de amostras de animaes empalhados » ! Denota isto que o conhecimento do valor da sciencia e dos meios technicos de transmittil-a e vulgarisal-a nem sempre é apanagio dos homens que occupam uma cadeira no recinto dos congressos e dos parlamentos.

Por isso, no relatorio apresentado por Fr. Custodio em 16 de março de 1844, inscreveu elle com razão estes periodos :

« A utilidade do nosso Museu ainda não está perfeitamente sentida no seio da representação nacional, nem grande parte dos nossos administradores tem reconhecido a benefica influencia de semelhantes estabelecimentos.

Entretanto que as nações européas vão mandando com enormes sacrificios seus sabios perlustrarem este riquissimo Imperio, vamos nós amesquinhando esta creação dos tempos coloniaes ! »

Certo é que por uma disposição orçamentaria ficaram reduzidos os vencimentos dos Directores de 800$ a 200$ annuaes, conservando-se os vencimentos que anteriormente percebiam os empregados subalternos.

Fr. Custodio sentiu devéras este revez da fortuna. Por mais abnegados que fossem os seus auxiliares na administração do Museu, elles não podiam continuar a ter o mesmo incentivo para o trabalho, a mesma dedicação, o mesmo enthusiasmo, depois de um golpe como esse, desfechado pelas mãos da ignorancia e da ingratidão.

Fundamente magoado, dias depois Fr. Custodio adoeceu e foi buscar

allivio e socego ás suas apprehensões e desgostos em um modesto retiro, lá para as bandas da Gavea. Alli, contemplando os penhascos escalvados, que surgem de dentro da espessura das selvas, e ouvindo o brando murmurio dos regatos, que descem pelos encostas abruptas da montanha, elle sentiu-se mais forte para soffrer os golpes das injustiças humanas.

Os ultimos trabalhos do douto cenobita foram dedicados ao exame e á analyse de variadas amostras de minerio, remettidas ao Museu: minerios de ferro, de cobre e de chumbo.

Sentindo as forças alquebradas e as esperanças esvaecidas Fr. Custodio insistiu pela sua exoneração dos dous cargos, que exercia no Museu, sendo-lhe ella concedida em 25 de janeiro de 1847.

Não será este, na historia das instituições scientificas do Brazil, o unico exemplo de uma dedicação sem limites paga com a moeda azinhavrada da mais feia ingratidão.

Até nos governos constitucionaes, onde existe pelo menos uma ficção de responsabilidade dos ministros, imperam caprichos e sustentam-se injustiças como nos governos absolutos das dictaduras irresponsaveis. Não é tanto pelos vicios e defeitos das instituições politicas, quanto pela ignorancia e imprevidencia dos homens que governam, que a sociedade soffre as consequencias dos desmandos e caprichos dos máos governos. E isto se observa principalmente nos paizes onde não existe, ou não tem força a opinião, onde os corrilhos politicos exploram em seu proveito a confiança e o prestigio dos bons cidadãos.

A politica desconfiada, inconsciente e sem objectivo certo, que practicaram quasi todos os governos, que se succederam á abdicação de Pedro I, só podia dar fructos como esse.

Prouvera a Deus que todos os homens possuissem uma nitida comprehensão dos seus deveres, conjunctamente com o instincto das suas fraquezas e imperfeições moraes: elles não se illudiriam então sobre os seus meritos nem sobre a firmeza inabalavel das suas altas posições, que tanto mais seguras lhes parece, ás vezes, quanto mais proximos elles estão da queda. Elles saberiam então, para evitar a catastrophe, voltar atraz nos seus passos erradios, corrigir com geral applauso os seus desmandos e reparar os males e injustiças que houvessem practicado em prejuizo dos seus concidadãos.

Infelizmente a vaidade, a teimosia, o orgulho e certa ordem de sentimentos subalternos cohibem, as mais das vezes, esse bom movimento da consciencia humana.

CONSELHEIRO LEOPOLDO BURLAMAQUI

PERIODO HISTORICO DE 1847-1866

Director — Dr. Frederico Leopoldo Cesar Burlamaqui

SUMMARIO — Receios do Dr. Burlamaqui, quando foi empossado no logar de Director. Seu caracter integro e rectilineo. A commissão de minas e bosques da Camara dos Deputados pede informações ao Director do Museu sobre os metaes e rochas do Brazil. Inicio da formação de uma collecção de madeiras do Brazil. Fica concluida a construcção da parte nova do edificio. Dadiva de 2.000 exemplares de productos marinhos feita pelo preparador do Museu. Nomeação de um Adjunto para a secção de zoologia. Volta a vigorar a antiga tabella dos vencimentos dos funccionarios. Fallecimento do naturalista Descourtilz, substituido por Sohier de Gand. Descoberta de jazidas de combustivel e de minas de cobre na Bahia. Fallecimento e retirada de varios funccionarios, encarregados de commissões extranhas ao Museu. Fundação da bibliotheca. Roubo practicado no Museu. Morte do Dr. Burlamaqui.

Elle subio as escadas do Museu como quem caminha para o sacrificio. Atraz de si presentia a sombra esquiva de um homem de merito subjugado e victimado ; e esta visão dos sentidos despertava-lhe serias apprehensões do futuro. Ardia nelle, porém, a mesma chamma que aquecera o coração patriotico de Fr. Custodio. Suas forças e talentos iam convergir para o mesmo fim — o progresso e o engrandecimento do Museu.

Entretanto, quem sabe, si não foi como um vaticinio que elle, em horas de lazer e meditação, escreveu os seguintes apophthegmas, os quaes encontramos reproduzidos nas — Investigações sobre o Museu Nacional de Ladisláo Netto :

« Abandono, ruina, miseria : tal é o fim das cousas humanas. »

« Quantas vezes o genio não tem sido reduzido a pactuar com o vicio, a abaixar-se, a aviltar-se para impôr os seus beneficios á humanidade ! »

Burlamaqui era o modelo do homem integro, escravo dos seus deveres. Não brincava com a consciencia, nem admittia actos de improbidade : sua carreira traçava uma linha recta, sem desvios, nem sinuosidades. Elle não poupava esforço de vontade para attingir a méta dos seus designios.

Era reputado um bom mineralogista, e essa reputação fundava-se em varias pesquizas importantes que elle fez nessa especialidade.

Fr. Custodio tinha sido seu mestre na Eschola Militar. Elle encontrou um museu já feito, mais ou menos bem organisado, com impetos para progredir, e um pessoal escolhido, affeito ás boas regras da disciplina do seu antecessor.

Sua missão ia tornar-se, por isso, mais facil, e o caminho em que tinha de andar estava de antemão desbravado pelo labor insistente daquelle que havia sido seu mestre.

Tambem no começo deste periodo historico já era o Brazil paiz assaz conhecido dos naturalistas, e a respeito das suas riquezas e producções naturaes se tinham extensamente occupado revistas e publicações estrangeiras. Eram sobretudo as suas riquezas mineraes que attrahiam a attenção do mundo.

Em julho de 1850, a commissão de minas e bosques da Camara dos Deputados dirigiu por intermedio do Ministro do Imperio ao Director do Museu um pedido de informação ácerca dos metaes e rochas do Brazil.

Por essa épocha começou-se a formar uma collecção de madeiras do Brazil, com as dadivas que desse genero de productos fizeram ao Museu o Conselheiro F. Freire Allemão e o Administrador das florestas do Corcovado. Essa importante collecção, que attinge hoje a mais de 800 amostras, dá uma idéa da immensa riqueza florestal do Brazil.

Era intuitiva a conveniencia de ter o Museu exploradores e viajantes a seu soldo para colherem plantas para o hervario, e productos zoologicos para as suas collecções. Por isso o Dr. Burlamaqui conseguiu fosse nomeado colleccionador do Museu o Dr. Theodoro Descourtilz.

Em 1856 ficou concluida a construcção da parte nova do edificio, á qual corresponde a ala esquerda actual; foram pintadas as salas antigas pelo scenographo João Ignacio da Silva Freitas, e comprados moveis na importancia de 7:000$ para guarnecer os salões.

Quando se abriram as salas ao publico estavam já incorporados á secção de zoologia cerca de 2.000 exemplares de productos marinhos, que ás suas collecções offereceu João de Deus Mattos, preparador aposentado.

Porque estivesse assaz accrescida a secção de zoologia e carecesse ella de maiores cuidados e attenção, foi nomeado o Dr. Manoel Ferreira Lagos Adjunto dessa secção do Museu.

Por este tempo, depois de terem supportado com louvavel resignação 11 annos de minguas e sacrificios, viram com satisfação

os empregados do Museu restabelecidos os seus antigos vencimentos, os quaes, por motivos injustificaveis, tinham sido rebaixados de duas terças partes na administração de Fr. Custodio. Esse acto de reparação de uma injustiça clamorosa, que magoara o Director do Museu dessa épocha, praticou-o o illustre Ministro Conselheiro Pedreira, depois elevado a Barão do Bom Retiro.

A má nova do fallecimento de Descourtilz, que havia realizado excursões pela provincia do Espirito Santo com bons resultados para o Museu, deu logar a que Burlamaqui propuzesse ao ministro a nomeação do subdito francez Sohier de Gand para substituil-o.

Este explorador internou-se muito pelo valle do Amazonas e foi dar no territorio peruano, onde encontrou nos habitantes do paiz suspeitoso acolhimento.

Nessa épocha notava-se grande preoccupação entre os exploradores do Brazil de achar jazidas de carvão e de petroleo, na provincia da Bahia. Joaquim Thomaz do Nascimento foi um dos mais interessados no descobrimento de minas de combustivel, e que maiores esforços empregou para descobril-as naquella provincia.

Esse empenho, que vem de tempos tão atrazados, tem passado até hoje por crises diversas, ora de esmorecimento, ora de extraordinaria actividade. Que auspicioso futuro para as industrias no Brazil não seria a descoberta de uma possante jazida de carvão ou de uma camada subterranea de petroleo! Até aqui as explorações das jazidas carboniferas de Santa Catharina e do Rio Grande do Sul não foram regularmente feitas sob as vistas e a direcção de profissional competente, razão pela qual não devemos de todo perder a esperança de entrarmos um dia na posse dessa immensa riqueza, guardada no nosso sub-solo. Os trabalhos mui recentes da commissão presidida pelo geologo Whitte, que do estudo das jazidas carboniferas fez a sua especialidade, animaram muito essa esperança depois de investigações novas mais seguras.

A faina do laboratorio mineralogico do Museu augmentou consideravelmente com o exame de grande numero de amostras de combustivel, procedentes da Bahia, de Santa Catharina e da ilha de Fernando de Noronha.

Fallava-se tambem em grandes jazidas de cobre na Bahia, e numerosas amostras desse metal eram enviadas ao Director do Museu para analysal-as e fixar o seu real valor industrial.

Em todos estes trabalhos de analyse occupava-se com afinco o Dr. Burlamaqui, encerrado em seu laboratorio.

O cansaço, a morte, e as commissões extranhas ao serviço do Museu começaram a abrir claros nas fileiras do pessoal activo desse estabelecimento.

Entrou como Adjunto na secção de numismatica José Thomaz de Oliveira.

Das secções de zoologia e botanica foi exonerado o Preparador Antonio Rodrigues da Cunha, sendo nomeado para substituil-o João Baptista Barros.

Para o logar de Porteiro e Preparador das secções de mineralogia e numismatica foi nomeado Carlos Leopoldo Cesar Burlamaqui, sendo aposentado José da Silva, que preenchia esse logar.

Riedel, Director da secção de botanica, companheiro do Barão de Langsdorff, já mui adiantado em annos, succumbiu a um ataque cerebral.

Emilio Joaquim da Silva Maia, Director da secção de zoologia, falleceu poucos mezes depois (21 de novembro de 1859).

Manoel de Araujo Porto-Alegre deixou o seu logar na secção de archeologia e numismatica para ser nomeado Consul do Brazil na Prussia.

Foi assistindo a essa debandada que o Museu viu romper o anno de 1860. Sobre a lapide que cobriu os despojos mortaes daquelles emeritos obreiros da sciencia espargiram perpetuas e saudades os seus amigos e companheiros de trabalho. Para lembrança do que fizeram e produziram em favor da sciencia e do Museu ficaram os seus estudos sobre as producções naturaes do Brazil.

Porto-Alegre, talento de artista e de poeta, com uma imaginação dantesca e arroubos homericos, deixou o modesto cargo de classificador de moedas antigas no Museu, para soltar, em paragens longinquas, o verbo inflammado do seu immortal Colombo.

No topo da mesa do conselho administrativo via-se agora isolada a figura melancholica de Burlamaqui, olhando em torno as cathedras vazias, de onde a morte arrancara, um a um, os seus melhores collaboradores. Cuidava elle que a ceifa estava acabada, e a segure continuou inexoravel a sua obra de destruição, desferindo golpes mortaes á direita e á esquerda, naquelle troço de homens.

Pouco depois do fallecimento do Dr. Emilio Maia succumbiu Francisco Antonio do Rego, Ajudante do Secretario, sendo nomeado para substituil-o por portaria de 29 de março de 1860 Manoel da Motta Teixeira.

Em 21 de julho de 1860 foi nomeado o Dr. João Joaquim de Gouveia para o logar vago de Director da secção de zoologia.

Para substituir o Dr. Riedel, fallecido a 4 de agosto de 1861, foi nomeado o Dr. Manoel Freire Allemão em 21 de agosto do mesmo anno.

Em 21 de junho de 1869 foi nomeado Adjunto viajante do Museu o naturalista francez L. Jacques Brunet, que esteve apenas dois annos exercendo esse cargo. Substituiu-o como Adjunto viajante honorario o explorador francez Louis Baraquin.

Em 14 de maio de 1863 falleceu o Dr. Manoel Freire Allemão, o substituto de Riedel na directoria da secção de botanica. Foi uma perda lamentavel essa que contristou todos os admiradores das excelsas qualidades que ornavam a pessoa do joven naturalista brazileiro.

Por aviso de 11 de julho de 1863 fundou-se a bibliotheca do Museu com 3.000 volumes, dos quaes mais de metade havia pertencido á extincta commissão scientifica do Ceará, e mais de 200 obras tinham sido legadas pelo Dr. Correia de Lacerda, fallecido no Maranhão.

Esta bibliotheca, que actualmente deve ser considerada a mais rica do Brazil no que respeita á historia natural, ficou a cargo de Manoel Ferreira Lagos.

O logar vago de Director da secção de botanica foi preenchido pelo Dr. Ladisláo de Souza Mello Netto, nomeado por decreto de 22 de março de 1865. O Dr. Ladisláo Netto estava proseguindo os seus estudos em Paris, quando lhe chegou a noticia dessa nomeação. Como elle proprio deixa entrever nas suas — *Investigações historicas e scientificas sobre o Museu Nacional*, essa nova inesperada encheu-o de jubilo e esperanças no futuro.

Para Preparador da secção de zoologia foi nomeado em 14 de janeiro de 1865 Manoel Francisco Bordallo, e para substituir na mesma secção o Dr. Gouveia, fallecido, foi nomeado, por decreto de 14 de novembro de 1866, Manoel Ferreira Lagos, sendo preenchido o logar de Adjunto, que este occupava, pelo Dr. Miguel Antonio da Silva, nomeado por portaria de 12 de dezembro do mesmo anno.

Na noite de 24 de junho de 1866 foi roubado o Museu por ladrões, que conseguiram alli penetrar, subtrahindo grande numero de medalhas e amostras de diamantes, que o Museu não pôde mais readquirir apezar dos esforços nesse sentido empregados pelos agentes da policia.

Em 14 de janeiro de 1866 desappareceu de entre os vivos o Dr. Burlamaqui, a quem o governo havia agraciado com o titulo de conselho, como recompensa dos seus bons serviços na direcção geral do Museu.

Foi esse um periodo fecundo de trabalho, de actividade e de bom regimen administrativo. Sem os obices do seu antecessor, com maior somma de recursos para agir, com melhores auxiliares, e melhores ministros no governo, Burlamaqui pôde dar grande incremento ás differentes secções do Museu e cimentar os alicerces da futura prosperidade deste estabelecimento.

CONSELHEIRO F. FREIRE ALLEMÃO

PERIODO HISTORICO DE 1866-1874

Director — Conselheiro F. Freire Allemão

Summario — Predicados physicos e intellectuaes do Conselheiro F. Freire Allemão. Esforços do seu auxiliar Dr. Ladisláo Netto para melhorar as condições do Museu. As conferencias publicas e a propaganda para a reforma. O Museu passa á jurisdicção do Ministerio da Agricultura. Desejos do Imperador para se effectuar a reforma. Successão de tres ministerios que não tentaram realizal-a. Ministerio do Duque de Caxias. O Ministro Thomaz Coelho ; suas elevadas qualidades de politico e de administrador. Resolução de reformar o Museu. Nomeação de varios funccionarios antes da reforma. Donativos feitos ao Museu. Fallecimento do Conselheiro Freire Allemão.

Physionomia risonha e sympathica, olhar vivo, intelligente, larga fronte emmoldurada por um circulo de alvejados cabellos, expressão no rosto da conspicuidade e da doçura — eis o retrato deste sapiente brazileiro.

Consummado botanico, elle leccionou por espaço de alguns annos esta sciencia na Escola de Medicina; e era um gosto ouvil-o alli dissertar com linguagem primorosa e elevação de idéas sobre a vida das plantas e o segredo da fecundação nos vegetaes.

Elle sabia captar a estima e o respeito dos seus discipulos e incutir-lhes as mais proveitosas noções na materia que ensinava. Escolhendo-o para dirigir o Museu o Governo tinha apenas consagrado com este acto o elevado conceito de que elle gosava.

Para acoroçoar-lhe os bons intentos e ajudal-o na improba faina de encarreirar o Museu aos seus destinos, elle teve a seu lado um joven brazileiro cheio de ardor pela sciencia.

De uma longa estada em Pariz, na convivencia e no trato intimo com os luminares da sciencia daquelle centro civilisado, visitando os museus, frequentando as associações litterarias e scientificas, ouvindo as lições dos grandes mestres, o Dr. Ladisláo Netto recolheu uma grande somma de conhecimentos, dos quaes ia agora aproveitar-se em beneficio de uma instituição scientifica do Brazil. Elle sentia-se com força e coragem para subir a escada em que outros,

menos apparelhados do que elle, tinham conseguido galgar os primeiros degráos, e via com clareza que a occasião era a mais propicia para tentar esse movimento ascencional.

Em pouco tempo toda a actividade administrativa do Museu foi por elle absorvida. O illustre e veneravel ancião Freire Allemão, esgotado por uma longa vida de continuos labores, tendo attingido a méta da notoriedade e das altas posições scientificas do seu paiz, sem mais ambições de grandeza e de fortuna, deixava-se ficar no descanso de uma casinha solitaria e rustica, emquanto do Museu fazia um centro de actividade e de proficuas exhibições o seu joven auxiliar. Todas as secções recebiam o influxo das suas idéas e do seu mando. Era elle quem attendia ás solicitações dos ministros, quem lhes suggeria projectos e planos de reforma, quem ia ao encontro da vontade do Imperador, quem agitava a opinião na imprensa, quem traçava, emfim, o caminho pelo qual se chegaria a reorganisar o nosso Museu, segundo os moldes dos mais acreditados museus do mundo.

Por iniciativa delle realisaram-se no Museu conferencias publicas, annunciadas pelos jornaes, animadas com a presença do Imperador e dos ministros.

Elle proprio, Pizarro, Nicoláo Moreira, Coutinho subiram o estrado da sala das conferencias, e dalli, discorrendo sobre um ponto de sciencia, concitavam os Poderes Publicos a emprehenderem a reforma. Gorceix e Hartt, dous notaveis scientistas estrangeiros, foram alli, a convite delle, discorrer sobre altos assumptos de geologia, que interessavam o Brazil.

Não se poderia conceber uma propaganda feita com maior ardor e habilidade.

Enfeudar o Museu á jurisdicção de outro ministerio, que tivesse mais largas ensanchas para gastar em emprehendimentos novos, antolhou-se-lhe como uma medida de grande alcance. Convites insistentes foram dirigidos ao Conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, Ministro da Agricultura, para visitar as secções do Museu; e de uma visita que alli fez o operoso Ministro resultou ficar elle convencido da necessidade que havia de passar á jurisdicção de seu ministerio o Museu Nacional, transferencia que foi levada a effeito em maio de 1868.

Ladisláo contava muito para chegar aos seus fins com os bons elementos que tinha no partido liberal, em cujas mãos estavam então as redeas do governo; mas receiava que alguma proxima tempestade,

descendo das cumiadas do poder, atirasse abaixo o governo com o partido que o sustentava.

Não foram infundados os seus receios, porque alguns mezes depois era demittido o Ministerio Zacharias e inaugurada uma nova politica com os elementos do partido conservador.

Elle tinha, porém, um ponto de apoio forte, que não mudava, e sobre o qual ia descarregar toda a pressão dos seus argumentos para levar a cabo os seus projectos. Esse ponto de apoio era a vontade do Imperador.

Desde muito tempo, fossem os conservadores ou os liberaes, que governassem, a iniciativa das reformas e melhoramentos dos institutos de sciencia e de ensino no Brazil pertencia ao Imperador.

Era uma especie de privilegio que elle se arrogava a si mesmo, fundado talvez na sua especial competencia e no largo conhecimento que havia adquirido desses assumptos, durante as suas demoradas viagens pela Europa. Com isto não queremos dizer que na execução dessas reformas o plano e a regulamentação fossem obra do Imperador: elle suggeria apenas a necessidade e a occasião de fazel-as, emittia o seu juizo e ouvia a opinião de pessoas extranhas ao governo, que elle considerava competentes para traçar normas nesses assumptos.

O Imperador estava convencido da necessidade de reformar o Museu e isso bastava para que se esperasse obter, em breve tempo, essa reforma. Apezar disso, decorreram ainda seis annos de demorada espectativa.

Uma das accusações que mais justamente mereceram os governos da monarchia foi a de demorarem a execução de certas reformas politicas e administrativas, instantemente reclamadas pela opinião publica, e que passavam como postulados de uns governos para outros. A influencia preponderante que sobre os ministerios exercia a Camara dos Deputados, provocando crises repetidas com maiorias vacillantes, e preparando a quéda dos governos com ataques de emboscada, cerceava-lhes muito a liberdade de agir e obrigava-os a transacções com os membros do Poder Legislativo, nas quaes eram muitas vezes prejudicados os grandes interesses nacionaes.

As reformas de varias instituições de ensino e de serviços importantes, como o de hygiene publica, levaram annos para serem realizadas, não obstante a propaganda activa exercida nesse sentido pelos differentes orgãos da opinião publica!

Ao Ministerio presidido pelo Visconde de Itaborahy, todo preoccupado em resolver as difficuldades financeiras do paiz, succedeu

o Ministerio presidido pelo Marquez de S. Vicente e depois o Ministerio Paranhos, cuja actividade esgotou-se na lucta heroica empenhada em favor da grande reforma social, que visava a extincção da fonte da escravidão no Brazil. Os antagonistas desta reforma humanitaria vibraram todas as armas da opposição, plantaram a sizania nos partidos, ameaçaram derrocar as instituições; mas tiveram de curvar-se resignados ao triumpho da maioria, que votou a libertação dos nascituros. Cançado dessa lucta, o Ministerio Paranhos solicitou do Imperador a sua demissão.

Veio então o Ministerio presidido pelo Duque de Caxias, que pelo seu alto prestigio foi julgado capaz de restabelecer a união do partido conservador e abrandar os rancores e os despeitos mal contidos dos vencidos naquella memoravel campanha.

Na organisação do novo ministerio ficou encarregado de gerir a pasta de Agricultura o deputado Thomaz José Coelho de Almeida. Como mostraram posteriormente os seus actos e as suas resoluções no governo, elle era um espirito de fina tempera, talhado para, em outro scenario politico mais movimentado, ser um estadista á maneira de Talleyrand ou de Machiavel. Não confiava muito nos effeitos da força para governar; achava que ella só devia servir em circumstancias extremas, para remover um perigo ou para salvar uma situação ameaçada. Seus processos de governar eram os da persuasão e da conquista das vontades pela sympathia e pelos bons desejos de servir a todos. Si uma difficuldade no governo vinha antepôr-se aos seus intentos, elle não a combatia de frente, mas contornava-a com a habilidade e a pericia de um bom estrategista no campo de batalha. Não julgava necessarios o rigor e os castigos para manter-se o prestigio da auctoridade.

Uma vez, como Ministro da Guerra, visitando a Escola Militar, em companhia de um seu amigo, Senador do Imperio, foi desacatado por um joven alumno, que, na sua presença, partiu no joelho a espada que cingia, e atirou-a ao chão. Outro teria logo alli mesmo ordenado a punição do alumno insubordinado; elle, porém, limitou-se a indicar ao commandante a conveniencia de fazel-o recolher a uma enfermaria porque estava dando mostras de desarranjo mental. Este proceder annullou todo o effeito, que poderia ter produzido o desacato, e ergueu-lhe o prestigio entre os militares.

Provavelmente, logo após a organisação ministerial, nas primeiras conversas que o Imperador costumava ter com os seus

ministros, tocou-se no Museu, e o Imperador exprimiu o desejo de vel-o melhorado. O Director interino foi ouvido pelo ministro e pelo Imperador, e nessas conferencias ficou concertado o novo plano de reforma.

A' escolha do pessoal presidiu o maior escrupulo, sendo procurados para os logares os homens que tinham mostrado ter para elles competencia. Geralmente, quando se intentava realizar uma reforma, durante o outro regimen, os ministros soffriam pressões de toda a parte para accommodar os protegidos dos deputados e senadores. E' uma tortura, ouvimos um delles dizer uma vez, referindo-se a essas solicitações. Thomaz Coelho, porém, despediu os importunos sem magoal-os, e fez aquillo que elle julgou conveniente fazer.

No decurso deste periodo, que precedeu á reforma, foram promulgados varios actos administrativos e occorreram muitos factos importantes que merecem ser aqui registrados. Delles apenas faremos uma resenha.

Em 3 de dezembro de 1870 foi o Dr. Ladisláo auctorisado a assignar o expediente como director de secção mais antigo, visto não poder assignal-o o director geral.

Tendo fallecido em 25 de outubro de 1871 Manoel Ferreira Lagos, Director da secção de zoologia e anatomia comparada, foi nomeado para substituil-o, por decreto de 22 de novembro, o Dr. João Joaquim Pizarro, o qual accumulou o logar de Secretario do conselho administrativo por nomeação de 4 de janeiro do anno seguinte. Por decreto da mesma data foi nomeado o Dr. Nicoláo Joaquim Moreira Adjunto da secção de botanica.

Em 11 de dezembro de 1870 foi nomeado Praticante Manoel da Motta Teixeira.

Por aviso de 23 de janeiro de 1872 foi designado o Dr. Ladisláo Netto para substituir o Director do Museu nos seus impedimentos.

Para o fim de desenvolver a acquisição dos productos naturaes foi contractado, por aviso de 13 de setembro de 1872, o allemão Carlos Schreiner, sendo admittido, na mesma data, como Naturalista do Museu, Domingos Soares Ferreira Penna.

Uma portaria, datada de 15 de outubro daquelle anno, nomeou Adjunto da 4ª secção o Dr. Pedro Americo.

Em janeiro de 1873 foi enviado para fazer explorações geologicas no Rio Grande do Sul o Naturalista Carlos Schreiner, que só regressou em fins de março do mesmo anno.

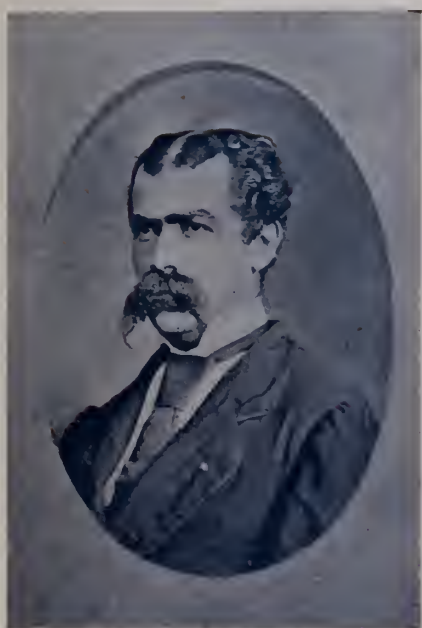
Vieram, como donativos, juntar-se ás collecções do Museu, durante esse anno, 4.700 especimens classificados de plantas offerecidas á secção de botanica pelo Dr. Ladisláo Netto, e varios objectos procedentes da Laponia, do Egypto, e da Russia, offerecidos pelo Dr. Philippe Lopes Netto.

Em 17 de março de 1874 foi o director auctorizado a contractar os serviços do Naturalista allemão Guilherme Schwacke.

Para reorganizar o laboratorio de chimica do Museu foi autorisado o Director a despender a quantia de 1:200$, ficando encarregado de dirigil-o o Dr. Theodoro Peckolt.

Em 10 de novembro de 1874 falleceu o Preparador da secção de zoologia e botanica Manoel Francisco Bordallo, sendo nomeado para substituil-o Eduardo Teixeira de Siqueira em 9 de dezembro do mesmo anno.

Em 11 de novembro de 1874 falleceu na sua herdade rustica de Mendanha o Conselheiro Francisco Freire Allemão.

Como um fóco de luz amortecido, que projecta a espaços pequenas fulgurações, e vae assim esmorecendo até apagar-se, feneceu o notavel botanico Freire Allemão, que ensinou aquella adoravel sciencia a uma geração de brazileiros, e cuja elevada reputação serviu ainda para enaltecer, nos ultimos annos de sua vida, o Museu Nacional do Rio de Janeiro. Sua effigie sympathica occupa um logar na grande sala da congregação, e o seu nome resalta frequentemente ás vistas de quem se dá ao trabalho de manusear o hervario do Museu Nacional.

CONSELHEIRO LADISLÁO NETTO

REFORMA DO MUSEU EM 1876

Director — Ladisláo Netto

Summario — Decreto de 9 de fevereiro de 1876, reorganisando o Museu Nacional. Seus effeitos. Ladisláo Netto como homem de sciencia e como administrador. Esboço biographico de Fritz Muller. O professor Hartt. Sua opinião contraria á hypothese do periodo glacial na America do Sul. Exposição anthropologica. A collecção do Pacoval. Considerações sobre o valor das exposições scientificas. Dr. Clemente Jobert. Medidas restrictivas á exposição de objectos ethnographicos do Brazil.

Foi este o inicio do periodo mais fecundo, de maior actividade e de mais intenso brilho na historia do Museu Nacional. Elle cresceu muito no valor do cabedal que possuia e na reputação scientifica, que já havia adquirido, até nivelar-se com as melhores instituições congeneres existentes em outros paizes da Europa e da America. Seu brilho actual ainda é, por assim dizer, um reflexo da luz intensa projectada por aquella reforma, em pós a qual veio o que se poderia com razão chamar a edade de ouro do Museu Nacional.

DECRETO N. 6.116 — de 9 de fevereiro de 1876

Usando da autorisação a que se refere o art. 20 da lei n. 2.640, de 22 de setembro do anno proximo findo, Hei por bem Reorganisar o Museu Nacional nos termos do Regulamento, que com este baixa, assignado por Thomaz José Coelho de Almeida, do meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, que assim o tenha entendido e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro, em nove de fevereiro de mil oitocentos e setenta e seis, quinquagesimo quinto da Independencia e do Imperio.

Com a rubrica de S. M. o Imperador.

Thomaz José Coelho de Almeida.

Regulamento a que se refere o decreto n. 6.116

CAPITULO I

DO MUSEU NACIONAL, SEUS FINS E ORGANISAÇÃO

Art. 1.° O Museu Nacional é destinado ao estudo da Historia Natural, particularmente da do Brazil, e ao ensino das sciencias physicas e naturaes, sobretudo em suas applicações á agricultura, industria e artes.

Para esse effeito colligirá e conservará sob sua guarda, devidamente classificados, os productos naturaes e industriaes que interessem áquelle fim.

Art. 2.° Dividir-se-ha em tres secções:

1.ª De anthropologia, zoologia geral e applicada, anatomia comparada e paleontologia animal;

2.ª De botanica geral e applicada e paleontologia vegetal;

3.ª De sciencias physicas: mineralogia, geologia e paleontologia geral.

Art. 3.° Emquanto se não realizar a creação de estabelecimento especial para o estudo de archeologia, ethnographia e numismatica, constituirão estas materias uma secção annexa ao Museu Nacional.

Art. 4.° A direcção e fiscalisação de todos os ramos de serviço serão exercidas pelo Director Geral com o concurso de um Conselho Director, na fórma adiante estabelecida.

Art. 5.° Além do Director Geral, haverá tres Directores de secção e outros tantos Sub-Directores, um Secretario, um Amanuense, um Bibliothecario, um Porteiro, um Continuo, seis Praticantes, tres Preparadores e Naturalistas viajantes, cujo numero será fixado pelo Ministro da Agricultura, Commercio e Obras Publicas sobre proposta do Director Geral.

De igual modo será marcado o numero dos serventes.

CAPITULO II

DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 6.° Ao Director Geral compete:

1.° Presidir e dirigir as reuniões do conselho director, tendo voto de qualidade em suas deliberações;

CONSELHEIRO THOMAZ COELHO

2.° Convocar extraordinariamente o mesmo conselho quando convier á boa marcha do estabelecimento;

3.° Nomear os naturalistas viajantes ou auxiliares externos;

4.° Propor pessoas idoneas para os cargos que tenham de ser providos por portaria do Ministro; designar, no começo de cada anno, o Director de secção ou o Sub-Director que deva desempenhar as funcções de Secretario, os Praticantes que tenham de accumular as de Amanuense e Bibliothecario, e o Preparador que deva servir como Porteiro;

5.° Nomear os serventes e designar aos Praticantes e Preparadores as secções em que tenham de servir;

6.° Representar ao Ministro sobre as providencias que julgar convenientes ao estabelecimento; promover relações entre o Museu e analogos estabelecimentos nacionaes e estrangeiros; assignar toda a correspondencia expedida em seu nome ou no do conselho director, e abrir, encerrar e rubricar os livros da administração;

7.° Submetter ao Ministro, até o ultimo dia de fevereiro, uma exposição do movimento administrativo e scientifico do anno antecedente, na qual poderá indicar as necessidades a que convenha attender e propôr qualquer providencia a bem do progresso do estabelecimento;

8.° Dirigir a secção, provisoriamente annexa ao Museu Nacional, de que trata o art. 3°, e bem assim qualquer outra para que seja designado por portaria do Ministro.

Art. 7.° Ao conselho director que se comporá dos Directores de Secção e Sub-Directores, e reunir-se-ha ordinariamente no primeiro dia util de cada mez, compete:

1.° Deliberar sobre as questões em que fôr consultado pelo Director Geral, indicar as providencias que julgar convenientes á administração do Museu e promover seu desenvolvimento;

2.° Organisar o programma dos cursos publicos e o regimento interno do estabelecimento, que ficam dependentes, para sua execução, da approvação do Ministro;

3.° Designar annualmente a commissão incumbida da redacção e publicação dos Archivos do Museu Nacional;

4.° Submetter á approvação do Ministro as instrucções que devem regular a fórma e prazos da inscripção e do concurso para preenchimento das vagas que occorrerem: a natureza das provas e processos de seu julgamento, designando, sempre que tiver de ser preenchida por

esse meio alguma vaga, os examinadores que devam ser escolhidos dentre o pessoal do mesmo conselho director;

5.° Conferir o titulo de *Membro correspondente do Museu* aos nacionaes e estrangeiros que se tornarem dignos desta distincção por seu reconhecido merito litterario e scientifico, e serviços prestados ao estabelecimento;

6.° Velar pela exclusão do presente Regulamento e pela regularidade de todos os ramos do serviço.

Art. 8.° Aos Directores de secção compete:

1.° Classificar, segundo as regras scientificas, os objectos que estiverem sob a guarda da secção, organisando o respectivo catalogo, com declaração do estado em que se acharem e indicação dos que forem precisos para completar as collecções;

2.° Leccionar as materias da secção, de conformidade com o programma adoptado;

3.° Submetter ao Director Geral, até o fim de janeiro, a exposição dos trabalhos realisados durante o anno antecedente, na qual poderá indicar as providencias que entender acertadas;

4.° Cumprir e fazer cumprir as intrucções que, para o desempenho do serviço a cargo da secção, lhes forem dadas pelo Director Geral.

Art. 9.° Aos Sub-Directores compete:

1.° Substituir os Directores de secção em suas faltas ou impedimentos;

2.° Auxilial-os em todas as funcções;

3.° Dirigir os Praticantes e Preparadores nos trabalhos que lhes forem distribuidos;

4.° Reger as cadeiras das secções para as quaes forem designados pelo conselho director.

Art. 10. Ao Secretario compete:

1.° Redigir e fazer expedir a correspondencia, escripturar os livros da administração, lavrar e subscrever as actas do conselho director;

2.° Conservar sob sua guarda, devidamente archivados, todos os papeis e documentos relativos ao serviço do estabelecimento:

Art. 11. O Amanuense será o auxiliar do Secretario em todas as suas funcções.

Art. 12. Ao Bibliothecario compete a guarda e conservação da Bibliotheca, de accordo com as prescripções do regimento interno e as instrucções do Director Geral.

Art. 13. Os Praticantes e Preparadores empregar-se-hão nos serviços que lhes forem indicados.

Art. 14. Os naturalistas viajantes, auxiliares externos do Museu, prestarão os serviços de que forem incumbidos pelo Director Geral.

Art. 15. Ao Porteiro compete abrir e fechar as portas do edificio, velar pela segurança e aceio deste e de suas dependencias, expedir a correspondencia e cumprir todas as ordens do Director Geral.

CAPITULO III

DOS CURSOS PUBLICOS

Art. 16. O ensino scientifico, a que é destinado o Museu Nacional, será dado em cursos publicos e gratuitos por meio de prelecções que serão feitas pelos Directores de secção e Sub-Directores.

Estas prelecções que se effectuarão á noite nos salões do edificio, começarão a 1 de março e terminarão a 31 de outubro.

Cada materia será professada em uma lição semanal, pelo menos.

O objecto de cada prelecção será annunciado no *Diario Official*.

Art. 17. As materias do ensino serão distribuidas em cadeiras, para as quaes o conselho director designará annualmente os Directores de secção e Sub-Directores.

Art. 18. O regimento interno providenciará ácerca das relações entre os Professores e ouvintes, e dos meios de manter a ordem nos cursos publicos do Museu Nacional.

CAPITULO IV

DAS PUBLICAÇÕES

Art. 19. O Museu Nacional publicará trimensalmente, pelo menos, uma revista intitulada: *Archivo do Museu Nacional*.

Nessa revista dar-se-ha conta de todas as investigações e trabalhos realizados no estabelecimento, das noticias nacionaes ou estrangeiras que interessarem ás sciencias de que se occupa o Museu, do catalogo das collecções mais importantes, dos donativos feitos ao estabelecimento, e dos nomes das pessoas a quem seja conferido o titulo de que trata o art. 7° § 5°.

Serão publicados de preferencia os trabalhos originaes do pessoal docente.

Art. 20. A commissão encarregada da redacção e publicação do *Archivo do Museu Nacional* compor-se-ha do Director Geral, um Director de Secção e um Sub-Director.

O orçamento da despeza será, porém, organizado pelo Conselho Director, em cada anno, e submettido á approvação do Ministro.

Art. 21. Será remettida gratuitamente a revista ás bibliothecas e estabelecimentos scientificos e litterarios do Imperio, fundados pelos Poderes Publicos ou por iniciativa particular, e bem assim ás bibliothecas e estabelecimentos estrangeiros com os quaes mantenha o Museu relações ou convenha estabelecel-as.

Igual remessa poderá ser feita ás redacções dos periodicos e revistas nacionaes e estrangeiros.

Art. 22. O Director Geral poderá communicar aos periodicos, nacionaes ou estrangeiros, o resultado de quaesquer investigações ou outro facto digno de publicidade.

Poderá tambem auctorizar, não havendo inconveniente, a publicação gratuita, em qualquer jornal, das actas das sessões do conselho director.

CAPITULO V

DAS NOMEAÇÕES, SUBSTITUIÇÕES, VENCIMENTOS, LICENÇAS, APOSENTAÇÕES E PENAS

Art. 23. O Director Geral, Directores de secção e Sub-Directores serão nomeados por decreto; os Praticantes e Preparadores, por portarias do Ministro, e os demais empregados pelo Director Geral, na fórma já estabelecida.

Art. 24. Os Directores de secção e Sub-Directores serão nomeados mediante concurso, no qual poderão inscrever-se os que, a juizo do Conselho Director, reunirem os seguintes requisitos:

1.° Qualidade de cidadão brasileiro;

2.° Maioridade legal;

3.° Moralidade;

4.° Capacidade profissional.

Art. 25. Os Praticantes serão igualmente nomeados mediante concurso para cuja inscripção devem os candidatos provar, a juizo do Conselho Director

1.° Qualidade de cidadão brasileiro;

2.° Maioridade de 18 annos;

3.° Moralidade;

4.º Habilitação em exame publico nas seguintes materias: linguas nacional, latina e franceza; geographia, arithmetica e geometria.

Art. 26. Poderão ser dispensados do concurso para o preenchimento de qualquer vaga os que provarem ter professado com distincção em universidade, faculdade ou escola, nacional ou estrangeira, as materias sobre que versarem as provas.

Art. 27. O Director Geral participará immediatamente ao Ministro a existencia de qualquer vaga, para que este delibere si deve effectuar-se o concurso, ou a nomeação nos termos do artigo antecedente, ou contractar-se pessoa habilitada, a juizo do conselho director, nacional ou estrangeiro.

Art. 28. Em igualdade de circumstancias com os demais concurrentes, devem os Directores de Secção ser nomeados dentre os Sub-Directores e estes dentre os Praticantes.

Art. 29. O Director Geral será substituido em suas faltas, ou impedimentos por um dos Directores de Secção designado em portaria do Ministro.

Art. 30. Os empregados do Museu perceberão os vencimentos marcados na tabella annexa ao presente regulamento.

Art. 31. Serão observadas em relação aos empregados do Museu, na parte em que lhes forem applicaveis, as disposições dos arts. 27 a 39 do regulamento approvado pelo decreto n. 5.512, de 31 de dezembro de 1873.

Sómente os empregados nomeados por decreto, ou portaria do Ministro terão direito á aposentação.

Art. 32. Tambem serão observadas, na parte em que forem applicaveis, as disposições dos arts. 44 a 46 do citado decreto.

As penas disciplinares serão impostas pelo Director Geral, e, salvo a de suspensão, pelos Directores de secção.

Cabe recurso voluntario para o Ministro, da suspensão imposta pelo Director Geral e para o conselho director das penas impostas pelos Directores de Secção.

Disposições geraes

Art. 33. Sobre representação do conselho director poderá o Ministro elevar até o duplo o numero dos Sub-Directores e dos Preparadores, quando o desenvolvimento do ensino ou as necessidades do serviço o exigirem.

Art. 34. Será franqueada ás pessoas decentemente vestidas a visita do estabelecimento nos dias e horas designados pelo regimento interno.

Aos membros correspondentes do Museu Nacional e ás pessoas que para esse fim obtiverem cartão especial de entrada, que poderá ser-lhes concedido pelo Director Geral, será permittida a visita em qualquer dia e hora, comtanto que dahi não resulte inconveniente ao serviço.

Art. 35. O regimento interno providenciará a bem da ordem e policia do estabelecimento e meios de fazel-os respeitar.

Art. 36. Os nomes das pessoas que fizerem donativos de importancia ao Museu Nacional, a juizo do conselho director, serão escriptos de modo visivel junto aos objectos doados, e em livro especial com declaração do serviço prestado.

Art. 37. Sobre proposta do conselho director poderá o Ministro nomear por portaria pessoas competentes que, com o titulo de *Coadjuvantes do Museu Nacional* se encarreguem, nas provincias em que residirem, de obter informações que pareçam uteis; colligir productos; chamar a attenção para a necessidade de qualquer investigação, corresponder-se com o Director Geral sobre tudo quanto disser respeito ao progresso do estabelecimento.

Art. 38. Nenhuma despeza será autorisada pelo Director Geral sem approvação prévia do Ministro.

Art. 39. A disposição do art. 30, e a da ultima parte do art. 31 ficam dependentes de approvação do Poder Legislativo. Poderão, porém, ser pagos desde já, os vencimentos da tabella annexa ao presente regulamento, uma vez que a despeza com o Museu não exceda a verba que lhe é consignada nas leis do orçamento.

Art. 40. Ficam revogados o regulamento que baixou com o decreto n. 123, de 3 de fevereiro da 1842 e as demais disposições em contrario.

Palacio do Rio de Janeiro, em 9 de fevereiro de 1876. — *Thomaz José Coelho de Almeida*.

A nova reforma começara bem auspiciada: sentia-se que havia um certo enthusiasmo no trabalho, o desejo de erguer alto a reputação do Museu, e fazel-o estimado do publico e do governo da nação.

Trabalhava-se com afinco nos laboratorios e gabinetes; reviam-se as collecções, substituindo-se os velhos especimens estragados, por outros recentemente preparados; enchiam-se os armarios; reuniam-se os ossos esparsos para compor os esqueletos; aproveitavam-se as pelles; dava-se uma apparencia esthetica ás collecções expostas; pregavam-se

novos rotulos, e substituiam-se as denominações genericas antigas por outras modernamente adoptadas.

As conferencias realizadas á noite, attrahiam ao salão do Museu uma sociedade distincta e escolhida, sendo raro que alli faltasse com a sua presença e animação o Imperador D. Pedro II.

Professores, deputados, senadores, altos funccionarios publicos, damas da alta sociedade, lá iam nos dias marcados ouvir, sobre differentes ramos das sciencias naturaes, uma lição succulenta e proveitosa, illustrada com desenhos e estampas muraes, e com amostras dos objectos, aos quaes tinha de referir-se o prelector.

Assumptos de zoologia, de botanica, de geologia, de biologia, de agricultura, de anthropologia eram tratados sob uma fórma synthetica, de sorte a dar o prelector aos seus ouvintes uma resenha de factos e conclusões facil de reter e de assimilar.

Dessas conferencias tiravam-se extractos para serem publicados nos jornaes diarios e tambem em algumas revistas litterarias e scientificas.

As visitas ao Museu facultadas ao publico em tres dias da semana attrahiam para alli mensalmente milhares de pessoas, avidas de contemplarem os objectos expostos.

Assim achava-se o Museu em relação constante com todas as classes sociaes do paiz, desde o soberano da nação até os mais humildes representantes da plebe.

O Imperador, logo que o prelector terminava a conferencia, entretinha-se com elle durante algum minutos, applaudindo umas vezes, outras vezes discutindo pontos de sciencia em que as opiniões divergiam.

Estrangeiros sapientes, taes como Cl. Jobert, Louis Couty, Gorceix, Hartt, foram alli, algumas vezes, conferenciar sobre assumptos especiaes de biologia e geologia, em frente de immenso auditorio.

Fallava-se em toda a parte com grande sympathia e louvor do Museu, e os forasteiros, que, de passagem, visitavam a capital do Brazil, mostravam grande empenho em ver-lhe as collecções.

Trabalhos originaes importantes, publicados nos *Archivos*, com estampas e gravuras, attrahiam nos circulos scientificos de outros paizes a attenção dos sabios para o Museu do Rio de Janeiro.

Mais de 1.000 exemplares dessa publicação, que além do valor intrinseco das materias que nelle se continham, primava pela nitidez da impressão typographica, eram distribuidos regularmente por todos os museus e varias associações scientificas do mundo.

Não tardou muito que o Museu Nacional do Rio de Janeiro fosse considerado nos centros scientificos europeus a mais importante instituição deste genero na America do Sul.

Jámais se poderá contestar, sem offender a justiça e a verdade, que grande foi o impulso que o Museu recebeu da reforma de 1876, para a qual collaboraram, cada um na sua esphera de acção, o Imperador D. Pedro II, o Ministro da Agricultura Thomaz Coelho e o Director do Museu Ladisláo Netto.

Este, com a pertinacia e o enthusiasmo dos homens que querem sobresahir, multiplicava os seus esforços e empenhava toda a sua fria energia para augmentar, cada vez mais, o brilho da sua administração.

Elle tinha, ás vezes, severidades que magoavam e levava as suas exigencias ambiciosas ao ponto de sujeitar todo o movimento scientifico e administrativo do Museu ao dominio exclusivo de sua vontade. Não é offender a sua memoria, aliás por muitos titulos digna de respeito, dizer que no intimo da sua consciencia, elle paraphraseou o dito celebre de Luiz XIV — o Museu sou eu.

Estas tendencias do seu caracter para o governo autocratico, que podiam ter um lado util e favoravel aos interesses da instituição, não deixaram todavia de levantar surdos clamores e de acirrar antipathias e desconfianças entre os seus subordinados e os seus collaboradores. Foi dahi que nasceram e foram, a pouco e pouco, augmentando os pequeninos conflictos de attribuições e de preponderancia, por virtude dos quaes se viu o Museu, alguns annos depois, em situação anarchica.

Como scientista Ladisláo possuia conhecimentos mui variados nos dominios propriamente ditos das sciencias naturaes, especialmente da botanica.

Mui lido era tambem nos classicos portuguezes, razão por que a sua phrase, fosse escripta, fosse fallada, resentia-se da estructura quinhentista, e da abundancia de archaismos. Fallando, elle escolhia os termos com os quaes havia de se expressar: por isso a sua exposição era lenta, pausada, titubeante, sem brilho e sem fluencia. As suas descripções, porém, primavam pelos traços incisivos e vigorosos, pela saliencia dos contornos, pois elle descrevia como si estivera desenhando, tendo a cousa ou o objecto bem á vista.

Elle tinha mui desenvolvido o instincto da fórma, como insigne artista que era, no desenho e na pintura.

Não querendo ficar com a sua actividade intellectual adstricta aos limites mui conhecidos e assaz explorados da botanica, Ladisláo, depois

que assumiu effectivamente a direcção do Museu, volveu a sua attenção e cuidados para o exame de algumas theses insoluveis dos dominios da ethnographia americana. Chegou a sonhar com a vinda dos Phenicios á America e obcecado por esta idéa, que lhe saltou á mente como uma fugulha nas suas leituras sobre o periodo pre-colombiano da America, elle atirou-se com soffreguidão a colher todos os indicios que pudessem suffragar essa hypothese. Nesse empenho exaggerado succedeu-lhe ser victima de uma cilada, habilmente armada por um invejoso rival, ou malquerente, que tinha noção dos idiomas orientaes. Com o ardor de quem realmente houvesse feito uma descoberta de tamanha importancia, qual essa seria, elle tomou por verdadeira uma inscripção phenicia apocrypha que o auctor de uma carta anonyma dizia existir gravada na rocha, em sitio mui proximo do Rio de Janeiro.

Antes que fosse desmascarado o embuste, a noticia do achado correu mundo, alvoroçando por toda parte as associações scientificas, occupadas especialmente com o estudo do periodo prehistorico da America.

Ladisláo, desfiando a trama, em que elle inconscientemente havia cahido, justificou-se plénamente perante aquelles que o increparam de ter baseado uma affirmação daquella importancia sobre um documento apocrypho. Ainda assim forneceu-lhe esse caso uma occasião de provar até onde podia chegar o esforço da sua vontade, e a capacidade do seu espirito investigador, pois que com os seus unicos recursos traduziu os caracteres phenicios e compoz em vernaculo a legenda que nelles estava expressa. Essa traducção, salvo pequeninas divergencias na interpretação de algumas partes, teve depois a confirmação autorizada de Renan.

Volvendo de novo ao caminho em que iamos e do qual fomos accidentalmente desviados pelo desejo de frisar certos traços caracteristicos do mais activo Director que o Museu já teve, continuemos a desfolhar os annaes desta instituição.

No quadro dos membros correspondentes figuravam sabios de todos os paizes, alguns de renome universal : Baillon, Van-Beneden, De Candolle, Duchartre, Decaisne, Eichler, Hooker, Latino Coelho, Parlatore, Quatrefages, Rodlkoffer, Reichert, Virchow, etc.

Dentre elles, alguns, e não dos menos notaveis, foram correspondentes activos, que se interessavam pelos progressos do museu e faziam frequentemente, nas suas obras e publicações, honrosas referencias a esta instituição do Brazil : Virchow e Quatrefages merecem a esse respeito especial menção.

Para promoverem a acquisição de productos naturaes, em pontos extremos do Brazil, foram escolhidos dois homens que se recommendavam pela sua sciencia e provada honorabilidade: Ferreira Penna, no Pará; e Fritz Muller, em Santa Catharina. Este ultimo alcançou um logar na lista dos grandes sabios do seculo findo, e por isso tem todo o direito ás nossas homenagens.

Nascido e educado na Allemanha, onde se formou em medicina na universidade de Greifswald, deixou bem moço a sua patria para fixar residencia no Brazil.

Como Lund, na Lagoa Santa, elle creou, noutro genero de estudos, um dominio scientifico para si nas terras incultas de Santa Catharina. Alli, em uma zona limitada e inexplorada do territorio brazileiro, elle levou a accumular, durante muitos annos, elementos para estudos botanicos e zoologicos de grande valor, que foram publicados nos *Archivos do Museu*, e em varias revistas estrangeiras.

Darwin tinha-o em grande estima, e considerava-o um valente collaborador da theoria transformista. Elle chegou a conferir-lhe o titulo de principe dos observadores. *Für Darwin* é um primoroso epitome de estudos analyticos que Fritz Müller publicou e offereceu ao autor da *Origem das especies*. Alli, assim como em outros differentes trabalhos, elle revelou-se um observador sagaz, que facilmente surprehendia as relações mais intimas dos factos, e sabia delles tirar illações seguras e conclusões verdadeiras.

Para não occultarmos o lado sombrio deste esboço biographico vamos rememorar alguns successos da vida deste illustre homem de sciencia que lhe causaram acerbos desgostos e profundas desillusões. A explanação destes factos obriga-nos a descer a particularidades, em que se desenham bem os sentimentos elevados e o caracter rigido e estoico de Fritz Müller.

Elle não dispunha de gabinetes nem de laboratorios montados para estudar: o seu grande laboratorio era a natureza. Pousando á margem dos regatos, penetrando na espessura das selvas, visitando as praias desertas, caminhando sempre a pé descalço, ao sol e á chuva, dormindo ao relento, como solitario viandante que se compraz em dialogar a sós com a natureza, assim foi que Fritz Müller preencheu a sua longa carreira de sabio neste continente, realizando valiosas pesquizas em apoio da theoria do transformismo.

Elle amava a independencia e a liberdade; e foi por amor dellas que abondonou a sua patria. Como Tolstoï, como Metchnikoff, como Vir-

DR. FRITZ MÜLLER

chow, como Burmeister e tantos outros scientistas de grande renome, elle não sabia dobrar a cerviz ao jugo dos governos oppressores.

Em um recanto do Brazil, porém, elle encontrou a liberdade, a independencia e o socego, que não podia encontrar na sua patria.

Poucos, d'entre nós, conheciam o grande merito desse homem e o valor das suas investigações scientificas : por isso andou elle longos annos labutando intensamente pela vida, soffrendo todas as privações e agruras de um colono expatriado !

Ora ensinando nos lyceus, ora trabalhando para o Museu do Rio de Janeiro, elle ia ganhando dest'arte, com immenso esforço, os parcos meios de subsistencia. Seu alto criterio, porém, sua consummada experiencia fizeram delle um mentor e um oraculo no meio social inculto em que vivia : seus conselhos eram procurados e elle os dava de boamente e sem rebuço. Esta intervenção, tão justa na orientação de algumas consciencias que queriam ser illuminadas e dirigidas, foi julgada perniciosa pelos mandões da terra, e açulou contra elle odios e malquerenças que foram até exoneral-o do cargo de professor do Lyceu de Florianopolis e do logar de naturalista do Museu Nacional.

Desde então o infortunio seguio-lhe de perto as pégadas : elle verteu lagrimas ardentes pela perda da sua companheira de tantos annos e viu descer á campa aquella que havia sido sua filha querida, e o ajudava nos seus labores quotidianos. Durante a calamitosa épocha da revolta de 6 de setembro de 1893 lançaram sobre elle a nota de suspeição, e só por um feliz acaso elle escapou de ser victima dos fuzilamentos. Ah ! si tal succedesse, seria mais um fardo a comprimir a consciencia daquelles que houvessem practicado esse abominavel crime, uma mancha indelevel que ficaria perpetuamente a bradar contra o delicto e contra os algozes nas paginas ensanguentadas da historia daquella rebellião. Fritz Müller falleceu em Blumenau em 21 de maio de 1897, tendo passado 45 annos de sua laboriosa e fecunda existencia no Brazil.

Por decreto de 9 de fevereiro de 1876 foram nomeados: o Dr. Ladisláo Netto, Director Geral do Museu ; o Dr. J. J. Pizarro, Director da 1ª secção; o Dr. João Baptista de Lacerda, Sub-director da referida secção ; o Dr. Nicoláo Moreira, Sub-Director da 2ª ; o Dr. Carlos Luiz Saules Junior, Sub-Director da 3ª.

O cargo de Director da secção de geologia e mineralogia continuou a ser preenchido pelo Dr. João Martins da Silva Coutinho, nomeado em 26 de fevereiro de 1875.

O cargo de Director da secção de botanica foi preenchido cumulativamente pelo Director Geral Ladisláo Netto.

Por portaria de 9 de fevereiro de 1876 foram nomeados Praticantes: Lourenço José Ribeiro da Cruz Rangel, Antonio Teixeira da Rocha, Antonio de Souza Mello Netto, João da Motta Teixeira e Manoel da Motta Teixeira.

Por portarias da mesma data foram nomeados Preparadores: Eduardo Teixeira de Siqueira, Vicente Alves Ribeiro e Carlos Leopoldo Cesar Burlamaqui.

Por portaria do Director do Museu foi designado o Dr. J. J. Pizarro para servir como secretario.

Foram designados os Praticantes Manoel da Motta Teixeira para accumular as funcções de Bibliothecario e João da Motta Teixeira as de Amanuense e o Preparador C. L. Cesar Burlamaqui as de Porteiro.

Foi nomeado Continuo João Gonçalves Pereira Garcia.

No correr do anno de 1877 realizou o Dr. Ladisláo Netto uma excursão á provincia das Alagôas, acompanhado pelos Praticantes do Museu Manoel da Motta Teixeira e Antonio de Souza Mello Netto. Durante a ausencia do Director Geral ficou encarregado de assignar o expediente o Secretario do Conselho Dr. João Joaquim Pizarro.

Em 1878 foi enviado em excursão a diversos pontos da provincia do Rio de Janeiro e ao sul de Minas o Naturalista Carlos Schreiner. Este funccionario do Museu, fallecido em 19 de abril de 1896, foi durante muitos annos um dos mais operosos servidores deste estabelecimento. Dotado da classica paciencia e laboriosidade da raça germanica, elle concorreu com multiplos trabalhos de taxidermia para o augmento e a boa esthetica da secção de zoologia.

Sua indole bondosa, seu caracter franco, seu genio prestimoso conquistaram entre os brazileiros que foram seus collaboradores, sinceras sympathias. Por isso foi mui sentida a sua morte; e como homenagem aos seus serviços e á dedicação que sempre consagrou ao Museu, foi collocado o seu retrato na galeria dos homens illustres deste estabelecimento.

Em março de 1878 o Museu agasalhou nos seus salões as collecções do professor Carlos Fred. Hartt, as quaes para alli foram transportadas, depois de dissolvida a commissão geologica organisada, havia tres annos, por aquelle eminente geologo. A necessidade imperiosa de diminuir despezas e fazer economias no orçamento obrigou o governo a supprimir a verba destinada a essa commissão que encetara os seus

PROF. C. F. HARTT

trabalhos com grande ardor e proficiencia, e havia já accumulado um grande acervo de objectos para estudo.

O indiscutivel valor da personalidade do professor Hartt merece que digamos aqui algumas palavras em honra á sua memoria.

Discipulo de Agassiz, na Universidade Americana de Cambridge, dedicado aos estudos de geographia physica e de geologia, elle legou, como testemunho do seu valor, varios trabalhos scientificos de sua especialidade, a mór parte delles referente á geologia do Brazil. Conheci-o mui de perto, e por mim proprio pude avaliar as qualidades e predicados que exornavam a sua pessoa. Era um scientista de laboriosidade inexgotavel; um espirito calmo na observação, sem pendores para divagar ou generalisar.

Esquivava-se a dizer sobre aquillo que elle não conhecia ou sobre que não tinha opinião formada: meticuloso nas suas apreciações, fazendo sempre justiça áquelles que a mereciam.

Além de muitos escriptos publicados em varias revistas americanas e nos Archivos do Museu do Rio de Janeiro, elle deu á publicidade um grosso volume sobre a geologia do Brazil.

Hartt divergiu da opinião do seu mestre Agassiz quanto ao valor e á significação das provas, que este invocara para levantar a hypothese de um periodo glacial na America do Sul. Com referencia a este assumpto seja-me licito recordar um episodio interessante, passado ha muitos annos, e do qual fui testemunha ocular.

Corria o anno de 1864. Estava eu terminando o meu curso de lettras no Collegio D. Pedro II, quando se annunciou que, em uma das salas do externato daquelle collegio, á rua S. Joaquim, iria fazer uma conferencia sobre a épocha glacial o professor Agassiz, que nessa occasião estava de passagem no Rio de Janeiro.

Assistido por uma concurrencia de espectadores extraordinaria, o sabio professor de Cambridge desenvolveu o assumpto, falando o idioma francez, e illustrando a sua clara e bellissima exposição com magnificos desenhos na pedra. A explicação dos blocos erraticos, a formação das *moraines* nos Alpes, os frisos e riscas regularmente traçadas nas penedias daquella cadeia de montanhas, que elle tinha como indicios do periodo glacial, — tudo isto foi passado em revista com uma clareza de dicção e um methodo admiraveis.

Terminada a conferencia, o professor dirigiu-se respeitosamente ao auditorio perguntando si alguem havia alli que se julgasse pouco esclarecido no assumpto, pois elle estava prompto a elucidar-lhe as

duvidas. Depois de alguns momentos de indecisão e de silencio, ergueu-se o Dr. Carvalho, professor de therapeutica da Faculdade de Medicina, e disse que para si nenhuma novidade achava no que acabava de ouvir, pois todas as idéas apresentadas pelo conferente haviam sido já consignadas nas publicações de Lyell e de Charpentier. Proseguindo elle num tom pretencioso de critico severo, levantou-se o Imperador, que assistia á conferencia, sendo acompanhado nesse movimento por todo o auditorio.

Dest'arte ficou cortada ao meio a objurgatoria do desassisado professor da Faculdade de Medicina, que não soube como disfarçar o seu enorme desconcerto em face daquelle pronunciamento.

O professor Carvalho, devemos aqui dizel-o para explicar a sua conducta no caso vertente, passava por ser um espirito excentrico, defensor de paradoxos e de opiniões abstrusas e insensatas. Elle prégava do alto de sua cathedra magistral que o penhasco denominado *Pão de Assucar*, erguido á entrada do golfo do Rio de Janeiro, possue um systema nervoso ganglionario; que, como qualquer animal superior, aquella mole granitica tem impressões e sentimentos que ella não póde externar!

Entretanto, é preciso confessar que Agassiz foi induzido em erro, tomando por blocos erraticos as massas de granito soltas, que se encontram esparsas pelo valle da Tijuca, assim como por varios pontos da bahia do Rio de Janeiro. O que elle suppoz serem blocos erraticos nada mais são que fragmentos de rocha, cuja divisão e parcellamento effectua-se *in loco*, arredondando-se depois as arestas, a pouco e pouco, pela acção dos agentes atmosphericos, e pelo embate incessante das ondas do mar, de modo a adquirirem muitos delles o aspecto caracteristico das rochas *moutonnées* das encostas alpinas.

Apezar da grande autoridade de Agassiz, a sua hypothese de um periodo glacial na America do Sul não foi suffragada pela opinião de outros homens competentes.

Darwin disse: « Na America Meridional não se encontram blocos erraticos além de 48° de latitude, a partir do pólo austral. Provei que as suppostas excepções á ausencia de blocos erraticos, em certos paizes quentes, são devidas a observações erroneas. Minhas razões foram confirmadas por diversos autores. » (*Voyage d'un Naturaliste*, pag. 267).

Dissolvida a commissão geologica, Rathbun e Branner, que faziam parte della, regressaram para os Estados Unidos, permanecendo ainda no Brazil Hartt e Orville Derby.

Como um architecto, que tendo delineado o plano de um bello edificio, e começado a levantal-o, vê com surpreza e dolorosa emoção as paredes ruirem sobre os alicerces, assim o professor Hartt, que tinha preparado os fundamentos de um trabalho de grande valor com a sua commissão geologica, passou pelo ingente desgosto de vel-a dissolvida antes de haver coroado a sua obra. Não foi pequeno o abalo moral que esse desastroso facto causou-lhe : acabrunhado e desgostoso elle não tardou a succumbir a uma febre grave no dia 18 de março de 1878.

Em agosto deste anno Orville Derby assumio a direcção da 3ª secção do Museu, como funccionario contratado, sendo-lhe permittido occupar-se dos trabalhos da extincta commissão geologica.

Em 11 de outubro falleceu o Sub-Director da 3ª secção Carlos Luiz de Saules Junior.

No correr do mez de julho deste anno, tinha chegado de uma demorada excursão ao Amazonas o Dr. Clément Jobert, que alli foi por conta do governo brazileiro, e dalli trouxe uma collecção de peixes e de plantas toxicas.

Esta collecção foi remettida ao Jardim das Plantas de Paris, afim de ser classificada, e devolvida depois ao Museu do Rio de Janeiro.

Jobert havia sido contratado para reger a cadeira de biologia industrial na Eschola Polytechnica do Rio de Janeiro. Motivos, que nunca busquei conhecer, tornaram a sua posição alli difficil e até insustentavel, razão por que consentiu o Governo em que elle se desviasse do ensino daquella eschola, dando-lhe uma commissão scientifica na parte septentrional do Brazil.

Espirito vivo, scintillante, com a graça fina gauleza e uma facilidade de exprimir-se admiravel, em roda delle ficavam absortos, na mais grata jovialidade, todos quantos ouviam-no narrar as peripecias e aventuras das suas viagens. Era um conversador insigne, que sabia enfeitar a pilheria, e dizer com chiste as cousas mais triviaes. Elle possuia variados conhecimentos em muitos ramos das sciencias biologicas : estudou a physiologia com Cl. Bernard, a anatomia comparada com Milne Edwards, a histologia com Ranvier. Havia nelle, porém, um que de bohemio ; a sua actividade no trabalho vinha por impulsos e periodos de curta duração, aos quaes succediam compridos dias de inercia e despreoccupação. Regressando do Amazonas, communicou-me, cheio de enthusiasmo, ter alli achado algumas plantas toxicas dotadas de effeitos convulsivos, cujo estudo elle pretendia

completar em Paris. Presumo que esse material perdeu-se, pois a tal respeito jámais publicou Jobert nenhuma investigação de sua lavra.

Fanatico admirador do seu grande mestre Cl. Bernard, elle não supportava contradicções ás opiniões que este notabilissimo physiologista sustentara. Uma vez pretendeu alguem demonstrar experimentalmente que a acção do curara é neutralisada no organismo pelo sal de cozinha — facto este que Cl. Bernard negava. Jobert, assim como quem escreve estas linhas e muitos outros medicos e professores da Escola de Medicina assistiam no Museu ás experiencias, com as quaes se pretendia demonstrar esse facto. Na occasião em que uma das provas experimentaes foi negativa, Jobert, com um movimento brusco de indignação, apontando para a cobaia, que estorcia-se com as convulsões da asphyxia curarica, exclamou — « Voilà, Messieurs, la belle physiologie faite à pointe de fleche.» Elle alludia ao methodo de experimentar, que consistiu em praticar-se uma incisão na pelle do animalejo e applicar alli em cima a ponta de uma flrecha envenenada ! Retirando-se do Brazil, elle foi occupar uma cadeira vaga na Faculdade de Medicina de Nancy.

Em 8 de fevereiro de 1879 foi remettido pelo Museu do Rio de Janeiro ao Museu de Sèvres, a pedido do Imperador, uma pequena collecção de vasos indigenas.

Durante este anno o logar de Secretario foi exercido pelo Sub-Director da 1ª secção Dr. João Baptista de Lacerda.

Foi nomeado em 17 de fevereiro para exercer o logar de desenhador Carlos Augusto de Queiroz ; e no mez seguinte para servirem como coadjuvantes do Museu os Drs. João Francisco Dias Cabral, em Alagoas, Manoel Basilio Furtado e tenente-coronel Francisco de Paula Leopoldino de Araujo, em Minas Geraes.

Em outubro de 1879 apresentou o Dr. Louis Couty ao governo o plano para a fundação de um laboratorio de physiologia no Museu Nacional. Deixamos para a parte final deste trabalho dizer tudo quanto occorreu relativamente á fundação deste laboratorio.

No começo do anno seguinte remetteu o Museu á Exposição Internacional de Berlim uma collecção de objectos de pesca, empregados no Brazil.

Em officio de 21 de junho o Director do Museu recommendou os relevantes serviços prestados ao hervario pelos Drs. Antonio Francisco Maria Glaziou e Nicolau Moreira.

A actividade do Museu, durante o anno de 1881, cifrou-se nos preparativos para se realizar, no anno seguinte, a exposição anthropologica.

DR. NICOLÁO MOREIRA

A idéa deste emprehendimento tinha amadurecido no espirito do Director do Museu, e o governo acolheu-a com mostras de satisfação, e promessas de auxilio, que foram cumpridas.

Em 24 de dezembro deste anno o Director do Museu celebrou contrato com o naturalista americano Herbert Smith, pelo qual se obrigou este a fornecer para as collecções do Museu todos os objectos colhidos em suas explorações no interior do Brazil, mediante o pagamento de certa somma de dinheiro, e a propriedade das duplicatas.

Deste contrato resultou para o Museu a acquisição de grande quantidade de pelles de aves, e uma importante collecção de insectos. Confiando na palavra do colleccionador, entregou-lhe o Director do Museu toda a collecção de insectos, afim de fazel-a classificar por especialistas, na Europa e na America, devendo ser depois remettida ao Museu do Rio de Janeiro.

A falta de idoneidade moral da parte do naturalista americano, que o Director do Museu desconhecia, custou-nos a perda dessa importante collecção, que o Museu não conseguiu mais rehaver, apezar de successivas e energicas reclamações.

Raras vezes ha sido feliz o Museu nas permutas com as instituições congeneres de outros paizes, e principalmente com os colleccionadores estrangeiros, que, mediante o pagamento de certa quantia, se obrigam a colher objectos para o Museu. Não foi esse, até agora, o unico prejuizo soffrido por este estabelecimento nas suas relações com os classificadores estrangeiros e nas remessas de objectos para figurarem em exposições internacionaes estrangeiras.

Na exposição de Philadelphia, em 1876, perdemos muitos mineraes das collecções expostas pelo Museu do Rio de Janeiro. Na Exposição de Chicago estragaram-se muitos especimens, que restituidos ao Museu não puderam ser mais reparados. Uma importante collecção de plantas fosseis do Brazil, enviada ao Marquez de Saporta, para estudal-as e classifical-as, lá ficaram muitos annos em mãos daquelle botanico paleontologista, e depois de sua morte extraviaram-se.

Estes desastres já bastam para nos ensinar o caminho que devemos seguir de ora avante em circumstancias anologas, isto é, fazer a remessa por intermedio das legações brazileiras, ás quaes se recommendará usar de todos os meios legaes para garantir no estrangeiro a propriedade do Museu.

O successo mais importante occorrido no anno de 1882 foi a inauguração da Exposição Anthropologica.

Querendo secundar os esforços da Sociedade dos Americanistas e dar maior lustre e renome ao Museu do Rio de Janeiro, Ladisláo Netto concebeu a idéa de organisar aqui uma exposição anthropologica com elementos exclusivamente brazileiros. Esse emprehendimento, cuja utilidade não podia ser contestada, encontrou apoio e protecção nas classes dirigentes do paiz.

Conseguido um auxilio pecuniario para levar a effeito essa idéa, antes de realizal-a, elle entendeu dever partir para o Norte do Brazil afim de colher a maior somma possivel de objectos para a exposição e explorar os depositos ceramicos da ilha Marajó. Acompanharam-no nessa excursão os empregados do Museu Gustavo Rumbelsperger e Manoel da Motta Teixeira, ficando encarregado de assignar o expediente do Museu o Director da secção de zoologia Dr. Lacerda. A parte da ilha escolhida para se fazerem nella as excavações foi uma extensa lombada de terra cortando o lago Arary denominada — Pacoval. Alli foram descobertos grandes depositos de objectos ceramicos, todos moldados em argila: idolos, phallos, figuras zoomorphas, outras anthropomorphas, urnas funerarias de differentes tamanhos, figuras humanas agachadas, gebosas, em grotescas posturas de jogral, e reumdinhas, tangas para velar as partes pudendas femininas, pratos com pinturas em volta, parecendo caracteres de uma escripta ideographica desconhecida, e muitas outras cousas originaes e exquisitas, que foram cuidadosamente transportadas para o Museu Nacional.

Ulteriores estudos sobre esta importante collecção de ceramica indigena induziram a pensar na existencia em Marajó, nos tempos anteriores ao descobrimento da America, de construcções semelhantes aos *mounds* da America do Norte. Não seria fóra de razão admittir-se que um povo já meio civilisado, possuindo o instincto da arte, descera pelo Amazonas, desde as terras altas do Perú até a fóz do grande rio e alli se fixou e viveu em uma épocha anterior ao descobrimento da America. A prova de que esse povo havia attingido um certo gráo de civilisação está nas obras de ceramica, que alli foram encontradas nas excavações do Pacoval.

Com o fim de realçar a exposição vieram do Espirito Santo e de Goyaz alguns indigenas dos dous sexos, procedentes da tribu dos Botocudos e dos Cherentes. Esses individuos, com outros mais, foram retratados a oleo em grandes telas por dous distinctos pintores brazileiros. Os Cherentes foram modelados em gesso, do tamanho natural, por um estatuario estrangeiro, que estava então no Rio de

Janeiro. De cada um delles foram por mim tiradas as medidas anthropometricas.

Armaram-se nas salas da exposição cabanas com as redes e apetrechos domesticos do indio, canôas e ubás, como no acto da pesca; figuras de indio na caça, tudo por imitação do natural.

As bellas collecções de ornatos e vestimentas de pennas, que o Museu já possuia, ficaram num arranjo mais artistico; as armas, as frechas, os maracás, os borés, os tacapes, as zarabatanas, os arcos occupavam grande extensão da sala; os machados de pedra, os polidores, os instrumentos de syenito, os almofarizes, os tembetás, etc., formavam pela sua regular disposição quadros dignos de ver-se e comparar-se.

O curara nas suas cabacinhas e panellinhas de argila, as settas, as aljavas, os curabis de caça hervados na ponta com aquelle veneno, constituiam um grupo de objectos que interessavam sobretudo ao physiologista.

Amostras de carvão, de ossos de aves e de espinhas de peixe extrahidas dos sambaquis, uma planta topographica dessas exquisitas formações conchyologicas; craneos humanos e esqueletos dalli procedentes, utensis de pedra e pontas de frecha formavam outro grupo que attrahia a attenção dos visitantes.

A secção de ceramica avultava pelo grande numero de amostras vindas de Marajó, mais ou menos bem coordenadas.

Cada especie de amostra correspondia a uma tribu, tornando-se dest'arte facil fazer-se a comparação entre os artefactos da mesma especie, pertencentes a tribus differentes.

Foi inaugurada esta exposição no dia 29 de julho (1882) com a presença da familia imperial, do Presidente do Conselho de Ministros, senadores, deputados, membros do Corpo Diplomatico, professores e representantes da Municipalidade.

Durante um mez as salas em exposição do Museu regorgitavam de visitantes: tiravam-se photographias de todos os grupos e objectos expostos, muitos dos quaes serviram para illustrar as paginas da *Revista da Exposição Anthropologica*, publicada sob a direcção do Dr. Mello Moraes.

Esta attrahente exposição, que teve todo o caracter de uma festa scientifica popular, pela primeira vez levada a effeito no Brazil, marcou uma época na historia do Museu. Além dos beneficios de ordem moral, que advieram para aquella instituição dessa larga revista

das suas collecções ethnographicas, accresce que foram estas enriquecidas com os valiosos subsidios enviados de muitas provincias do Brazil.

Por mais que queiram os sectarios de uma certa escola individualista amesquinhar o valor dos congressos e das exposições, quer industriaes, que artisticas, quer scientificas, a pratica vae mostrando, pouco a pouco, a grande utilidade dellas.

Nesses certamens, travados á sombra da paz e da concordia, as nações se approximam com signaes de mutuo affecto, cotejam as suas forças productoras e o valor dos seus productos; trocam idéas, confrontam opiniões, e os atrazados recebem o estimulo e a animação dos mais adiantados, para melhorarem as suas producções e progredirem no caminho da industria das artes e da sciencia.

Com a crescente facilidade de communicação entre os povos, separados por largas faixas do oceano, ou por grandes extensões de territorio, no continente americano, os laços da vida intellectual e industrial vão estreitando-se cada vez mais, de modo a apagarem os traços que delimitam as fronteiras das nações neste hemispherio.

Si o destino que impelle as nações para um fim ignoto, nos prepara a agradavel surpreza de assistirmos um dia á confraternisação dos povos americanos, então, quando os hymnos da paz universal houverem substituido o clangor das trombetas de guerra, a que ficará reduzida a suprema gloria do mundo sinão aos triumphos da intelligencia e da sciencia?

No ponto de vista da evolução social e politica a America ainda é um embryão: ella vae evoluir, ao que parece, de conformidade com as leis do transformismo, caminhando lentamente até encarnar um typo social, que figure o mais adiantado grão da perfeição humana em confronto com os typos já constituidos. Aqui, neste continente, se dará a solução dos grandes problemas do futuro, pela acção combinada das duas raças — uma que já foi a dominadora do mundo, em um longo periodo historico, outra que assumiu a preeminencia incontestada entre os povos cultos modernos. Por uma exaltação de certas qualidades, que a historia natural dos cruzamentos tem demonstrado, o latino e o saxonio cruzando-se, hão de dar ao mundo um producto novo, dotado em alto grão das qualidades eminentes que distinguem as duas raças. O engenho brilhante e artistico do latino se alliará, nesse producto ethnico americano, á energia, á perseverança, ao espirito emprehendedor do saxonio. A intelligencia e a força consorciadas assim em uma massa grande de individuos, terão nas suas mãos o

sceptro do mundo. A realização deste vaticinio não será para nós, mas para os que hão de vir depois de nós, no decurso dos tempos além.

Nos annos subsequentes á Exposição Anthropologica foi o Museu enriquecendo as suas collecções com objectos recebidos de varios pontos do Brazil. Da commissão dirigida pelo engenheiro Morsing, encarregada de construir a via ferrea do Madeira ao Mamoré, veio uma collecção de objectos ethnographicos de grande valor.

Do Rio Grande Sul foi remettido pelo Dr. von Koseritz um meteorito achado em Santa Christina.

Diversos objectos indigenas do Amazonas foram offerecidos pela Baroneza de Canindé.

Ao Museu de Rotterdam offereceu o Museu do Rio de Janeiro uma collecção de objectos antigos e modernos dos indigenas do Brazil.

Foram recebidos com mostras de alta consideração no Museu o Dr. P. Ehrenreich, recommendado pelo professor Virchow, e vindo em commissão da Allemanha, estudar as tribus indigenas do Mucury e Rio Doce, e a commissão allemã do Xingú, da qual faziam parte o Dr. C. von den Steinen, O. Clauss e G. von den Steinen.

Estes exploradores, que encontraram da parte do Governo e das auctoridades do Brazil o melhor acolhimento, que tiveram recommendações do Museu, voltaram para a Allemanha, sem nos deixar alguns valiosos especimens das importantes collecções que realizaram. O mesmo succedeu, em tempos mais recentes, com a commissão presidida por Steindachner, do Museu de Vienna, que esteve explorando uma extensa região do norte do Brazil.

Nos paizes novos, ainda mal explorados, como são todos os da America do Sul, os respectivos governos, como medida justa e de previsão, deviam obrigar os exploradores estrangeiros, que veem aproveitar em favor dos museus dos seus respectivos paizes, as nossas riquezas naturaes, a cederem as duplicatas das suas collecções. A Republica Argentina já deu um exemplo a seguir neste particular, prohibindo por uma lei do Congresso á sahida do territorio argentino de ossadas fosseis; nós deviamos imital-a com relação aos objectos ethnographicos indigenas, e aos productos da ceramica indigena. Que estas espoliações se façam em territorios barbaros ou semi-barbaros, se comprehende; mas que se as consinta em paizes civilisados, que carecem formar e enriquecer os seus museus, é o que se não concebe.

Como era natural, modificações se deram no quadro do pessoal do Museu no decurso dos annos que se foram succedendo.

Por obedecer a lei de incompatibilidade dos cargos, o Dr. J. J. Pizarro, que pertencia ao corpo docente da Faculdade de Medicina, teve de renunciar o logar de Director da 1ª secção do Museu, no qual conseguiu obter, com poucos annos de exercicio effectivo, a aposentadoria (17 de abril de 1883).

Pizarro mostrou ser mais um bom conferente do que um professor technico. Suas conferencias visavam sempre assumptos genericos, que elle estendia com uma linguagem correntia, juntando-lhe o sal de uma anedocta, uma pilheria ou uma allusão hilariante.

Com o seu radicalismo transformista exaggerado elle escandalisou, mais de uma vez, o auditorio feminino, frisando as linhas e os pontos de contacto que existem entre o homem e o macaco. A impressão que isso produziu no animo de algumas damas presentes ás conferencias fel-as desertar do Museu, comprovando-se assim, ainda uma vez, a impossibilidade de reconciliar-se a sciencia com a vaidade feminina e com os preconceitos humanos.

A Biblia, que exprime-se numa linguagem toda ella figurada, que tem, a cada passo, uma allegoria para representar certos factos, dá a creação em seis dias e o homem como termo della, fez insurgir-se a consciencia daquellas damas contra o ensino de cousas tão feias e indignas! E por mais licito que fosse isso, ninguem se atreveria a intentar uma accommodação entre a hypothese scientifica do transformismo e as phrases biblicas, com receio de incorrer na pécha de heterodoxo ou de pensador livre.

Com a retirada do Dr. Pizarro coube, por accesso, a quem escreve estas linhas, o logar que elle deixara vago. Para completar o pessoal da secção foi contractado o Dr. Emilio Gœldi.

Este distincto zoologo, suisso de nascimento, educado nas escholas da Suissa e da Allemanha, activo investigador, com o desejo ardente de estudar de perto a fauna do Brazil, foi um excellente auxiliar da secção de zoologia. Foi elle que commissionado pelo Governo para estudar a praga do cafeeiro, reconheceu ser ella devida a um pequeno nematoide, enkystado nas radiculas do arbusto. Contractado para organizar o Museu do Pará, elle conseguiu, em poucos annos, dar grande amplidão áquelle estabelecimento e tornal-o hoje conhecido em toda a America. Seu recente trabalho sobre os mosquitos do Pará confirmou a reputação, que elle já tinha adquirido, de bom observador.

Em agosto de 1886 chegou ao Rio de Janeiro o Dr. Hermann Burmeister, director do Museu de Buenos Aires, que vinha offerecer ao

Museu do Rio de Janeiro um exemplar do *Scelidotherium leptocephalum*, um dos mais notaveis typos da fauna paleontologica americana. A espontaneidade dessa dadiva de tão excelso valor, e mais ainda, a viagem emprehendida pelo respeitavel ancião, Director do Museu de Buenos Aires, para fazer montar aqui sob as suas vistas o esqueleto daquelle animal, foram actos de tamanha gentileza e obsequiosidade, que delles conservou até hoje o Museu grata memoria e reconhecimento.

Burmeister foi um naturalista classico na America; foi elle que, com a sua alta sciencia e os seus grandes esforços, ergueu o Museu de Buenos Aires; foi elle que fez resurgir do lodo as fórmas colossaes da fauna quaternaria da America do Sul, sepultada nas pampas argentinas. Caracter rispido, duro, intolerante, extranho a tudo quanto não fosse objecto ou assumpto referente á sciencia que elle cultivava, Burmeister conquistou pelos seus numerosos e importantes trabalhos, em varias secções da zoologia, uma reputação universal.

O Museu de Historia Natural de Buenos Aires, situado na rua Peru, esquina Alsina, teve a sua origem na fundação da *Sociedade dos Amigos da Historia Natural do Prata*, em 6 de maio de 1854. Foi um dos mais laboriosos e dedicados membros dessa associação D. Manoel Trelles, que exerceu muito tempo o cargo de secretario. Alli tambem trabalhou o naturalista Augusto Bravard, fazendo estudos paleontologicos. Sendo Governador de Buenos Aires D. Bartholomeu Mitre, e seu Ministro D. Domingos Sarmiento, foi offerecido o cargo de Director do Museu ao notavel professor da Universidade de Halle Dr. Carlos Germanus Conrado Burmeister, que delle tomou posse em 21 de maio de 1862. Durante 30 annos elle dirigiu este estabelecimento, sendo substituido em abril de 1892 pelo Dr. Carlos Berg, ao qual succedeu o Dr. Ameghino, actual Director. Visitando o Museu de Buenos Aires achei o edificio acanhado, mal dividido, sem largueza para expôr as collecções. Destas a mais importante é a dos megatheridios e dos glyptodontes.

Como uma amostra da franqueza rude de Burmeister recordarei um facto que commigo se passou alguns dias depois da sua chegada ao Rio de Janeiro. Desejoso de levar-lhe os meus cumprimentos e homenagens, dirigi-me pela manhã ao hotel onde se tinha elle hospedado e enviei-lhe o meu cartão de visita. Convidado a entrar até o seu aposento, descudei-me de lançar fóra o charuto que vinha fumando. Antes de apertar-me a mão e de corresponder ao meu cumprimento,

exhortou-me, fallando em idioma castelhano, a desfazer-me do charuto, porque disse-me elle, — deve-se ter horror a esse veneno.

Muito ao envez do modo pelo qual procediam todos os sabios estrangeiros, que chegavam ao Rio de Janeiro, Burmeister recebeu a visita do Imperador no Museu, sem tel-o primeiramente visitado. O cumprimento que dirigiu a D. Pedro II foi em poucas palavras, frio, sem amabilidade, sem cortezia.

Estas excentricidades de caracter, porém, não diminuiam o valor intrinseco do sabio : justiça lhe seja feita.

Sua natural irritabilidade revelou-se durante a construcção do esqueleto, com palavras e gestos que chegaram algumas vezes a magoar os circumstantes. Desculpavam-n'o dizendo que eram rabugices da velhice.

Emquanto esteve no Rio de Janeiro não procurou visitar nenhum estabelecimento publico de ensino ou de sciencia, limitando a sua peregrinação diaria em ir e vir do Museu nas horas marcadas para o trabalho.

A sua teimosia conservadora e o seu receio das novidades fizeram-no oppor-se, varias vezes, aos projectos do governo argentino para installar em um novo edificio o Museu de Buenos Aires.

Em setembro de 1886 deu á costa em Paraty uma baleia. Sabido o facto, foram logo tomadas providencias pela directoria do Museu afim de ser transportado para este estabelecimento o esqueleto desse cetaceo. Despidas das partes moles, foram cobertas as differentes peças da ossamenta por espessas camadas de cal, e assim transportadas em uma pequena sumaca até o porto do Rio de Janeiro. Durante muitos mezes essa ossada verteu gottas de oleo, e assim foi-se desengordurando lentamente até adquirir a seccura conveniente para ser montado o esqueleto. Este importante trabalho, que honra a proficiencia e a habilidade dos taxidermistas do Museu do Rio de Janeiro, foi executado por E. Siqueira, Beaufils e Rumbelsperger. Julgo poder affirmar que na America do Sul é este, até agora, o unico esqueleto montado de baleia, que existe. Nem no Museu de Buenos Aires, nem em La Plata, nem em Montevidéo, vi cousa semelhante. Em Buenos Aires vi ossos desse cetaceo, incompletos, soltos, desarticulados.

Por este tempo, já estava mui modificado o quadro do pessoal do Museu : o Dr. Pizarro tinha renunciado o cargo de Director da 1ª secção ; o Dr. Nicoláo Moreira havia solicitado a sua exoneração do cargo de Sub-Director da secção de botanica ; Fritz Müller e Ferreira

C. SCHREINER

Penna tinham sido dispensados de servirem como Naturalistas viajantes, sendo estes logares preenchidos pelo Dr. Von Iehring e Gustavo Rumbelsperger.

No cargo de Sub-Director da 3ª secção estava o engenheiro Francisco José de Freitas, que já exercia interinamente esse cargo desde novembro de 1882.

Em 14 de junho de 1887 foram incorporados ás collecções do Museu diversos especimens archeologicos e ethnographicos offerecidos pelo 1° tenente Laurindo Victor Paulino.

Tendo fallecido o adjunto da secção annexa ao Museu Luiz Ferreira Lagos, substituiu-o nesse cargo Vicente Alves Ribeiro, ex-preparador da 2ª secção.

Em 19 de junho de 1888 falleceu João Ed. Beaufils, sendo nomeado para substituil-o Carlos Moreira, por portaria de 15 de outubro do mesmo anno.

Em 28 de novembro é recebido no Museu o meteorito de Bendegó.

Convidado a tomar parte no Congresso dos Americanistas, que devia reunir-se em Berlim no dia 2 de outubro de 1888, para alli partiu o Dr. Ladisláo Netto com auctorização do governo. Durante a sua ausencia ficou exercendo o cargo de Director Geral o Dr. J. B. de Lacerda, Director de Secção mais antigo. O Dr. Ladisláo levou comsigo para apresentar ao Congresso diversos artefactos ceramicos, procedentes de Marajó.

Em março de 1889 é offerecida ao Museu uma medalha de cobre commemorativa da extincção da escravidão no Brazil, mandada cunhar pela commissão central da colonia portugueza de Pernambuco.

Em 15 de abril do mesmo anno foram nomeados Naturalistas viajantes do Museu Carlos Schreiner e Guilherme Schwacke.

Em 7 de maio remetteu o Museu á Escola Militar do Ceará um caixote contendo mineraes.

Em julho o Dr. Augusto Ximenes de Villeroy offereceu ao Museu alguns artefactos e esqueletos indigenas.

Em 5 de setembro foi nomeado Continuo Interino do Museu Amando Goulart Alvim, por ter pedido exoneração o Continuo José Candido Vieira, nomeado tres mezes antes para substituir no referido logar Rosalino Marques Leão.

No dia 15 de novembro deste anno foi proclamada a Republica no Brazil. Dias depois desse grande acontecimento politico, ao qual

seguio-se uma mudança radical em todas as repartições administrativas do paiz, fui, como era meu dever, apresentar-me aos membros do governo provisorio. Recebeu-me o Sr. Quintino Bocayuva, Ministro do Exterior, o qual com a sua costumada gentileza assegurou-me que o Museu Nacional era uma das instituições do paiz mais dignas da attenção do governo, e que, de conversações que tinha tido com os seus collegas, nascera a idéa de fazel-o transportar para o ex-palacio imperial, na Quinta da Boa-Vista. Acolhi com summo prazer a communicação, accrescentando que não poderia dar o governo melhor destino ao solar da familia imperial banida, e que esperava empregaria o Ministro do Exterior todos os seus esforços para realizar-se com brevidade essa mudança.

A attenção do governo provisorio distrahida, porém, por milhares de assumptos urgentes e complicados, tendo de cuidar da reorganização politica do paiz, por moldes mui diversos daquelles com que tinha sido architectada a monarchia, aguardou mais opportuna occasião para levar a effeito essa idéa.

Entrara o anno de 1890. O Brazil tinha, sem estrepito, quebrado as insignias da realeza, e em vez de corôa cingira o barrete phrygio. Notava-se ainda em algumas classes populares um certo atordoamento, effeito desse inesperado successo. O jubilo e o enthusiasmo de uns contrapunham-se ás tristezas e ao desalento de outros. A nota dominante, porém, era a do jubilo. As adhesões e os protestos de fidelidade á Republica corriam em massa e os mais reflectidos ficavam espantados de ver essa completa inversão de idéas e de crenças operar-se com vertiginosa celeridade.

O governo provisorio precisou ter um folego de gigante para não succumbir ao peso de tanto trabalho e responsabilidade, e por mais que o procurem desmerecer aquelles que votaram até hoje odio implacavel á Republica, a verdade e a justiça mandam apregoar os seus immensos serviços. Talvez houvesse açodamento de mais na obra da demolição do passado, mas esses impetos desordenados foram sempre, em todas as épochas, a partilha indisputavel das revoluções. A de 1789, que se consummou um seculo antes, arrazou a Bastilha, e o furor da Communa, em épocha mui recente, despedaçou a columna de Vendôme, em cujo topo flammejava a mais rutilante gloria militar da França.

Ainda bem que no Brazil, nem os morticinios, nem as perseguições atrozes, nem os horrores do saque mancharam de sangue a bandeira com o signo do Cruzeiro do Sul que ficou sendo o emblema

nacional do novo regimen politico. Tudo acabou em calma e em paz entre os homens.

Ladisláo Netto mantinha intimas relações de familia com o presidente do governo provisorio, general Deodoro. Por isso elle contava obter desse governo, em occasião opportuna, uma reforma do Museu moldada segundo um plano que elle havia concebido.

Em 9 de fevereiro foi nomeado para o cargo de Secretario interino o bacharel Hermillo Bourguy de Mendonça, por achar-se com licença o Dr. Francisco José de Freitas.

Em 12 do mesmo mez foi proposto o engenheiro Hildebrando Teixeira Mendes para o cargo de Sub-Director interino da 3ª secção.

O Dr. Ladisláo Netto em officios successivos insistiu na conveniencia de mudar-se o Museu para o Palacio da Quinta da Boa Vista; o governo, porém, não pôde attender a essa indicação, porque cogitava em reunir o Congresso Constituinte naquelle palacio.

Em abril foi offerecido ao Museu pelo Sr. Frederico de Freitas Sampaio um esqueleto de hippopotamo.

Obedecendo ás naturaes tendencias do seu caracter imperioso e auctoritario, chegou Ladisláo a convencer-se de que o regulamento de 1876 não conferia ao director do Museu aquella somma de poder que elle julgava necessaria para o bom governo da instituição. Já em 1880 elle vira com máos olhos encravar-se no Museu o Laboratorio de Physiologia Experimental, com organisação independente do regulamento geral do Museu, e dotado de verba especial. Elle não podia supportar que o Laboratorio de Physiologia funccionasse livremente no Museu, sem submissão á sua auctoridade; sabedor, porém, do interesse que o Imperador mostrava por esse laboratorio, não teve coragem de encetar junto ao governo uma propaganda contra elle. A hostilidade não foi além de pequenas escaramuças, movidas á surdina, que obrigaram o director Louis Couty a subir até o palacio de S. Christovão para queixar-se ao Imperador dos acintes do Director do Museu. No sabbado de recepção, Ladisláo, acompanhado por quem escreve estas linhas, foi cumprimentar o Imperador, de quem ouviu, ao despedir-se, as seguintes palavras emittidas em tom de voz bem accentuado: — não quero que o senhor brigue com o Couty, nem lhe perturbe os trabalhos. Passou-se isto em 1883.

Mas em 1890 Couty havia fallecido, e a direcção geral dos trabalhos do Laboratorio de Physiologia estava nas mãos de Lacerda, que exercia cumulativamente o logar de Director da Secção de Zoologia.

Então o Imperador estava banido; tinha desapparecido, portanto, essa peia, que contivera Ladisláo durante alguns annos na realização do seu plano ambicioso de tudo abarcar no Museu, inclusive o Laboratorio; agora era opportuna a occasião para levar a effeito os seus designios, propondo ao governo provisorio uma reforma, que foi concertada em segredo entre o Director e o Ministro, sem audiencia da congregação.

O decreto de 8 de maio de 1890, sob n. 359 A, reformou o Museu Nacional. Um dos artigos do regulamento que acompanhou esse decreto, estabelecia que o Laboratorio de Physiologia seria destacado do Museu, devendo o governo dar-lhe o destino que julgasse mais conveniente. Em outro artigo do mesmo regulamento ficava determinado que nenhum funccionario do Museu poderia exercer fóra do Museu outro cargo, sendo permittido aos que nesse caso estivessem optar por um dos dois cargos.

Varias outras disposições desse longo e complicado regulamento vinham apertar mais ainda os laços de dependencia e sujeição, que manietavam os funccionarios do Museu á vontade do Director Geral.

A publicação no *Diario Official* dessa peça de arrocho causou, entre os funccionarios superiores do Museu, o effeito de um peloiro.

Tinham sido todos colhidos de improviso em uma armadilha, na qual só havia duas portas de sahida: a da resignação e a da retirada com protestos de insubmissão. Alguns tomaram esta, outros seguiram aquella, conforme as imposições da consciencia de cada um. Schwacke seguiu para Minas, onde lhe confiaram a direcção da Escola de Pharmacia de Ouro Preto; Derby deixou o Museu para assumir a chefia da commissão geologica e geographica de S. Paulo; eu renunciei o logar de Director da secção de zoologia para não deixar ir sem destino o laboratorio de physiologia, que foi tambem obra minha, e cujo desenvolvimento eu havia acompanhado desde os seus principios.

Com esse regulamento draconiano Ladisláo nada mais fez do que accumular em torno de si elementos de subversão, levantando conflictos repetidos com os seus subordinados que chegaram até o conhecimento do governo.

A arma que elle tinha açacalado para sua defesa, deu-lhe tambem um golpe fundo, como adiante mostraremos.

Tendo sido concedida aposentadoria ao Porteiro do Museu Carlos L. Cesar Burlamaqui, foi nomeado para exercer esse logar Antonio Alves Ribeiro Catalão.

Em a noite de 30 de setembro de 1890 foram roubados de um dos armarios da 4ª secção, onde estavam expostas as antiguidades do Perú, varios objectos de ouro, que serviram nos templos dos Incas. Attribuiu-se a principio a auctoria desse roubo a um servente do Museu, que foi posto em custodia. Ficou provado, porém, por indagações ulteriores, que o auctor desse roubo foi o francez Leon Lagié. Tendo elle, entrado no Museu, nas horas regulamentares da visita, conseguiu occultar-se em um desvão da escada, por trás de uma canoa grande, feita de casca de arvore, de onde sahiu, a horas mortas, para practicar o roubo. As energicas providencias tomadas pela policia conseguiram descobrir o criminoso e restituir os objectos roubados ao Museu.

A vida de attribulações que levava o Dr. Ladislão Netto, hostilisado por quasi todo o pessoal do Museu, começou a abalar a sua organisação physica, de tal sorte que no dia 26 de junho de 1901, despachando na secretaria o expediente, foi de subito acommettido de um ataque cerebral, com perda dos sentidos. Em estado de completa inconsciencia foi elle transportado ao seu domicilio, onde lhe acudiram com promptos soccorros medicos.

Dez dias depois dessa funesta occurrencia as melhoras se tinham accentuado, tanto que elle voltou a assignar em domicilio o expediente.

Durante os dias de impedimento de Ladislão assumiu as funcções de Director, por se considerar o mais antigo, o Dr. Neves Armond.

Encerrado o Congresso Constituinte, tomou o governo provisorio a deliberação de transportar as collecções do Museu Nacional para o palacio da Quinta da Boa Vista. Essa mudança que levou a effectuar-se cerca de dois mezes, sendo os objectos transportados sobre trilhos, em vagonetes, até á Quinta da Boa Vista, custou, apezar do zelo com que se houveram os funccionarios do Museu, a perda de muitos especimens das collecções. Em 25 de julho de 1892 o Museu estava totalmente transferido para a Quinta da Boa Vista.

Em 6 de setembro Ladislão Netto passou a direcção do Museu ao Dr. Amaro Ferreira das Neves Armond, por ter sido nomeado vice-presidente da Commissão Brazileira da Exposição de Chicago.

De volta dessa commissão, Ladislão solicitou a sua aposentadoria no logar de Director do Museu, a qual lhe foi concedida por decreto de 28 de dezembro de 1893.

Para substituil-o interinamente foi nomeado o Dr. Domingos José Freire, professor de chimica aposentado da Faculdade de Medicina, o qual, durante o tempo que esteve em exercicio, limitou a sua tarefa a assignar o expediente.

Essa interinidade foi de longa duração (8 de fevereiro de 1893 — 8 de janeiro de 1895). De uma conferencia, que tive com o Presidente da Republica Dr. Prudente José de Moraes Barros, resultou ser eu nomeado Director do Museu por decreto de 7 de janeiro de 1895.

PERIODO ACTUAL — 1895-....

Director — Dr. J. B. de Lacerda

Summario — Minhas intenções, quando assumi o cargo do Director. Melhoramentos no edificio do Museu. Reconstrucção do esqueleto da baleia. Reposição do meteorito de Bendegó. Demolição do pavilhão do Congresso. Excursões marinhas e alpinas. Necessidade de continuarem os estudos de Biologia no Museu. Impecilhos ao progresso desses estudos. O Brazil deve apparelhar-se com as forças da sciencia e do ensino para não perder a hegemonia na America do Sul.

Conhecia bem as tradições daquelle estabelecimento, onde labutara, durante 15 annos, com uma dedicação tão extremada por elle, que chegou a prejudicar os meus interesses particulares. Entre os funccionarios que fui encontrar, quando tomei posse do cargo de Director, muitos tinham sido meus companheiros de trabalho, e delles guardava as mais gratas impressões de confraternidade.

Sabia que naquelle gremio ateara-se a discordia, durante a longa administração passada; que os conflictos e as luctas suscitadas, nesse periodo, entre o Director e os seus subordinados, haviam creado, dentro daquelle estabelecimento, uma atmosphera de desconfiança, que seria preciso varrer em beneficio dos progressos da instituição. Entrei, pois, com o pé firme e o animo resoluto para fazer o bem e evitar o mal. Dispunha da mais ampla confiança do governo, e contava conquistar, em breve tempo, a confiança dos meus subordinados.

Logo, na primeira reunião da congregação, expuz claramente e sem subterfugios os meus intentos, e o modo pelo qual me propunha a administrar o Museu; disse: que tinha deante de mim collegas diplomados, quasi todos distinctos, dedicados ao exacto cumprimento dos seus deveres, com serviços prestados á sciencia e á patria; e que isso bastava para tratal-os com a deferencia que elles mereciam. Contava com o seu apoio e a sua dedicação, e esperava que no desempenho das nossas respectivas obrigações não me quizessem considerar sinão como um *primus inter pares*.

Senti que esta curta allocução havia produzido um effeito salutar; mas como as palavras sem os factos deixam sempre uns resquicios de duvida, esperei que os factos me proporcionassem occasião de demonstrar a sinceridade das minhas palavras.

O Museu estava então no começo de um periodo de reconstrucção material. Como tantas outras instituições do paiz, elle havia atravessado o periodo da revolta de 6 de setembro, cheio de sobresaltos e de inquietações, ante a feição ameaçadora de derrocar tudo, que havia assumido a rebellião. Suas valiosas collecções, conservadas com tanto cuidado e esmero, foram todas deslocadas, e transportadas para um edificio com vastas proporções, é verdade, mas sem nenhuma adaptação nas suas divisões internas, para uma methodica distribuição dos objectos de conformidade com as differentes secções do Museu.

O palacio que servira de habitação ao Imperador, havia passado por grandes transformações depois do advento da Republica, para nelle installar-se o Congresso Constituinte. O pavilhão do Congresso, armado no centro do edificio, fechando hermeticamente um grande pateo, que fornecia luz e ar a todos os aposentos internos, mudou inteiramente as condições hygienicas do edificio, tirando-lhe a illuminação natural e impregnando de humidade as paredes dos aposentos interiores.

As collecções mineralogicas jaziam accumuladas, sem ordem nem methodo, nos desvãos das columnas, que sustentavam a cupola dessa construcção exdruxula, enxertada no amago do velho palacio: a luz escassa, que vinha de cima coada de uma claraboia, não permittia examinal-as; e a impressão que se sentia dentro desse vasto ambito sombrio, atravancado de columnas e soportaes, não convidava os visitantes a alli permanecerem.

A minha primeira campanha foi, portanto, pela demolição do pavilhão. Ella se fez sem grande onus para o Thesouro, ficando em torno do pateo uma galeria mui extensa, onde estão agora expostas panoplias de armas indigenas, e diversas antiguidades egypcias. Depois, a pouco e pouco, com os recursos orçamentarios de cada anno, foram-se rasgando novos salões no 1º pavimento, aproveitando-se as salas do rez do chão para as collecções paleontologicas, pintando, limpando e caiando tudo quanto se pôde assim fazer com os recursos ordinarios do Museu.

Para evitar contendas e reclamações diarias dos confrontantes do Museu requisitei a demarcação dos limites do parque, e a sua cercadura

por postes de ferro e fios de arame. O esqueleto de baleia, cujas peças jaziam separadas, foi remontado em frente ao pateo central, sobre columnas de ferro. O Bendegó, que jazia no solo, fóra do edificio, foi recolhido ao vestibulo e assentado sobre columnetas de marmore. A bibliotheca foi transportada de uns quartos escuros e baixos do 2° pavimento para dois vastos salões, bem illuminados do 1° pavimento. Este anno, com o auxilio de uma verba extraordinaria, votada pelo Congresso, abriram-se no 1° pavimento dois extensos salões symetricos; no 2° pavimento prepararam-se as salas para os laboratorios e para a installação da officina photographica; melhoraram-se os commodos, que servem de habitação ao Porteiro, ao rez do chão; e construiu-se uma extensa galeria, em tres planos superpostos bem illuminada, suspensa por columnas de ferro, e com uma balaustrada em volta. Todo o exterior do edificio foi reparado e pintado de novo. Os velhos armarios foram substituidos por novos, de fórmas mais leves e elegantes, e cada sala ficou sendo conhecida pelo nome celebre de um naturalista nacional ou estrangeiro. Melhoraram-se as condições do parque, abrindo-se uma rua circular, abastecendo-se d'agua os lagos, e construindo-se um jardim em frente do edificio. O salão da congregação foi retocado nas suas bellas decorações, e a sala nobre de recepção inteiramente reformada nos adereços e na mobilia.

Iniciei a formação de um catalogo das collecções, que está prestes a ser concluido, e busquei dar maior impulso á distribuição dos archivos, nos quaes deixaram de apparecer trabalhos publicados sómente em portuguez, para apparecerem tambem publicados em francez, inglez e allemão.

Promovi excursões, das quaes resultaram vantagens mui grandes para a sciencia e para o Museu: a que realizou o assistente Dusen no Itatiaya, deu-nos um conhecimento completo da flora daquella região; e as que a bordo do *Annie*, fizeram os Srs. Alipio de Miranda e Carlos Moreira, enriqueceram a secção dos peixes do Museu com um numero grande de especies, que vivem nas costas do Brazil, algumas dellas ainda não conhecidas nos registos dos museus estrangeiros.

Salvo o complemento de mais outra galeria, posta symetricamente áquella, que foi este anno construida, a adaptação do edificio do Museu Nacional póde-se considerar terminada.

Possuimos agora um bom edificio, preciosas collecções já classificadas, amostras raras de productos originarios do Brazil, especimens

curiosos dos tres ramos da natureza; temos emfim quanto é preciso para compor um museu de historia natural de 1ª ordem. Mas devemos advertir que modernamente a missão dos museus não está reduzida, como outr'ora, a ser um simples repositorio de objectos interessantes expostos ás vistas do publico, que nem sempre sabe tirar reaes vantagens para a sua instrucção, de um exame perfunctorio de taes objectos. O seu campo de acção é mais amplo, por isso que nelle se inclue hoje a parte investigavel da sciencia, a pesquiza experimental, exercitada ao lado da systematização, da coordenação e da classificação dos especimens naturaes e das collecções.

Não se conhece hoje um bom museu de historia natural que não tenha laboratorios, e onde não se estudem questões de biologia com todos os recursos technicos da sciencia moderna.

As notaveis investigações de Cl. Bernard sobre os phenomenos da vida, communs aos animaes e ás plantas, assim como as suas descobertas sobre o curara, foram trabalhos realizados no Museu de Historia Natural de Pariz. Os recentes trabalhos de Physalix e Bertrand sobre o veneno da vibora tiveram alli tambem a sua origem.

No Museu Britannico começou-se a estudar, não ha tres annos, a biologia do mosquito. Estudos physiologicos e histologicos interessantes fizeram-se alli tambem sobre os peixes electricos, sobre os animaes phosphorescentes, sobre as plantas carnivoras.

O estudo da biologia, sob as suas multiplas faces e pontos de vista, comprehendendo não só os animaes como as plantas, entra hoje como parte integrante e essencial do programma dos museus mais bem organisados do mundo. O Museu do Rio de Janeiro não deve fazer excepção a essa regra, pelo que conviria fossem continuadas as pesquizas que alli realizei, no espaço de muitos annos, sobre os venenos animaes, sobre a acção toxica de certas plantas brazileiras e sobre os germens productores de molestias que se desenvolvem, quer no homem, quer nos animaes.

Infelizmente, devemos dizel-o por amor da verdade, são numerosos os impecilhos á realização desse programma.

O primeiro delles é a falta entre nós de uma educação technica perfeita que ensine a apparelhar uma experiencia, a executal-a com todos os requisitos de boa eschola experimental, e a interpretal-a com o bom senso e a logica de um experimentador consummado.

O outro impecilho é a falta de enthusiasmo e de ardor no trabalho, que se nota entre os jovens da presente geração no Brazil.

Elles querem tarefas faceis para se occuparem dellas: não teem a perseverança necessaria para vencerem difficuldades e resolverem problemas ás vezes simplices, mas que exigem horas seguidas de labor e de attenção firme. Preferem discorrer com presumpção de grande sapiencia sobre assumptos que ignoram, a fixar o seu espirito no exame e na apreciação demorada de alguns factos interessantes provocados pela experiencia.

Na lista dos impecilhos está em ultimo logar, a avareza com que os governos do Brazil remuneram os trabalhos de sciencia. Uma ninharia, que não equivale á metade do que percebe, na sua carteira commercial, um caixeiro de segunda ordem, é muitas vezes a magra remuneração de um homem que, durante longas horas do dia, põe em contribuição todo o valor das suas faculdades intellectuaes, para analysar um facto ou descobrir uma verdade que póde interessar o genero humano! Esta mesquinhez vae produzindo o caso lamentavel de os sabios se tornarem industrialistas, aproveitando-se das suas proprias descobertas e explorando-as em seu beneficio. Esta tendencia, que vae se generalisando, já invadiu até os mais elevados gremios scientificos do mundo; e não será de admirar que, dentro de alguns annos, o sabio esteja collocado na mesma cathegoria, com relação ás suas descobertas, em que está o aventureiro, que anda correndo mundo á cata de uma jazida de carvão ou de uma rica mina de ouro. A louvada abnegação de Pasteur ficará apontada como um exemplo raro, digno de imitação, no seculo passado.

Em resumo, duas condições devem ser preenchidas para não descer da altura em que se acha actualmente o Museu Nacional do Rio de Janeiro:

1.ª Facilidade de adquirir um pessoal sufficientemente habilitado, seja elle nacional, seja estrangeiro;

2.ª Elevada remuneração desse pessoal com a obrigação explicita de consagrar-se elle unicamente ás investigações scientificas.

Tambem uma medida, que carece ser attendida como condição essencial do progresso do Museu Nacional, é restabelecer, no quadro do pessoal do Museu, a classe dos Naturalistas viajantes. Si o governo não tomar a esse respeito uma deliberação prompta, teremos de lamentar em breve tempo a decadencia do nosso museu, que manteve, até agora, a primazia entre os museus da America do Sul.

Os offerecimentos de objectos vão se tornando, de mais em mais, raros, porque cada Estado da Republica entende dever fundar um

museu, embora formado de collecções estropiadas, não classificadas, sem nenhum valor technico. O que devia ser remettido ao Museu Nacional é offerecido aos museus dos Estados. A nossa verba para a acquisição de collecções e objectos de historia natural é mesquinha. Bem se vê, portanto, que o unico recurso que ao Museu resta para augmentar as suas collecções é mandar colhel-as pelos seus emissarios, que são os Naturalistas viajantes. Demais, a ausencia desta classe de funccionarios é uma lacuna que não existe presentemente em nenhum museu de 1ª ordem. O Museu de Buenos-Aires mantem á sua custa uma turma de exploradores na extensa região das pampas, procurando extrahir dás camadas do solo as ossamentas dos animaes fosseis, que estão figurando como preciosidades paleontologicas nas ricas galerias do Museu Argentino.

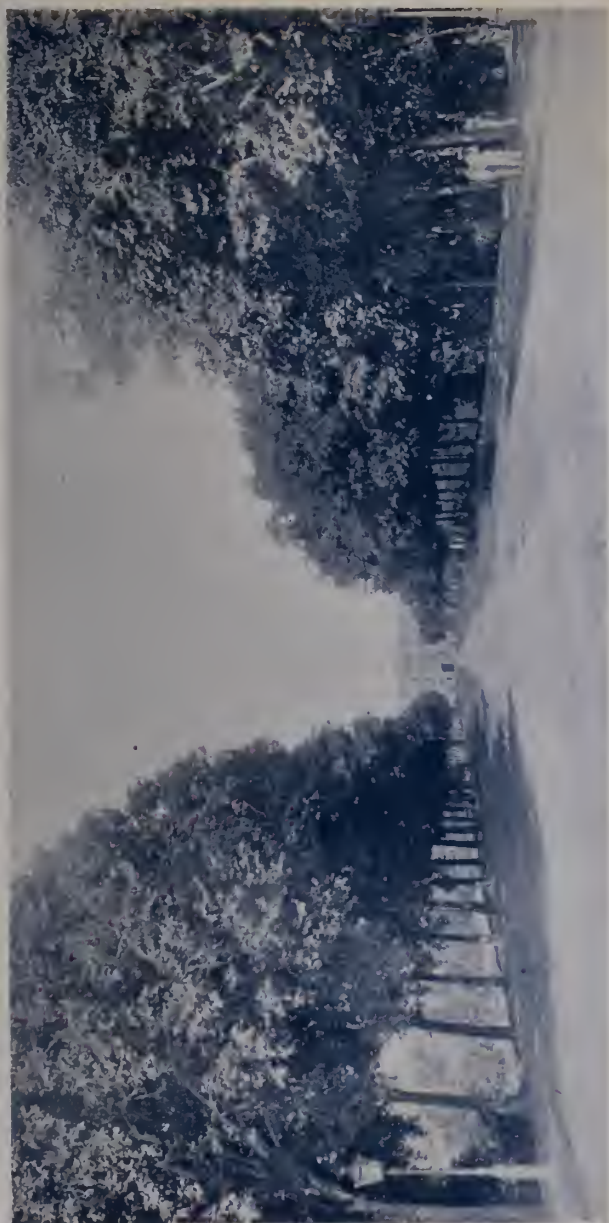
Por que havemos de ter a resignação de ficar parados quando vemos os outros caminhando?

Si queremos tornar indiscutivel a hegemonia do Brazil na America do Sul, não devemos encarar essa these politica só pelo lado da força material bellica, do commercio e da industria, mas sobretudo no ponto de vista da superioridade dos nossos recursos intellectuaes e dos nossos institutos de ensino e de sciencia.

DESCRIPÇÃO GERAL DO EDIFICIO E DAS COLLECÇÕES

O edificio do Museu Nacional, occupa uma eminencia no vasto circuito da quinta da Boa Vista. Elle está cercado de um bellissimo parque, entrecortado de extensas alamedas, renques de mangeiras e avenidas de bambús, lagos artificiaes, cascatas, tufos de arvoredos e arbustos, que lhe imprimem o aspecto variegado e multicolor das mais lindas paizagens tropicaes. Dos pontos culminantes do palacio descortinam-se, em volta, panoramas deslumbrantes; e dalli a vista alcança, a muitos kilometros de distancia, a bahia do Rio de Janeiro, o Corcovado, e a Tijuca.

O aspecto geral do edificio é imponente. De frente, elle apresenta-se formado de um corpo central reentrante e dois torreões lateraes salientes, medindo a largura total da fachada 74 metros

Sua ornamentação é sobria e derramada; mas a perfeita harmonia das linhas com os angulos e a regular proporcionalidade das

ALAMEDA DAS SAPUCAIAS

(PARQUE DO MUSEU)

MUSEU NACIONAL

secções differentes da fachada imprimem ao conjuncto um aspecto nobre e magestoso.

Em frente do edificio, num vasto hemicyclo, em fórma de ferradura, assenta um extenso jardim, dividido em varios taboleiros de relva circulados de arbustos. Corta-o pelo centro uma vereda rectilinea, que vem, em pequeno declive, subindo do Arco Romano, até a entrada do edificio. A meio caminho, uma bacia com repuxo esparge agua em torno, refrescando o ambiente.

Do Arco Romano, construido em estylo etrusco, ladeado por uma dupla columnata de granito, com capiteis corinthios, estende-se a alameda das sapucaias, a cavalleiro sobre os lagos, indo terminar no Portão da Corôa. E' por este portão que tem ingresso as carruagens e a maior parte das pessoas a pé, que visitam o Museu.

Na fachada do edificio, por baixo da cornija, lê-se em caracteres dourados bem salientes — Museu Nacional.

A pequena distancia do torreão do Norte, está o alojamento da guarda, que faz a policia externa do Museu. Essa guarda compõe-se de oito soldados de policia, commandados por um sargento, que obedece ás ordens do Director.

Para traz, separada do corpo do edificio, levanta-se a torre do relogio. Este marca até os quartos de hora; e as pancadas do martello que percute as horas são ouvidas á distancia.

Vestibulo

Atravessando um portão de ferro, moldado no centro da fachada, penetra-se em um grande vestibulo rectangular, tendo o chão ladrilhado de mosaico e as paredes alvejadas. Deste vestibulo passa-se a um atrio descoberto, onde está o sopé de uma ampla escadaria de marmore, com corrimões de bronze, conduzindo ao 1º pavimento.

Logo á entrada do vestibulo depara-se-nos o meteorito de Bendegó, repousando sobre tres columnetas de marmore, em cujas faces se lêem inscripções referentes ao meteorito.

Não seria exaggero dizer, que este é o objecto mais notavel e attrahente que o Museu Nacional possue.

Com effeito, em nenhum outro Museu do mundo existe uma massa metallica, cahida do espaço, que tenha o peso e o volume desta.

Meteorito de Bedengó

Data a sua descoberta do anno de 1784. Andavam, na região agreste do Monte Santo (sertão da Bahia), alguns homens rusticos a tocar o gado no pascigo, quando junto ao riacho de Bedengó, toparam bem a flôr do solo, com aquella estranha massa. A impressão que tiveram, foi de que se tratava de um pedaço de rocha bruta, contendo metaes preciosos.

Communicado o facto ao Governador da Bahia, este ordenou que dalli fosse a pedra transportada á capital. Joaquim da Motta Botelho, que assim se chamava o rustico descobridor, por obedecer ás ordens do governador, apparelhou um carretão para ser puxado por 20 juntas de bois; e, depois de algumas tentativas baldadas, conseguiu pousar-lhe em cima o meteorito.

Resistindo pelo peso á forte tracção dos bois, em uma manobra feita para vencer o talude do riacho de Bedengó, quebrou-se-lhe o eixo, e alli ficou, de uma feita, a massa metallica sobre o taboleiro do carretão.

Em 1811, Mornay, guiado pelo descobridor, foi ter ao logar, e do meteorito destacou alguns fragmentos pequenos, que foram posteriormente analysados por Wallaston.

Em 1818, Spix e Martius alli foram ter tambem, com a curiosidade de naturalistas e conseguiram separar do meteorito um bom fragmento, que está no Museu de Munich.

Depois de bem orientado sobre a localidade, em que jazia essa preciosidade, digna de figurar no nosso Museu, Ladisláo Netto, tratou de estudar os meios de transportar o meteorito até o Rio de Janeiro.

A somma, porém, a despender com essa tentativa, excedia os recursos pecuniarios do Museu, e por isso tão louvavel idéa não chegou, nessa occasião, a ser realizada.

Sendo novamente agitado esse assumpto no recinto da Sociedade de Geographia, offereceu-se alli o capitão-tenente José Carlos de Carvalho para dirigir os trabalhos de trasladação do meteorito nos quaes seria auxiliado pela munificencia do Visconde de Guahy, prompto a a fornecer a quantia necessaria ás despezas de transporte.

De bom grado, foi acceito o offerecimento, e o capitão-tenente Carvalho, acompanhado dos engenheiros Vicente José de Carvalho e Horacio José Antunes partiram para o Monte Santo.

Dez mezes depois (15 de junho de 1888), desembarcava no Rio de Janeiro o meteorito de Bedengó.

METEORITO DE BENDEGÓ

Para quem está informado dos obstaculos materiaes, que difficultaram a realisação desse emprehendimento, das peripecias do transporte, das engenhosas construcções mecanicas, das quaes foi mister usar, quer na descida por grandes declivios, quer na travessia de terrenos alagadiços — o lapso de 10 mezes não parecerá demasiado longo para o complemento dessa façanha.

Menos custoso foi o transporte da agulha de Cleopatra, do que a trasladação para o Rio de Janeiro do meteorito de Bedengó. E' innegavel, pois, que essa façanha constitue um titulo de gloria para o chefe da commissão brazileira José Carlos de Carvalho.

Pertence o meteorito de Bedengó á classe dos *holosideritos*: meteoritos metallicos, compostos de ferro e nickel. A sua fórma é muito irregular; elle tem a figura de um bloco massiço de ferro, achatado, com amolgaduras e cavidades de differentes diametros, alevantado em um dos extremos, de maneira a figurar a prôa arrebitada de uma canôa.

Seu comprimento maximo é de.	2,2	metros.
Maior largura	1,45	»
Espessura maxima.	0,58	»
Peso antes de ser cortado	5.360	kilos.

O processo natural da oxydação tem espalhado pela superficie das fendas e cavidades uma ferrugem fina e pulverulenta.

Sobre o córte polido vêem-se nitidamente as incrustações do nickel no ferro, formando linhas cruzadas e figuras esquipaticas. Estas figuras salientam-se muito, quando se submette o ferro meteorico a um elevado gráo de temperatura.

Não é possivel fixar a épocha, em que essa grande massa metallica, precipitando-se do espaço, tocou a terra. Provavelmente, muitos seculos decorreram entre a quéda desse meteorito e a sua descoberta.

Da mesma sorte que as estrellas cadentes e os bolides, os meteoritos devem ser fragmentos de asteroides, rolando no espaço, os quaes sendo solicitados pela força de attracção da terra, nos momentos em que elles tangenciam a orbita do nosso planeta, gravitam para elle com uma velocidade de translação incalculavel.

Cahindo, a massa aquece-se e torna-se incandescente pelo attrito que soffre atravessando a atmosphera terrestre; e, reduzida a um estado pastoso, amolga-se, achata-se e enche-se de cavidades por effeito da força expansiva dos gazes.

O estudo da constituição dos corpos celestes e das massas cosmicas

que existem espalhadas no espaço infinito, tem colhido elementos importantes de instrucção no exame analytico das materias componentes dos meteoritos.

Sobre o meteorito de Bedengó publicou o professor Orville Derby, no vol. IX dos *Archivos do Museu Nacional*, um trabalho de grande valor, que merece ser consultado.

Collecções paleontologicas

Em as duas salas lateraes, que communicam com o vestibulo estão arrumadas com boa ordem e methodo, as collecções de fosseis. E' forçoso reconhecer, que, nesta parte, não temos elementos para competir com os museus de Buenos Aires e de La Plata. A riqueza destes, no tocante aos esqueletos e ossamentas dos grandes animaes da formação pampeana, sobrepuja á de todos os museus do mundo, não só pelo numero das especies montadas, como pela formatura completa dos esqueletos e a perfeita conservação das peças que os compõem.

Sem negar o esforço e o trabalho, que custou isso, não nos devemos, entretanto, esquecer que toda formação pampeana é um vasto ossuario, onde a picareta do explorador encontra, a cada passo e a poucos metros de profundidade, as ossadas dos gigantescos mammiferos que alli viveram na épocha quaternaria.

A accumulação de ossadas em região tão vasta e tão facilmente explorada, como aquella, dá a razão da superioridade paleontologica dos Museus platinos.

No Brazil, as condições em que se formaram os ossuarios das especies extinctas, foram mui differentes daquellas occurrentes na Argentina. Em vez de se acharem os restos fosseis accumulados e distribuidos por uma vasta zona plana, como a formação pampeana, elles constituem pequenos depositos mui distanciados uns dos outros, pela interposição de extensas cadeias de montanhas ou o curso de grandes rios.

A natural conformação do territorio brazileiro obstou a distribuição regular das especies gigantescas, que ficaram encantoadas em pequenas bacias, nos Estados da Bahia, de Sergipe e do Ceará, onde as suas ossamentas apparecem nas depressões de antigos lagos extinctos, ou no interior de cavernas calcareas, nas visinhanças de lagôas, que nunca se aterraram.

São essas as necropoles onde estão sepultadas, desde milhares de annos, as ossadas do megatherio e do mastodonte, no Brazil.

METEORITO NO RIACHO DE BENDEGÓ (BAHIA)

SALA LUND

Paleontologia estrangeira

A mais notavel peça paleontologica, que está em exposição nesta sala é o esqueleto do *Scelidotherium leptocephalus*. Foi trazido de Buenos Aires pelo Dr. Burmeister, Director do Museu daquella cidade e offerecido ao Museu do Rio de Janeiro.

A montagem primitiva deste esqueleto foi, em parte, modificada pelo Sr. Beaufils.

Este grande mammifero americano extincto, pertence á ordem dos desdentados, e ao grupo zoologico do megatherio, do megalonix e do mylodonte.

São animaes pesados, corpulentos, providos de largos femures, enormes bacias e largas patas, armadas de unhas grossas, recurvadas, de dimensões extraordinarias. O craneo, relativamente pequeno, é estreito, alongado, como o do tatú ou do tamanduá ; a cauda comprida, possante, recurvada.

Alimentava-se com folhas e raizes de arvores, a cujo tronco agarrava-se com as unhas dianteiras, sustentando o pesado corpo com os possantes membros de traz e a cauda. O scelidotherio foi contemporaneo do megatherio, do mylodonte, do glyptodonte, do toxodonte, do tigre-gigante. *(Machrocrodus neogalus)*, os quaes constituiram a fauna colossal, que outr'ora povoou o vasto estuario do Prata.

A extensa região das pampas formada por uma argila avermelhada de mistura com concreções calcareas, está mostrando que alli existiu outr'ora uma grande bacia de agua salobra, constituindo o antigo estuario do Prata. Em virtude de um levantamento progressivo do fundo, devido aos sedimentos, que iam alli incessantemente depositar-se, essa bacia tornou-se um vasto lençól de lodo, e do seu completo aterramento resultou posteriormente a formação das pampas. Essa transformação geologica levou a operar-se muitos milhares de annos.

Emquanto se foi enchendo e aterrando a vasta bacia, na foz do Prata, milhares de animaes, que povoavam essa região, pereceram, ou por effeito das causas naturaes, ou por alguma catastrophe, sobrevinda em épochas mais ou menos remotas. Os cadaveres desses animaes ficaram sepultados no lodo, e foram mais tarde cobertos pela

camada argilosa, que forma actualmente a crosta das pampas. D'alli tem sido dessoterrados pelas explorações recentes — o megatherio, o scelidotherio, o mylodonte, o glyptodonte, o toxodonte, o mastodonte, o cavallo, e um ruminante cavicornio.

Convem saber que esta fauna, constituida por animaes gigantescos encontrada sob as camadas superficiaes das pampas, estava representada na America septentrional por generos identicos. Sujeitando á analyse e ao raciocinio esta coincidencia zoologica, formulou Darwin a seguinte hypothese do povoamento da America por generos oriundos do outro continente, que merece ser tomada em alta consideração.

« E' preciso admittir, diz Darwin, que a America septentrional e a America meridional possuindo, em uma épocha geologica recente, esses diversos generos em commum, assemelhavam-se muito mais então do que hoje pelo caracter dos seus habitantes terrestres. Quanto mais cogito neste facto, tanto mais elle me parece interessante. Não conheço caso nenhum outro em que possamos tão precisamente indicar, por assim dizer, a épocha e o modo de divisão de uma grande região em duas provincias zoologicas bem caracterisadas. O geologo lembrando-se das immensas oscillações de nivel, que se tem produzido na crosta terrestre, durante os ultimos periodos, não terá receio de indicar a sublevação recente do platô mexicano, ou com maior probabilidade ainda, a submersão recente das terras no archipelago das Indias occidentaes, como sendo a causa da separação zoologica actual das duas Americas. O caracter sul-americano dos mammiferos das Indias occidentaes parece suggerir a hypothese de que este archipelago fazia parte integrante, outr'ora, do continente meridional, e que posteriormente tornou-se o centro de um trabalho de submersão.

Quando a America, com especialidade a America septentrional, possuia os seus elephantes, os seus mastodontes, o seu cavallo e os seus ruminantes cavicornios, ella assemelhava-se muito mais do que hoje, no ponto de vista zoologico, ás regiões temperadas da Europa e da Asia. Por isso que são encontrados os restos destes animaes, aquem e além do Estreito de Behring, e assim tambem nas planicies da Siberia, somos induzidos a considerar a parte noroeste da America do Norte como a antiga ponte de communicação entre o velho mundo e o que se chama o *novo mundo*.

Ora, como muitas especies, umas existentes ainda, outras extinctas, desses mesmos generos, habitaram e habitam ainda o antigo mundo, parece-me muito provavel que os elephantes, os mastodontes, o cavallo,

os ruminantes cavicornios da America septentrional penetraram neste paiz, atravessando terras visinhas do Estreito de Behring, que submergiram-se posteriormente, e d'alli caminhando sobre terras, que tambem submergiram-se nas proximidades das Indias occidentaes, estas especies penetraram na America do Sul, onde, depois de se misturarem com as especies, que caracterisam este continente meridional, extinguiram-se.» (Darwin. *Voyage d'un Naturaliste*, pags. 140-141).

Na sala Lund estão expostos tambem o esqueleto do Moa (*Dinornis casuarinus*), grande ave corredora da Nova Zelandia, especie extincta ha pouco mais de um seculo ; um bloco do terreno liassico da Inglaterra, no qual se vê a impressão do esqueleto de um ichthyosaurio ; varias plantas fosseis do terreno carbonifero, e numerosas amostras de conchas e de outros fosseis dos terrenos cretaceo, jurassico, triassico, devoniano, siluriano e carbonifero.

SALA HARTT

Paleontologia brazileira

Contem todas as peças de um esqueleto de megatherio separadas. Estas peças vão ser brevemente articuladas de modo a ter-se um esqueleto completo de megatherio em exposição na grande galeria. Estes ossos foram dessoterrados em um lugarejo, proximo de Jacobina (Estado da Bahia), pelo naturalista do Museu Carlos Schreiner.

Encerrada em uma vitrina, vê-se a defesa de um mastodonte, trazida da Lagôa dos Elephantes, no Estado de Sergipe.

Grande numero de plantas fosseis e amostras de conchas fosseis, caracteristicas dos diversos terrenos geologicos do Brazil, estão classificadas e arrumadas em series, nos armarios que circumdam a sala.

Depois de Lund, que methodicamente explorou as numerosas cavernas existentes na região da Lagôa Santa, nenhuma exploração paleontologica se fez no Brazil, de um modo proveitoso e systematico.

Actualmente, não se deve perder tempo nem trabalho com ir buscar fosseis nas cavernas calcareas porque ellas foram largamente exploradas, e devem estar esgotadas.

O ponto de mira dos exploradores deve ser a região lacustre antiga, as depressões que ficaram no solo, nas visinhanças dos grandes rios, e que são o leito de antigas lagôas aterradas. E' alli que estão dormindo o somno millenario os gigantes da fauna extincta do Brazil.

Primeiro pavimento

Neste pavimento, alem dos salões, em que expostas estão as collecções de mineralogia, de zoologia, de botanica, de anthropologia e de ethnographia, existem a sala da secretaria, o gabinete particular do Director, o salão da congregação, a sala de recepção. Estes dois ultimos departamentos porque tem bellezas d'arte, merecem uma descripção especial.

SALÃO DA CONGREGAÇÃO

Vasto salão rectangular, occupando o todo o primeiro pavimento do torreão do norte, circulado de largas janellas de saccada, aberta nas tres faces do torreão. Todo o pavimento é atapetado; as paredes e o tecto cobertos de lindissimas decorações e quadros allegoricos, pintados a oleo pelo notavel pintor italiano Bragaldi.

No centro do tecto está um quadro, em côres vivas, representando Jupiter sentado no throno, presidindo ao conselho dos deuses olympicos. Nos quatro angulos estão, representados por figuras de mulher em attitudes differentes, e com os signaes allegoricos respectivos, a Justiça, a Historia, a Verdade e a Sabedoria.

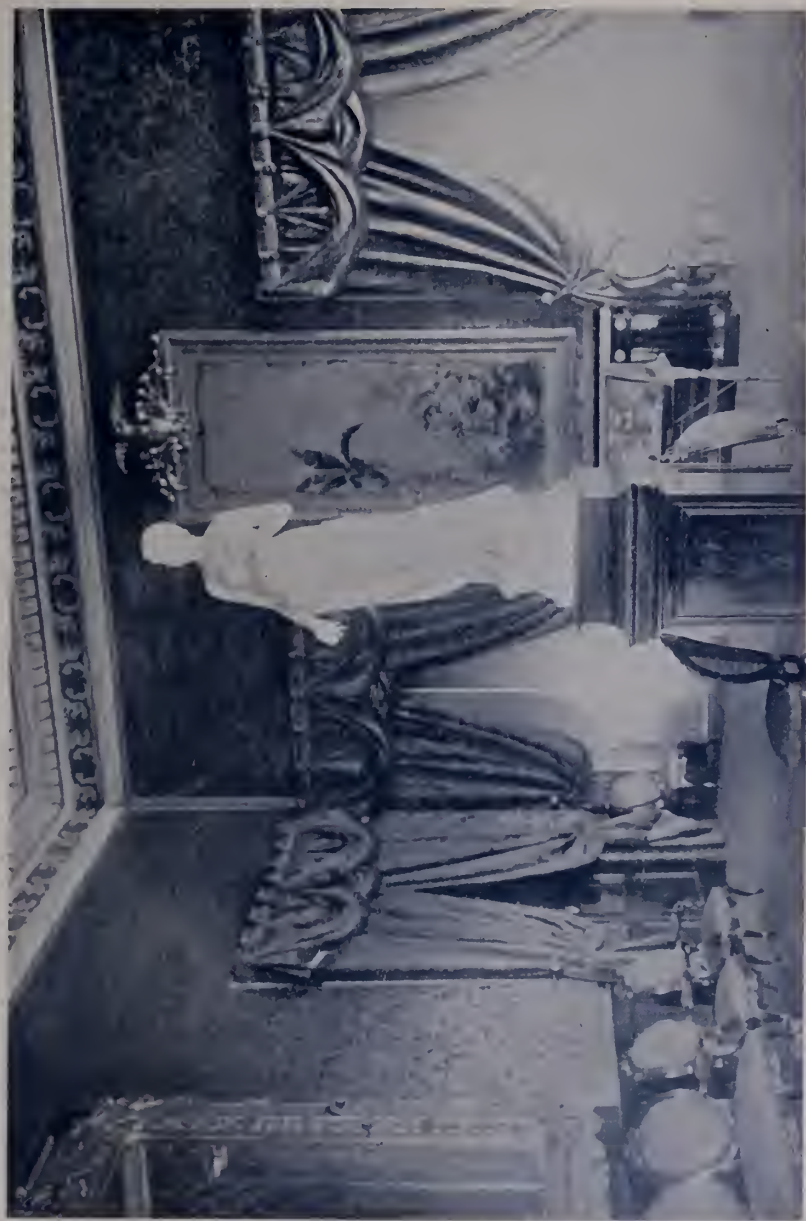
Acompanhando a cornija vêem-se escudos dourados, bustos de cariathides, figurinhas de cupido, dragões alados, diademas regios, brazões heraldicos.

Muitas dessas figuras posto que inteiramente planas, dão a perfeita illusão do alto relevo.

Do tecto pendem dois grandes candelabros de bronze dourado, de muitos lumes.

Existe neste salão a galeria de retratos dos directores do Museu já fallecidos, dos presidentes da republica e dos ministros, que importantes serviços prestaram ao estabelecimento.

Em cima de um bufete destaca-se um agrupamento de muitas figuras soltas, feitas com a porcellana de Italia (Capo di Monti), representando S. João Baptista, pregando aos apostolos. A figura de Christo, em pé, com ar contricto e reverente, escuta alli as palavras do sermonista.

Sobre outro bufete, em posição symetrica com o precedente, está um lindo trabalho de esculptura em gesso, uma allegoria da Aurora,

SALA NOBRE DE RECEPÇÃO

representada por uma divindade feminina alada que de pé n'um carrinho ligeiro, tirado por dois fogosos cavallos, precipita-se no espaço com elles. Esse conjuncto de figuras esculpturaes repousa no vertice de um estylobata de gesso, que ajuda a compor a illusão de uma scena aerea.

SALA NOBRE DE RECEPÇÃO

Esta só se abre para receber o Presidente da Republica, os ministros, os diplomatas, e outras personagens de alta distincção social.

O soalho é encerado; as paredes forradas, de alto a baixo, com seda de damasco; o tecto ornamentado com finas decorações a oleo. As portas e janellas são guarnecidas de ricas cortinas de seda carmesin.

A mobilia é de estylo, estofada de brocatel. Um grande espelho, engastado em rica moldura dourada está pregado a uma das paredes, reflectindo as decorações da sala.

No centro, em suppedaneo de madeira envernizada ergue-se uma estatua de mulher, talhada em marmore de Carrara, do tamanho natural, figurando uma gentil bailadeira, com o dorso, as espaduas, os seios nus; os cabellos puxados atraz, e enrodilhados na nuca. Cinge-lhe a ilharga um chaile indiano, cujas franjas pendentes, como madeixas revoltas, descem até roçar o pé mimoso. Com os dedos segura duas pequenas espheras, em attitude de quem vai meneal-as. No sóco lê-se a palavra Mima. Não consegui até hoje saber que estatuario a esculpio no marmore.

Em paredes fronteiras do salão, sobre dois aparadores, de estylo antigo, estão pregados dois quadros de tapeçaria gobelina, com lindissimos desenhos floridos, de côres muito vivas. Sobre uma columneta de marmore pousa um magnifico vaso de Sèvres, estylo bysantino, que D. Pedro II offereceu ao Museu.

Tenho ouvido dizer, a artistas competentes, que as decorações destes dois salões são um primor de arte e de belleza. Certo é, que mais de 20 annos são passados, depois que por alli deslisou o pincel do pintor italiano e os quadros por elle pintados conservaram até hoje o primitivo frescor das tintas. Analysando-os, sente-se ainda hoje a impressão do novo e do bem acabado em materia de arte e de pintura decorativa.

SALÃO JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA

Secção de mineralogia

Foi assim appellidado em honra á memoria do sapiente estadista que cooperou activamente para a independencia do Brazil, e enriqueceu esta secção do Museu doando-lhe as suas proprias collecções mineralogicas.

Esta secção não se recommenda pelo numero avultado dos especimens, sinão principalmente pela escolha delles, formando grupos de real valor instructivo.

Os minerios exploraveis do Brazil estão alli quasi todos representados por lindas amostras. O ouro, a prata, o ferro, o cobre, o chumbo, o estanho, as pedras preciosas—o diamante, a granada, a amethysta, o topazio, o crystal de rocha figuram em amostras, qual mais bella e interessante. Em uma vitrina attrahe logo os olhos do visitante um crystal de rocha bipyramidal, de dimensões extraordinarias. Uma grande conglomeração geodica, em fórma de batega, de bordos irregulares, toda cravejada por dentro de amethystas, reunidos em massa os crystaes, é tambem uma amostra linda e rara, que não se póde vêr sem admiração.

Os substractos do diamante e do ouro, taes como elles teem sido encontrados no Brazil; os seixos rolados que andam de parceria com o diamante pelo alveo dos rios, as rochas e pyrites, de onde communmente se extrahe o ouro, a fórma pulverosa deste metal precioso, assim como a fórma pseudo-crystallina tem alli bellos especimens para serem observados.

Alguns armarios estão cheios de amostras das rochas do Brazil, classificadas e com a procedencia indicada—o granito, o gneiss, o syenito, o basalto, o trachito, etc.

Em um pequeno armario está encerrada toda a collecção de meteoritos, uns brazileiros, outros estrangeiros. Ahi veem-se amostras da Russia, da Siberia, da Hungria, do Mexico, dos Estados Unidos, da Austria, de Santa Catharina, da Bahia, do Maranhão, do Rio Grande do Sul. A collecção total compõe-se de 50 especimens, cada um delles preso por grampos metallicos a uma taboleta.

As amostras de Santa Catharina offerecem, pela sua estructura metallica, notaveis semelhanças com o meteorito de Bedengó.

Como dependencia desta secção existe um laboratorio no segundo pavimento, regularmente installado e provido de todos os elementos technicos para analyses e ensaios mineralogicos.

Certo que esta secção está bem longe ainda de representar a riqueza em mineraes do Brazil, e isso se comprehende quando se vê quão vasta é a extensão territorial deste paiz e quão restricta é a zona até hoje convenientemente explorada. Foram os trabalhos de exploração das minas e das vias ferreas que mais contribuiram para o crescimento lento e gradual das collecções mineralogicas do Museu do Rio de Janeiro. Não obstante, as amostras já collecionadas dão uma idéa approximada da grande riqueza mineral do nosso solo.

Não devemos esquecer que numa vitrina desta secção estão as amostras em crystal dos mais celebres diamantes até hoje conhecidos, desde o Grão Mogol, o Orloff, até o bellissimo Regente e a fulgurante Estrella do Sul.

Dirige actualmente os trabalhos desta secção o Dr. Francisco de Paula Oliveira, distincto engenheiro de minas, ajudado por um assistente e um preparador.

Secção de botanica

No ponto de vista da riqueza botanica, nenhum paiz do mundo compete com o Brazil. As florestas da Africa, da India, de Java, por mais pujantes que ellas sejam, não possuem nem o vigor, nem o aspecto magestoso, nem o colorido intenso, nem a urdidura inextricavel, que caracterizam as grandes massas florestaes do Amazonas, do Jequitinhonha e do Mucury. Pelas extensas ribas daquelle rio gigante, que recebe em seu seio enorme volume d'agua, transportada por caudalosos tributarios, andaram em explorações botanicos vindos de todas as partes do mundo: Martius, Weddel, Spruce, Castelnau, Treill, B. Rodrigues, Schwacke, Ule e outros muitos. Daquelles antros de folhagens, troncos, ramos e lianas entretecidas, elles tiraram numerosos especimens de plantas, que andam hoje espalhados pelos hervarios de todos os museus do mundo.

Em arvores de construcção, em plantas de applicação industrial e medicinal, em plantas ornamentaes, de valor esthetico, em plantas toxicas, em variedade de palmeiras e de orchideas, a immensa região do Amazonas não tem outra que se lhe equipare no nosso planeta.

Dalli sahe a borracha, ou gomma elastica, que tem infinitas applicações na industria humana, a ipecacuanha, os oleos, as essencias, a castanha e muitos outros productos extractivos que são procurados nos mercados estrangeiros.

Nenhum dos viajantes que percorreram a região tropical e equatorial do Brazil deixou de externar a sua admiração ante a grandeza e a pujança da vegetação naquellas regiões. Relevem-nos o desejo extraordinario de intercallar aqui uma pagina colorida de Darwin, descrevendo a impressão que nelle produziu a vegetação tropical:

« Quantas vezes não desejei encontrar termos capazes de exprimirem o que eu sentia quando passeiava á sombra destas magnificas florestas!

Todos os epithetos são demasiado fracos para communicar áquelles que nunca viram as regiões intertropicaes, a sensação dos gozos que alli se experimenta. Já disse que é impossivel ter-se uma idéa do que é a vegetação dos tropicos, vendo as plantas encerradas nas estufas; é preciso que eu insista neste ponto.

A paizagem no seu conjuncto é uma immensa estufa luxuriante, que a propria natureza creou, mas da qual tomou posse o homem, adornando-a com bellas casas de vivenda e magnificos jardins.

Todos os admiradores da natureza não teem manifestado o ardente desejo de ver a paizagem de um outro planeta? Pois bem, não acho impossivel que o europeu vá encontrar á pequena distancia de sua patria todos os esplendores de um outro mundo.

Durante a minha ultima excursão busquei embriagar-me, por assim dizer, com todas estas bellezas, e esforcei-me por fixar no meu espirito uma impressão que, eu sabia, devia um dia apagar-se. Conserva-se bem de memoria, a fórma da laranjeira, do coqueiro, da palmeira, da mangueira, da bananeira, do feto arborescente, mas as mil bellezas que fazem do conjuncto de todas estas arvores um quadro delicioso, tarde ou cedo desvanecem-se.

Entretanto, assim como succede com as historias contadas na meninice, ellas incutem em nós uma impressão semelhante áquella que nos deixaria um sonho atravessado por figuras indistinctas, mas admiraveis (*Voyage d'un naturaliste*).»

A preferencia que dou ás impressões de Darwin, quando se trata de descrever a natureza, os seus encantos, as suas harmonias, as suas bellezas, é bem merecida, pois, sem os exaggeros da phantasia poetica de certos escriptores, elle sabe melhor do que ninguem alliar uma exacta observação a um delicado sentimento na pintura dos quadros

da natureza. Quando é preciso sel-o, elle o é—um sabio e um artista ao mesmo tempo.

A extrema variedade de solo e de clima, que offerece o immenso territorio do Brazil dá logar a que nelle se observe tambem uma extrema variedade nas plantas. Desde o tronco gigantesco e aprumado do jequitibá, da paineira, do cedro, do araribá, do vinhatico, que se escondem no massiço das florestas, enredados com os cipós e as lianas, enfeitados pelas orchideas, que vivem da sombra a da humidade, até as rasteiras plantas dos campos e das restingas, que amam o sol e a seccura, desfilam infinidades de fórmas de plantas pertencentes a familias diversas, caracterizando a geographia botanica de cada região. Todas ellas estão representadas por um ou mais de um especimen no hervario do Museu.

Cada planta figurada pelas folhas e orgãos reproductores está convenientemente conservada com o nome da familia, do genero e da especie. Caixas apropriadas guardam as pastas nas quaes se conteem agrupados os generos e especies de uma mesma familia. Os fructos seccos são expostos nos armarios, e os carnudos immergidos em alcool. As sementes guardadas dentro de frascos de vidros.

Possue essa secção uma importante collecção de madeiras do Brazil, todas classificadas, uma collecção de fibras textis, e de caules anomalos, e grande variedade de feculas e de oleos.

Communicando com as salas do hervario existe um gabinete para o estudo e a classificação das plantas.

Como uma dependencia desta secção existe o horto botanico, onde são cultivadas muitas plantas brazileiras e exoticas, e a cuja testa se acha um jardineiro-chefe, que tem tambem a seu cargo dirigir os trabalhos de conservação do parque.

Os botanicos que mais recentemente contribuiram para augmentar as collecções do hervario foram Schwacke, Glaziou, Ule, Hemmendorff, Dusén.

O professor que dirige actualmente os trabalhos desta secção é o Dr. Amaro Neves Armond, ajudado por um assistente e um preparador.

Secção de zoologia

Esta é a mais rica e a mais bem arranjada secção do Museu. Occupa uma grande área no 1º pavimento, e todos os salões do

2° pavimento. No primeiro estão as collecções das aves, dos peixes, dos reptis, dos espongiarios, dos madreporarios, dos alcyonarios, dos hydrasdes, dos siphonophoros, dos acalephos, dos vermes e dos molluscos. No segundo estão os mammiferos, os crustaceos e os insectos.

Esta distribuição, que poderá parecer pouco correcta, visto o modo pelo qual foram approximados os grupos zoologicos, foi a que melhor se conformou com as divisões internas do edificio, aferidas por escalas metricas mui diversas.

As aves occupam cinco salas no primeiro pavimento: as salas Burmeister, Wieed, Schreiner, Natterer e Wallace. Alli, de parceria com as aves brazileiras, estão muitos representantes da fauna ornithologica de outros paizes da America do Sul, da Europa, da Asia, da Africa e da Australia.

Na sala Burmeister está uma collecção de ninhos de aves e de ovos, todos classificados.

Na sala Natterer estão collocados artisticamente, em uma vitrina, alguns typos ornithologicos, que caracterisam a fauna do Estado do Rio.

Na sala Wieed estão as palmipedes, as pernaltas, as trepadoras, as aves de rapina, as gallinaceas, as columbineas.

Na sala Schreiner os passaros.

Na sala Wallace as aves corredoras.

Existem nesses diversos grupos ornithologicos alguns typos que merecem ser assignalados.

Entre as aves de rapina do Brazil tem logar proeminente a *Harpya destructor*. Seu aspecto feroz, seu olhar de desafio, o cocar rebatido em signal de arremesso, a valentia do seu bico espesso recurvado, a grossura e o vigor dos seus tarsos armados de garras possantes, ponteagudas, tudo faz realçar nessa grande rapace os aspectos da força e da coragem. A aguia de Napoleão posta a seu lado parece amesquinhada. Si fossem chamadas ambas a reproduzirem os tragicos combates dos gladiadores romanos, ninguem hesitaria em apostar pela victoria da harpya americana.

Ha cerca de 15 annos passados vi uma ave de rapina desta especie, com a aza ferida por um tiro de fuzil. Acertaram-lhe quando ella volteava pelas cumiadas da Mantiqueira com um macaco preso ás garras.

Ha quem diga tel-a visto de um arranque arrebatar uma preguiça abraçada ao tronco de uma imbauva. Como esta, outras façanhas della hei ouvido narrar por gente rustica.

Não sabemos por que não se foi buscar neste typo nobre, reforçado, imponente da nossa fauna aligera o emblema para a nossa bandeira.

HARPYA DESTRUCTOR

Como a mór parte das grandes aves de rapina, a Harpya anda pelas grimpas das arvores mais altas das florestas, preando o macaco, o jacú, o macuco, que vão até alli pousar.

No grupo das aves de rapina estão tambem representados por bons especimens o condor *(Sarcoramphus gryphus)* e o urubú-rei *(Sarcoramphus papa)* Este é um rei banido, sem magestade e sem vassallos, tendo por unica insignia da realeza uma golilha de purpura realçando sobre o manto alvi-negro das suas pennas.

O condor é o rival da procellaria e do albatróz na ascensão ás elevadas regiões da atmosphera: aquelle volteando os mais altos pincaros da cordilheira, estes aprumando-se sobre as vagas do oceano, desafiando com a potencia de sua immensa envergadura a furia das tempestades.

Vedeta encastellada nas ameias penhascosas do Aconcagua e do Chimborazo, o condor passa alli vida solitaria, sondando com o olhar o fundo dos precipicios, ou espreitando a prêa na planice em de redor. A possança das suas garras aceradas lhe basta para suspender no espaço o peso de um cordeiro recental ou de um capreolo extraviado do redil. Pairando no alto, onde apparece, ás vezes, como pequena mancha escura movediça, elle equilibra-se com as amplas azas estendidas, dirigindo o movimento com a cauda e a cabeça.

De algumas milhas de distancia o seu olhar penetrante distingue a descuidosa prêa pascendo cá em baixo, no sopé da montanha ou na planicie descoberta. Descrevendo então, a pino, um movimento em circulos concentricos, de mais em mais apertados, e mergulhando vagorosamente de camada em camada de ar, de subito elle recolhe as pandas azas, e desce celere até pousar no chão, ou sobre a presa. Muitas vezes se o vê descer á planicie para disputar alli os despojos de algum animal assaltado pela puma, e que a esta serve de repasto (Darwin).

Referem viajantes que ascenderam ás cordilheiras, até proximo aos picos, que em defesa da prole, agasalhada nas anfractuosidades daquelles nevados alcantís, o condor atreve-se a medir-se com o homem em combate singular.

Parece-me que algum exaggero deve existir nessas romanticas narrações de viajantes.

No grupo das trepadoras a belleza e a variedade das côres vivas, que brilham nas vestiduras das araras, dos papagaios, das jandaias, dos periquitos são um verdadeiro encanto para os olhos que observam esses especimens.

Nas fileiras das columbineas, ao lado da rôla amorosa, de grito plangente, expressão de dor e de saudade, aponta a *Phlegania cruentata*, com o seu ar de doçura e meiguice, o alvo peitilho inflado, manchado com a côr do sangue, como si a lamina de um punhal houvesse alli penetrado. Com muito verosimilhança a linguagem popular chamou-lhe a pomba apunhalada.

Nenhum grupo mais attrahente, porém, do que o dos trochilideos, arrumados em uma vitrina. Que fórmas mimosas e resplandescentes são as destas encantadoras aves minusculas, que a natureza fez para seu mimo e galanteria!

A delicadeza daquelle estirado bico, que parece mais tromba do que bico, no chupar o succo das flores, pairando a avicula em volta dellas, sem que se ouça o ruflar das azas, nem se perceba o tocar nas petalas, de tão subtil que elle é; a pennugem multicor que lhe veste o corpinho esguio, reflectindo á luz do sol as variadas côres do iris, já no tremor das azas, já no revolutear da cauda, tudo concorre para fazer deste pequenino especimen de ave uma joia incomparavel da natureza! Na nossa collecção figuram especies de procedencia do Brazil, do Perú, de Nova Granada, do Equador e de Venezuela.

No grupo dos palmipedes estão os cysnes, aves romanticas, vaidosas da sua graciosidade e belleza, cujo cantico de morte, soltado nas ribas do Eurótas, mereceu ternas endeixas da poesia pagã. Para os poetas da antiguidade hellenica elles foram tão celebres quanto as abelhas do Hymeto.

Não podemos esquecer entre os representantes deste grupo o Pinguin *(Spheniscus demersus)*, o vigieiro das travessias do Estreito de Magalhães e das costas alpestres da Patagonia. Que conjuncto de fórmas exquisitas offerece esta ave! Naquella postura perfilada, o olhar fito no horizonte, com dois côtos pennugentos substituindo as azas, elle parece uma guarda postada em sentinella á entrada daquellas paragens. No correr do dia, elle solta, a espaços, um grito que tem o quer que seja do ornear do asno; ás horas mortas da noite, porém, lá pelo quarto da modorra, o seu grito de alerta assume um tom solemne e grave (Darwin). Vive em bandos, alimentando-se de peixes, que são abundantes naquelles mares apertados.

Entre as corredoras estão o avestruz africano, com a sua estatura gigantesca, macho e femea, a ema do Brazil, o casoar asiatico, e o apteryx da Nova Zelandia. Na sala Wallace, em que estão expostas estas grandes aves, encontram-se formando dous grupos distinctos as chamadas aves do paraiso, procedentes da Nova Guiné.

SALA SPIX

A *Astrapia nigra*, a mais elegante do grupo, tem um porte fidalgo, toda vestida de negro, o collo envolvido em uma almocella crespa de Astrakan. Atraz de si arrasta uma longa cauda. A *Parotia sefilata* traja uma larga vestimenta negra com um peitilho furtacor; no cocuruto está pregada uma chapeleta de pennas prateadas, e de cada lado da cabeça pendem tres longas filandras desfelpadas, como se foram grampos pregados no toucado. A *Seleucides ignotus* tem o todo de uma moçoila vaidosa e espaventada. Sob os refolhos de um cabeção preto, ella veste uma almilha branca, que lhe desce abaixo, formando dous tufos lisos e sedosos, de cada lado do uropygio. No logar da cauda cercea, ella traz longos appendices filiformes, retorcidos como gavinhas.

Na secção dos mammiferos o Museu possue tambem exemplares dignos de se vêr. Dos grandes felinos só nos falta o tigre real de Bengala.

Um bellissimo exemplar do leão da Barbaria, adulto, dadiva do museu de Florença, attrahe a attenção do visitante, em uma das salas do 2° pavimento, pela perfeição do trabalho taxidermico, assim como pela postura natural do felino.

Diversas vitrinas encerram o lobo, a raposa, o urso dos Pyrineus, a puma, o jaguar, a onça preta do Paraguay, os gatos silvestres, e outros carnivoros.

O jaguar mosqueado é o mais possante felino das selvas do Brazil. Elle é mais curto e de porte inferior ao tigre indiano; não lhe fica somenos, porém, em agilidade e em força muscular. De um salto elle monta o dorso de um potro, de uma anta, ou de um vitello, crava-lhe os fortes caninos no toutiço, emquanto com as garras pregadas no focinho, torce-lhe o pescoço e desconjunta-lhe as vertebras. A victima morre pelo estrangulamento da medulla.

Contou-me um colono de Santa Catharina, o Sr. Friedenreich, que elle presenciou uma scena silvestre, em que pôde bem apreciar a extraordinaria força do jaguar. Galgando um terreno descoberto, onde tinham feito de pouco uma derrubada, na encosta de uma serra, elle viu o possante felino arrastando entre os cepos, e por sobre os galhos tombados da floresta, o corpo de um muar. Naquelle emmaranhado de madeiras derrubadas e de galhos torcidos elle passou, arrastando a preza, sem largal-a. Perseguido, elle pula ás arvores e alli agachado, defende-se a golpes de garras, estracinhando a matilha, que contra elle arremette. Dizem-me que elle teme o homem, e só o acommette de frente, quando o ferem ou perseguem, em sitio onde se torna difficil a

fuga. O Indio é o seu maior inimigo, porque conhecendo-lhe as manhas, sabe feri-lo com segurança, antes de soffrer delle a aggressão. Recordarei um facto, cujas particularidades chegaram ao meu conhecimento, e que mostra como um golpe de frexa bem dirigido póde causar a morte instantanea desse felino.

Grato a alguns pequenos favores, que lhe tinha feito, o Sr. D. Jayme Cibils, proprietario de uma immensa fazenda de criação, em Matto Grosso, no Descalvado, quiz dar-me uma mostra do seu reconhecimento, offerecendo-me a pelle de um tigre morto na sua herdade. Incumbio de procurar o animal, um indio guató, aggregado ao seu estabelecimento, e que tinha por officio dar caça a esses terriveis felinos, que devastavam os curraes da sua fazenda. Querendo colher um especimen de grande porte, andou o indio tres mezes labutando, sem poder encontrar um que preenchesse as condições requeridas. Chegou, porém, um dia, em que a sorte lhe foi propicia. Avistou-se, na orla da mata, com um grande jaguar; apenas teve tempo de assestar a frecha, e esticar o arco; a frecha varou o corpo do animal, que cahiu exanime a poucos passos de distancia. Com a pelle preparada desse animal me foi remettida tambem a frexa, que o matou. A choupa de taquara, com um palmo de comprimento, estava toda manchada de sangue até a inserção na haste. O golpe atravessou por entre duas costellas, a baixo do angulo do omoplata, e chegou com certeza a fender o coração, causando a morte immediata. A bala de uma carabina não teria produzido, talvez, o mesmo effeito dessa arma imperfeita do indio, manejada com a precisão e a segurança, que é delle um segredo.

Quando falha a presteza do indio no ataque dá-se, muitas vezes, a luta corpo a corpo. Narrou-me, no Museu, um indio coroado do Paraná, ha já alguns annos passados, que elle fôra assaltado por um tigre, na espessura da mata, não tendo por arma de defesa sinão um pequeno chuço. O animal atirou-se-lhe de frente, tendo elle tido tempo apenas de curvar-se para evitar o embate. As garras trazeiras laceraram-lhe as côxas, e a cabeça do animal pendeu-lhe sobre o dorso, emquanto com mão firme elle cravava-lhe o chuço entre as costellas. O jaguar cahiu-lhe, estrebuchando, aos pés. Nas duas côxas do indio vi, com outras pessoas circumstantes, que ouviram a narração delle, as extensas cicatrizes das lacerações produzidas pelas garras do felino.

Destaca-se numa vitrina o mais bello grupo desta secção, constituido pelo casal do lobo do Brazil *(Canis jubatus)*. Foram estes animaes colhidos por emissarios do Museu nos campos de Minas Geraes. A

SALA BLAINVILLE

postura é natural e o trabalho taxidermico perfeito. São animaes raros, e timidos que andam ao crepusculo, batendo as macegas, para caçar perdizes.

Na divisão dos simios, ha grande variedade de generos e especies, quasi todas do Brazil. Os muriquis, os barrigudos, os belzebuths, os roncadores, os micos escarninhos, com os ouvidos tufados de cabellos, estão alli arrumados em serie. Em muitos delles veem-se caras humanas, physionomias barbudas, judaicas, satanicas.

Os roncadores *(Stentores)* com um tambor na laringe, são os mais geralmente conhecidos da gente rustica. Seus gritos atroadores na floresta são ouvidos à distancia, ao nascer e ao pôr do sol.

O grupo dos anthropoides está representado nas collecções do Museu por dois exemplares do chimpanzé, um orangotango e um gibão. Do gorillo só existe o esqueleto, armado na sala Blainville.

Ha cerca de 20 annos passados vi em uma exposição de objectos de historia natural no Rio de Janeiro (Museu Hartkopff) um gorillo adulto mui bem preparado. Era um animal em todo o seu desenvolvimento corporeo, mais alto que um homem de mediana estatura, com os membros e o thorax de um athleta. O toutiço curto e grosso, o peito largo, a cabeça volumosa, cristada; as vastas orbitas, emmolduradas por dous supercilios em alto relevo, o focinho proeminente, com os labios arregaçados, mostrando dous ferozes caninos, imprimiam um aspecto formidavel a este animal.

Elle caminha, ora agachado, ora erecto, dando punhadas no thorax, quando está irritado.

Sua coragem vai até approximar-se da bocca de um fuzil para elle apontado, amolgando-o entre os dentes. Seu grito estruge como um rugido. Difficilmente supporta o captiveiro e a domesticidade.

Deniker teve a rara sorte de colher um feto de gorillo. Comparando-o com um feto humano, elle reconheceu que a semelhança entre os dous typos é mais pronunciada no periodo da vida intrauterina, do que na idade adulta. As differenças principiam a desenhar-se desde a primeira dentição e vão se tornando de mais em mais apparentes com o desenvolvimento subsequente. Foi isso que induziu Selenko a dizer que a relação genesica entre o macaco e o homem só poderá ser admittida presuppondo-se a existencia de muitas fórmas intermediarias extinctas.

A hypothese da origem simiana do homem tem a seu favor numerosos factos anatomicos e embryologicos; mas nem esses factos,

por mais suggestivos que elles pareçam, nem as considerações de outra ordem, que se tem querido fazer valer na comprovação dessa hypothese, esclarecem as duvidas que a tal respeito atormentam o espirito de muitos zoologos.

Existem tambem na divisão dos simios africanos dois exemplares de cynocephalos. Um delles, o mais avantajado na estatura, viveu alguns annos preso em um estabelecimento publico do Rio de Janeiro. E' um macaco maligno, trapaceiro, impetuoso, aggressivo. Durante a guerra que os inglezes moveram contra o rei Theodoro da Abyssinia, elles subiam pelas encostas dos desfiladeiros, e dalli arremessavam contra os soldados em marcha projectis, fragmentos de rocha, torrões de argilla, desconcertando a tropa, que não sabia como repellir o ataque desses inimigos invisiveis. O nosso exemplar do Museu soltou-se um dia da cinta que o prendia, embarafustou pela casa a dentro, e poz-se em attitude aggressiva ás pessoas, que tentavam reconduzi-lo á prisão. Por fim mataram-no a tiro de fuzil.

Na secção de zoologia, representada pelos grandes animaes, são tambem dignos de vêr-se um elephante africano, uma otaria, e um bello typo do alce americano. Este tem o porte mais elevado do que um cavallo de raça ingleza. E' uma especie rara de mammifero, prestes a extinguir-se.

Entre os animaes, que pertencem propriamente á fauna do Brazil, estão os tatús, o tapir, e o tamanduá de focinho alongado, immensa cauda de estandarte e estiradas unhas, perfurantes como punhaes.

Possue tambem esta secção um exemplar raro do *Ornithorinchus paradoxus*, que apresenta uma conformação ambigua de ave e de mammifero.

Aos olhos do vulgo não é, de certo, das mais attrahentes a secção dos reptis. Quando se os vê, sente-se a repulsão instinctiva que causam as cousas horripilantes, ascorosas e nauseabundas. Elles recordam a morte, as trevas, a feitiçaria e os sortilegios. Alguns delles são companheiros habituaes das bruxas, dos trasgos e dos fogos-fatuos, que reluzem á noite sobre os charcos; outros trazem comsigo a peçonha, com a qual extinguem rapidamente a vida dos outros animaes. Seus movimentos são lentos e desgraciosos; aos saltos, ou serpejantes; suas expressões de prazer ou de dôr, traduzem-se vocalmente por um coaxar metallico, estridente, rythmico, por um silvo, ou por um grunhido abafado.

CANIS JUBATUS

(GUARÁ)

SALA DOS CRUSTACEOS

Delles alguns ha que annunciam a sua presença com o farfalhar da cauda, e uma musica de guizos, que incute o panico nos outros animaes.

As collecções de chelonideos, de batrachios e de ophidios conteem numerosos specimens indigenas e exoticos. Todos os generos de thanatophidios do Brazil estão alli representados.

Na divisão dos peixes, o numero de especies não é consideravel; mas apontam-se entre ellas algumas raras, como o *Branchiostoma caribœum*, de Sundeval, considerado por Hækel como o elo inicial da cadeia dos vertebrados. Entre os representantes do grupo dos esqualos, existe um munido de aculeo dorsal, por isso denominado cação-bagre. O peixe-lua *(Rausania truncata)* constitue uma das raridades da nossa collecção. O poraquê, uma arraia electrica, uma arraia com dimensões gigantescas, o pirarucú, o aruana, a piranha, o salmonete, o congrio chileno, abundante nas aguas do Pacifico, o diabo marinho *(Lophius piscatorius)*, com uma enorme boca armada de grandes dentes ponteagudos; o pequeno candiru do Amazonas, são typos que merecem a attenção dos visitantes.

Esta divisão dos peixes, que esteve durante alguns annos abandonada, tomou novo incremento, depois que começou a occupar-se della com afinco o ex-naturalista viajante, actualmente Secretario do Museu, Alipio de Miranda Ribeiro. São dignos dos maiores louvores os serviços que já prestou e continúa a prestar nesta secção esse distincto naturalista.

Quem nunca ouviu fallar na potencia electrica do poraquê, ou gymnoto, peixe vermiforme, que dá descargas tão fortes como uma garrafa de Leyde, ou uma bobina de Rumkorff? Collocadas nas immediações da columna vertebral estão as duas baterias de accumuladores, que enchem-se e esvaziam-se por successivas descargas, electrisando a agua em torno. Os choques chegam a ser, ás vezes, tão violentos, que animaes grandes, como os cavallos, atravessando um rio onde existem poraquês ficam atordoados e submergem-se.

As arraias são temerosas pelo seu longo ferrão caudal, denticulado, coberto por uma gosma visguenta, venenosa. Na sua viagem pelo Orenoco perdeu o malaventurado Crévaux um companheiro da sua comitiva, ferido no pé pelo ferrão de uma arraia. Inchação rapida do membro, com subsequentes signaes de gangrena, precederam de algumas horas a morte do infeliz.

Ha peixes no Brazil, aos quaes são attribuidos habitos cruentos, e acções tragicas, taes são a piranha e o candiru. Este, dizem que se

introduz na urethra do homem, ascendendo pela columna liquida, da urina. Si com effeito se dá este caso, ha motivos para acreditar-se que elle não é commum.

A piranha é um peixe sanguinario, dotado de uma voracidade incrivel. Ella accommette em grandes cardumes, e estracinha, em poucos minutos, o animal mais corpulento e robusto.

Uma rez é por ella devorada e descarnada com uma celeridade phantastica, como uma caterva de leões, de tigres e de hyenas não seriam capazes de fazel-o.

Os vaqueiros e conductores de manadas de gado tremem quando vão passar os animaes a nado nos rios, em que abunda esse peixe carniceiro.

Contam que elles para livrarem os animaes de serem accommettidos, se servem de um ardil lançando ao rio um couro de boi ainda fresco, poucos momentos antes de começar a fazer-se a travessia do rio. Ellas arremetem então em chusma contra o couro, e nelle ficam penduradas pelos dentes.

Os molluscos, os crustaceos e os insectos formam grupos separados em lindas vitrinas, expostos com arte e methodo. Entre os lepidopteros encontra-se um exemplar rarissimo da *Semiramis*; e entre os coleopteros um bellissimo especimen do Hercules.

A collecção dos vermes e echinodermos é pequena, e nella figuram poucos typos brazileiros. A collecção dos madreporareos, porém, é rica de especies brazileiras, e offerece bellos typos e lindos grupos.

Além do material exposto nesta secção existem guardados infinitos objectos zoologicos, uns porque carecem de armarios para serem installados, outros porque não foram ainda determinados e classificados.

Pertencem tambem a esta secção occupando duas salas, uma collecção de esqueletos de grandes e pequenos animaes; e em espaço vasto, separado, um grande esqueleto de baleia.

Secção de anthropologia, ethnographia e archeologia

No rumo em que tem sido levado ultimamente o estudo das raças indigenas americanas, procurando-se vencer os tempos prehistoricos da America, durante os quaes cruzaram-se em zig-zag pela superficie do novo mundo muitas linhas de immigração de raças, cuja proce-

EXPOSIÇÃO ANTHROPOLOGICA

dencia certa ninguem pôde ainda descobrir ; as investigações anthropologicas, ethnographicas e archeologicas concernentes ao Brazil, assumiram uma importancia extraordinaria, de primeira ordem. A origem do povoamento da America, apezar das concepções hypotheticas de uns tantos homens de sciencia, que consumiram a vida no estudo desse problema, continúa a ser um enigma indecifravel. Aquelles que repugnam commungar nas idèas polygenistas, que não podem comprehender a creação do homem e dos animaes em centros separados, destruindo-se assim a continuidade da cadeia animal, que a doutrina de Darwin estabeleceu como uma sequencia logica da observação applicada aos factos no presente e no passado, pensam que o homem americano é uma filiação e uma transformação do homem asiatico. E para mim esses teem razão.

Da mesma maneira que na supposição bem fundada de Darwin, os grandes pachydermes da Siberia acharam caminho para, em um certo periodo geologico assás remoto, se transportarem até a America do Sul, caminhando desde o estreito de Behring até as cercanias da Patagonia, por que não poderia ter feito o homem essa caminhada, elle que foi contemporaneo desses grandes animaes extinctos?

E' mais conforme á razão e ao bom senso admittir a união dos dous continentes pelo estreito de Behring do que pensar na Atlantide de Platão, cujos vestigios não apparecem e cuja visão parece ser um sonho de philosopho.

Não querendo admittir-se, apezar de verosimil, a immigração pelo estreito de Behring, por que havemos negal-a pelas costas fronteiras da Asia e da America, separadas pelo Oceano Pacifico?

O engenho do homem, applicado á construcção de apparelhos de transporte pelo mar, favorecidos pelas correntes marinhas, e por outras muitas circumstancias que não nos é dado apreciar, podiam ter facilitado a passagem de familias humanas de uma costa a outra dos dois continentes. Bem sei que são hypotheses estas que a razão póde mais ou menos suffragar ; não são theses que se provem e se demonstrem com argumentos e factos.

Assim como nas revoluções geologicas do nosso planeta, em periodos infinitos de tempo, as camadas terrestres se foram superpondo umas ás outras, cada uma assignalando uma épocha differente, assim tambem no povoamento da America, camadas humanas depositaram-se, em periodos differentes, sobre o solo americano, dando logar a formações estatigraphicas humanas, cuja ordem seriada a

recente sciencia anthropologica não pôde ainda determinar. Provavelmente as camadas mais recentes dessa longa formação são representadas pelos povos que chegaram ao Mexico, ao Perú, ao Equador, em um gráo já adiantado de civilisação: os Mayas, os Quîchuas, os Astekas. Antes destes, porém, quantas correntes passaram, no longo curso dos tempos, deixando ficar em sua lenta passagem sedimentos humanos, que se amalgamaram com os depositos subsequentes? Estes, porque não eram civilisados, como aquelles, não tinham arte, nem construiram monumentos que attestassem de futuro a sua passagem, desappareceram por completo, deixando apenas nos restos humanos, que a terra guardou, como os de tantos animaes extinctos, alguns elementos para julgarmos da sua conformação physica.

A archeologia, pois, constitue uma base tão valiosa para o estudo das raças americanas quanto a craneologia. Aquella ajuda-nos a reconstituir a historia dos povos que deixaram monumentos e objectos de arte; esta a buscar as relações ethnicas de muitas raças extinctas, com as raças actuaes mediante o confronto dos craneos e dos ossos do esqueleto.

Apezar da segurança com que se tem ultimamente acoroçoado a idéa — de que os estudos linguisticos hão de dar a chave das ligações entre as raças differentes do novo mundo, eu continuo a pensar que o adjutorio prestado por esse elemento instavel è de pequeno valor e mui restricto.

Para fazer approximações entre as raças actuaes, contemporaneas, a linguistica poderá servir como elemento coadjuvante: á sua alçada escapará porém, sempre a solução dos grandes problemas de filiação ethnica, os quaes exigem o concurso de todos os elementos de investigação e de comparação, fornecidos pela archeologia, e pela craneologia.

No Brazil, actualmente, o testemunho material que possuimos da mais remota existencia do homem nesta parte da America é um craneo achado por Lund em uma caverna, nas proximidades da Lagoa Santa (Minas Geraes). O seu descobridor considerou-o coevo dos animaes extinctos, cujas ossadas elle colheu nessa e em outras cavernas daquella região. Esse craneo foi doado por Lund ao Instituto Historico em 1843. Decorreram longos annos antes que houvesse sido examinado com attenção esse especimen anthropologico.

Dentro da gaveta de um armario velho do Instituto, foi encontrado, sem nenhuma indicação escripta, que informasse sobre a sua

EXPOSIÇÃO ANTHROPOLOGICA

procedencia. O meu amigo Dr. José Rodrigues Peixoto, que, como eu, andava nesse tempo, se occupando de estudos anthropologicos relativos ao Brazil, fez todo o empenho em estudar aquelle craneo. Elle está descripto no vol. I dos *Archivos no Museu Nacional*, e no trabalho que publiquei no vol. II das *Memorias da Sociedade de Anthropologia de Paris*, sob o titulo *Documents pour servir à l'histoire de l'homme fossil du Brésil*. E' um craneo nimiamente dolichocephalo, de fronte baixa, um pouco retrocedente, de côr escura ferruginea, offerecendo uma larga brecha no osso temporal direito, parecendo ter sido produzida por um golpe de acha. Os mesmos caracteres craneometricos, que observámos neste craneo, a mesma coloração ferruginea apresentam os 15 craneos, que existem no Museu de Copenhage, e que foram tambem colhidos por Lund nas cavernas do Sumidouro. A serie de Copenhage foi estudada por Kollmann e Ten Kate.

Sobre o craneo por nós descripto, escreveu Quatrefages uma memoria intitulada *La race fossile de Lagoa Santa, au Brésil, et ses descendants actuels*, a qual foi apresentada ao Congresso de Anthropologia de Moscow, 1888.

Pela mesma épocha attrahio-me a attenção uma calote craneana, encontrada de mistura com outros ossos humanos em uma caverna da serra de Uruburetama, no Ceará. Esta calote, que existe nas collecções da sala Broca, é um simile do famoso craneo do Neanderthal, pela excessiva retrocedencia da fronte, e a saliencia dos supercilios, que lhe dão a apparencia de um craneo simiano.

Estes achados, bem authenticados, o primeiro por uma carta de Lund, o segundo por uma carta de Schutz Capanema, que explorou a serra de Uruburetama, são documentos anthropologicos que induzem a admittir tambem no Brazil o periodo chamado do *homem das cavernas*. Este periodo na America deve corresponder, mais ou menos, ao periodo do mammuth na Europa, ou ao periodo da caverna do Homem-Morto.

O homem da caverna do Sumidouro, no Brazil, foi contemporaneo de uma fauna extincta, cujos restos foram encontrados por Lund naquella assim como em outras cavernas daquella região. Elle póde ser considerado o homem quaternario da America, contemporaneo do homem que viveu durante a épocha glacial na Europa.

Por armas elle tinha apenas o machado de pedra lascada; não fabricava utensilios nem de pedra, nem de argila; não empregava o fogo para coser os alimentos; vivia da caça, de plantas e de raizes.

O unico animal que o podia enfrentar e acommetter era o grande jaguar, cujos ossos Lund encontrou em varias cavernas da mesma região. Não construia cabanas, nem formava tribus; seu domicilio eram as cavernas. Elle devia servir-se da acha, como unica arma de defensa, pois na larga brecha do craneo, que descrevemos, adapta-se perfeitamente a parte cortante de um machado de pedra.

Comparado com o homem da caverna do Sumidouro, o homem dos sambaquis representa um typo muito mais adiantado: os seus machados são polidos; elle fabricava utensilios nos quaes se revela uma certa arte de trabalhar na pedra; elle vivia da caça e da pesca; elle fazia uso do fogo para coser os alimentos; elle empregava a frexa de ponta de pedra ou de osso como arma de aggressão e defensa; elle sepultava os mortos. O homem dos *sambaquis*, no Brazil, deve, pois, corresponder ao homem da idade da pedra polida na Europa.

Finalmente o homem do Pacoval representa na escala do progresso humano uma raça mui adiantada, artistica, de costumes brandos; elle sabia fabricar bellos artefactos ceramicos, copiando as feições do homem e dos animaes nas suas urnas e nos seus vasos; elle tinha o sentimento do pudor, pois escondia á vista os orgãos sexuaes femininos.

Dividiriamos, pois, todo o periodo anthropologico do Brazil em tres secções separadas por longos periodos chronologicos:

1.ª Periodo do homem da caverna do Sumidouro;

2.ª Periodo do homem dos sambaquis;

3.ª Periodo do homem do Pacoval.

Entre os dois primeiros periodos devem ter decorrido milhares de annos.

O terceiro periodo, mais recente, foi um periodo pre-historico, anterior ao descobrimento da America.

Actualmente o ramo ethnico filiado ao homem da caverna do Sumidouro é representado pela tribu dos Botocudos, cantonados nas margens do Rio Doce e do Mucury. Sua conformação craneana offerece numerosos pontos de semelhança com o craneo da Lagôa Santa: elles são ferozes, sem arte de especie alguma, e sem pendor para o progresso e para a civilisação.

A divisão antigamente adoptada por escriptores e chronistas, das raças indigenas do Brasil em *tapuias* e *tupis*— é anachronica hoje, e não tem bases nem razão plausivel para continuar a ser admittida: é uma concepção arbitraria, que vem dos tempos em que a anthropologia ainda não havia nascido.

EXPOSIÇÃO ANTHROPOLOGICA

Na carta ethnologica de uma vasta região povoada o que importa sobretudo fazer é marcar os pontos cardeaes, porque as linhas convergentes e divergentes desses pontos impossivel é tiral-as; perde-se a orientação e a confusão se estabelece quando se tenta fazer esse trabalho.

A civilisação vai entrando pelos sertões do Brazil; em menos de um seculo as tribus indigenas terão desapparecido, e difficil será encontrar nos residuos dellas os traços da raça primitiva. Entre nós o cruzamento do indio com o branco effectuou-se em pequena escala comparado aos cruzamentos do branco com o negro. Comprehende-se que assim devera ser, porque foram estas as duas raças que se tocaram, que estiveram em intimas e prolongadas relações nos centros povoados; emquanto as tribus indigenas, conservaram-se relegadas dos logares civilisados, occupados pela raça branca.

Como trabalhador braçal, o indio é inquestionavelmente inferior ao negro; aquelle tem maior agilidade do que este, mas a sua resistencia corporea e a sua força muscular são sensivelmente menores. Medimos com o dynamometro a força muscular de individuos adultos, pertencentes ás tribus dos Bororós, dos Botocudos e dos Cherentes, e o instrumento denunciou uma força abaixo da que se observa geralmente em individuos brancos ou negros.

Na representação graphica da extensão e das distancias elles mostraram-se destituidos de todo o senso de comparação. O desenho figurado por mais fiel que elle fosse não acordava nelles a idéa exacta do objecto que a figura representava. O seu sentido mais fino e apurado é o da audição. Entretanto, os sons combinados, quer de pequenas variações, quer de simples phrases melodicas, difficilmente se reteem no ouvido indigena. Elles só conseguem repetir phrases musicaes curtas, de pequena modulação, em que ha repetição frequente das mesmas notas. Seus cantos são monotonos, graves, sem inflexão.

Por occasião da exposição anthropologica, o Dr. Moura Brazil effectuou varias experiencias para conhecer a extensão do campo visual nos Botocudos, e reconheceu que o campo da côr verde revelava-se nelles mais lato do que costuma ser nos individuos da raça branca.

Certas sensações desconhecidas, assim como as forças occultas causam-lhes pavor. Durante cinco minutos, depois de ter recebido o choque de uma bobina de Rumkorff, o Botocudo ficou mudo, estatico, o olhar fixo, com a expressão physionomica do terror. Não indagou o que era; mas negou-se peremptoriamente daquelle momento em diante a ter contacto com a mesa sobre a qual estava o apparelho.

Elles aprendem a manejar a frexa e o arco com extrema pericia.

E' para admirar como elles vão certo ao ponto, na distancia de 50 metros. Parece que o sentido menos educado nelles é o olfacto. Não sabemos que impressão lhes causam os perfumes mais delicados; parece porem que a sensação olfactiva agradavel, que nós temos, é differente da que elles teem.

Compondo os seus artefactos de pennas elles mostram possuir um certo instincto artistico, no modo de combinar as côres; esse instincto póde-se ter formado com a observação da natureza, notando a maneira como as côres estão combinadas na vestimenta das aves: elles gostam mais do vermelho do que do verde, e mais ainda das côres intensas e vivas do que das côres brandas, desmaiadas. Nos seus desenhos a linha dominante é a quebrada, em fórma de grega.

Tem-se attribuido ao indigena do Brazil sentimentos e qualidades que de nenhum modo podem ser considerados attributos de sua raça, elles são proprios de todos os homens, até dos mais civilisados. Querem que elle seja desconfiado e vingativo; e por que não havia de sel-o, quando a perseguição e as ciladas armadas pelo homem civilisado os teem tantas vezes victimado?

Nos mestiços, em cujas veias gira o sangue indiano, tem-se notado, a firmeza do caracter, como a feição moral mais saliente do individuo.

No Brazil, como no Mexico, o sangue mestiço do indio tem corrido nas veias de grandes homens, que se recommendaram pelo seu caracter elevado e pelo seu patriotismo.

Pelo lado esthetico, os productos dos cruzamentos do negro com o branco dão fórmas mais bellas e regulares que os productos do branco com o indio.

Faltam-nos informações de boa origem para julgarmos do gráo de fecundidade da raça indigena do Brazil. Si quizermos confiar nos poucos dados que a tal respeito nos foram fornecidos até hoje, seremos induzidos a não admittir a eugenesia nessa raça.

As collecções ethnographicas do Museu Nacional, no referente ás raças indigenas do Brazil, não podem ser consideradas inferiores ás que existem nos outros museus da America. Em objectos de enfeite e de adorno, de armas e de utensis, creio que nenhum póde com elle competir.

De adornos feitos de penna, sobretudo, ha alli exemplares bellissimos, bem conservados, que o visitante póde admirar nas vitrinas.

EXPOSIÇÃO ANTHROPOLOGICA

As collecções de tambetás, de machados de pedra, de objectos de ceramica, de frechas e de arcos enchem os numerosos armarios e vitrinas das salas do 1º pavimento.

Aljavas cheias de settas hervadas, zarabatanas, curabis, tacapes, apetrechos de caça e de pesca, amostras de curara, em panellinhas de argila e em cabacinhas, borés, maracás, tambores, apparelhos para aspirar o paricá, ralos para a mandioca, remos, ubás, umas de madeira, outras de casca de arvores, etc., figuram por grupos numerosos nesta secção, formando um conjuncto lindissimo de objectos ethnographicos relativos ao Brazil, como não se encontrará em nenhum outro museu do mundo.

A ceramica do Pacoval enche um grande armario, onde se veem os mais exquisitos trabalhos em argila plastica que os ceramistas de Marajó executaram durante o tempo em que occuparam aquella ilha. Tambem tem bellas cousas, dignas de vêr-se, a collecção ceramica do Perú, onde se encontram muitos objectos sagrados do tempo dos Incas.

A archeologia pompeiana está representada nesta secção por alguns vasos e pequenos objectos agrupados em uma vitrina. A figura de deusa Siva e de Budha, com mais outros objectos, trazem á memoria as religiões do oriente, e os mysterios dos Veddas da India.

Alguns objectos das ilhas Aleutas, da China, do Japão, da Africa Central, occupam logar especial nesta secção.

Uma das mais interessantes collecções que alli existem é a de objectos archeologicos do Egypto.

Grande numero de pedras tumulares, *stellas*, *cippos*, com inscripções hieroglyphicas, estão expostas ao longo da galeria central, que contorna o pateo. Um egyptologo de Florença pediu-nos, o anno passado, por intermedio do Conde de Arco-Vallé, ministro allemão no Rio de Janeiro, permissão de mandar photographar essas pedras tumulares, cuja antiguidade historica elle se propunha determinar. O pedido foi satisfeito.

Amphoras egypcias, canopos de alabastro, collares de esmalte azul, figurinhas de varios tamanhos, animaes mumificados encerrados em pequenas caixas de sycomoro, e mumias humanas, guardadas em ricos sarcoph gos, com inscripções hieroglyphicas, pintadas a côres vivas na tampa e nos flancos do caixão, eis os mais interessantes objectos dessa collecção, que não tem outra igual na America.

Uma das mumias da collecção representa uma rapariga de 15 a 20 annos. Pela perfeição e cuidado com que foi preparada, assim como pela mascara dourada, que lhe cobre o rosto, deve-se suppôr que ella

pertenceu a gente de estirpe nobre ou real. As faixas, que envolvem-lhe os membros e o tronco, feitas de um tecido que muito se assemelha ao linho,estão encardidas, mas sem um rasgão, nem uma desfiadura. Nem mais largas, nem mais apertadas do que deviam ser, ellas ajustam-se bem ao corpo, deixando ver todos os relevos, e reentrancias, com as proporções naturaes. Os seios, estão entumescidos, arredondados, com as suas fórmas caracteristicas.

Um dos pés ficou meio descoberto, por se ter talvez contrahido a volta da faixa, que primitivamente o envolvia. E' um pé delicado, pequenino, mimoso ; as phalanges e os ossos metatarsianos estão á vista, tendo a pelle, que os cobria, se destacado, formando uma crosta pergaminhada, de côr escura intensa.

A mascara cobre todo o rosto até o peito, ella está perfeita, com a côr do ouro luzente, sem mancha, nem escalavros. E' um exemplar este de summa perfeição e extraordinaria conservação, como talvez não se encontre outro igual no Louvre e no Museu Britannico. O sarcophago está perfeito quer nas pinturas e inscripções, que bordam os lados do caixão, quer na estructura da madeira, que não apresenta vestigios de foraminisação produzida pelas larvas perfurantes do libér.

Depois que Champollion, Mariette-Bey, Maspero recompuzeram a historia millenaria do antigo Egypto, o processo de embalsamar os cadaveres usado pelos egypcios deixou de ser um segredo daquelle povo. Hoje sabe-se como elles procediam nesse mister, e de quaes substancias se utilisavam para tornar incorruptivel o cadaver, quer do homem, quer de certos animaes, objectos de veneração publica.

Os cuidados e a perfeição no trabalho de conservação variavam conforme a posição social do morto. Si elle era da ralé ou da plebe, limitavam-se á immersão do corpo em soluções salinas de chlorureto de sodio e natrio, e á unctura com camadas de balsamo. Os ataudes eram simples, de madeira, sem decorações, nem pinturas, nem inscripções de especie alguma.

Para as pessoas ricas, de nobre estirpe, o processo tinha muitas minudencias, e era feito com excessivo cuidado e esmerado lavor. Lavava-se o corpo e praticava-se a depilação ; extrahia-se com pinças a massa encephalica que ia sendo retirada, aos poucos, pela abertura nasal ; fazia-se a enucleação dos olhos ; extrahiam-se as visceras por uma larga incisão no flanco. Em seguida fazia-se a immersão do corpo na solução salina. Depois enchia-se a cavidade do craneo com algodão e resina ; a cavidade abdominal com hervas seccas, algodão e

substancias balsamicas e aromaticas ; frizavam os cabellos, e punham nas cavidades orbitarias olhos de esmalte. Doiravam as unhas e envolviam com uma tela fina de algodão ou de linho cada um dos membros separadamente, e depois o tronco até o pescoço. O envolvimento em faixas era precedido de uma unctura geral do corpo com substancias resinosas aromaticas. Onde a superficie do corpo devia apresentar relevo, enchia-se com hervas seccas e algodão ; assim faziam com o ventre e os seios da mulher. Em certos corpos, como os dos nobres, e maioraes, cobriam a cara com uma mascara, formada de chumaços comprimidos de uma tela mui fina, como musselina, endurecida pela superposição de uma espessa camada de gesso plastico, a cuja superficie imprimiam um aspecto de perfeita lisura. Esta superficie era depois pintada ou dourada. Circumdando o pescoço punham um collar, formado de continhas e cylindros azues, entremeiados com figurinhas de esmalte. Outros adornos semelhantes eram depositados sobre o ventre.

Os sarcophagos, feitos de sycomoro ou de cedro, eram construidos de uma peça inteiriça, sem emendas, nem junturas, com a fórma rectangular. A tampa reproduzia em relevo a cara do morto, imberbe quando era mulher, com um tufo de barba no mento quando era varão.

A biographia do morto, sua estirpe, de envolta com os textos sagrados, eram reproduzidas em inscripções pintadas na tampa e nos flancos do caixão.

As visceras preparadas, envolvidas em telas e untadas de resinas, eram conservadas em vasos de argila ou de alabastro, denominados *canopos*.

Para a execução deste processo de conservação dos cadaveres havia officinas funerarias, das quaes foram mais celebres as de Thebas.

Inquestionavelmente o bom exito deste processo de embalsamar os cadaveres, que obtiveram os antigos egypcios, em um periodo de centenares de annos, deve ser attribuido principalmente ás condições climatericas especiaes do Egypto. A extrema seccura do ar, em certas regiões daquelle paiz, retarda a corrupção dos corpos, e favorece a mumificação dos tecidos, e não fôra esta circumstancia, os processos mui simplices de antisepcia, usados pelos egypcios para a conservação dos cadaveres, não preencheriam os seus fins na maioria dos casos.

Nas collecções da secção ethnographica existem dois corpos mumificados de indigenas, um de procedencia boliviana, outro bra-

zileiro, encontrado em uma caverna da serra da Babylonia, no Estado de Minas. Ahi não se empregou processo algum de conservação, a mumificação se produziu naturalmente por influencia das condições do meio a que estiveram submettidos esses dois corpos. O ar frio e secco das cavernas, situadas em grandes altitudes, influe tanto na mumificação dos cadaveres quanto o ar quente e secco das planicies: a baixa temperatura paralysa a acção dos germens putrefacientes, emquanto a seccura do ar desecca rapidamente os tecidos até enrijal-os.

Mumias egypcias, encerradas nos seus sarcophagos, não são objectos que possam ser encontrados em qualquer museu. No Louvre, em Paris, encontram-se algumas, nem sempre bem conservadas; as melhores existem no Museu Britannico. Póde-se julgar uma das maiores preciosidades archeologicas que este museu possue o sarcophago contendo os restos de Cleopatra. Até onde podia attingir a sciencia de alguns egyptologos, que se entregaram com afinco ao estudo desse interessante especimen archeologico, transportado do Egypto, a authenticidade daquelles restos attribuidos a Cleopatra foi reconhecida e não foi até hoje contestada.

Os nossos indigenas teem processos seus para a conservação da cabeça humana, quasi sempre a de um inimigo, que elles mataram em combate ou de emboscada, e que elles fazem garbo em trazerem como trophéo. A secção ethnographica possue tres cabeças dessas, duas de Mundurucús e uma de Parintintin. Ouvi de alguem que tem observado com attenção os costumes e usos de algumas tribus indigenas do Brazil, que o processo empregado por ellas, nesses casos, é mais ou menos o seguinte:

Decapitado o cadaver, levam a cabeça para a choça, extrahem pelo buraco occipital toda a massa encephalica, arrancam os olhos, e sujeitam a cabeça á fumagem em cima de giraos, sob os quaes queimam pallhiço e hervas seccas, mais ou menos aromaticas. Com a estada prolongada no fumeiro a pelle e os tecidos subjacentes retrahem-se e endurecem. Depois de passados alguns dias em exposição ao ar livre a cabeça é pintada com uma côr vegetal, as narinas e os olhos são obstruidos com resina negra. Assim mumificada, adornam-a com pennas de aves de differentes cores, e nella pregam um cordão para trazel-a a tira-collo.

No Equador preparam algumas tribus a cabeça mumificada por processo differente. escalpando as partes molles bem rente aos

ossos do craneo, os cabellos ficando presos no seu logar, e sujeitando depois toda a mascara humana ao deseccamento produzido provavelmente no fumeiro. O retrahimento dos tecidos opera-se por igual, ficando a cara engelhada, reduzida a 1/3 das dimensões naturaes, com uma côr negra carregada ; os pellos nazaes, os bigodes, a barba, as sobrancelhas e a cabelleira conservam as suas relações normaes de distancia, e a figura humana assim reduzida em tamanho, afogada em uma basta cabelleira negra, assume um que das feições do macaco. Dão a este typo de cabeça mumificada o nome *chancha*. As collecções do Museu possuem dois exemplares desses.

Entra tambem como parte da secção ethnographica uma collecção de craneos e esqueletos indigenas, que enchem duas grandes vitrinas da sala Broca. A mór parte desses craneos foram por mim estudados, e a respeito delles publiquei nos *Archivos do Museu* diversos trabalhos anthropologicos. A serie dos craneos dos Botucudos e a dos Sambaquis merecem particular menção, pelo numero e pela boa conservação dos specimens.

Por esta revista geral já se póde julgar da importancia que tem a secção ethnographica do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Dentro daquellas vitrinas existem objectos de grande valor para o estudo anthropologico dos indigenas do Brazil ; e muitos delles, si fossem aproveitados em estudos comparativos, podiam fornecer materia para interessantes trabalhos ethnologicos.

Si um espirito inquiridor, possuindo o habito de coordenar, de comparar e de induzir, tomasse á sua conta esse grande acervo de objectos, para sujeital-os a um exame analytico, por grupos, e procedencias, podemos asseverar que dalli se irradiaria a luz sobre muitos pontos, até hoje obscuros, da ethnologia brazileira.

As fórmas e a applicação dos objectos a um certo fim determinado, a sua textura, e a combinação das cores, variando segundo as tribus e os logares de procedencia desses objectos, podiam servir de base para algumas inducções.

Prestando subsidio ás differentes secções do Museu, possue este uma officina de taxidermia e uma officina de photographia, ambas bem apparelhadas para corresponderem aos seus fins.

LABORATORIO DE BIOLOGIA

Fundado em 1880

Director — Dr. J. B. de Lacerda

Quem traçou o roteiro para os estudos experimentaes no Brazil foi este laboratorio, fundado em 1880, sob o titulo de Laboratorio de Physiologia Experimental, annexado ao Museu Nacional.

Fundado sob a minha direcção e do Dr. Louis Couty, elle grangeou em pouco tempo nos gremios scientificos europeus uma tão elevada reputação, como nenhuma outra instituição scientifica do Brazil já teve. Foi um centro de trabalho constante, de pesquizas originaes, de investigações uteis sobre assumptos especialmente brazileiros; dalli sahiram communicações importantes para a Academia das Sciencias de Paris, memorias de valor para revistas e jornaes estrangeiros, e uma descoberta, que fez convergir para o Brazil a attenção de todo o mundo civilisado.

Em 1880 estava eu occupado, como Sub-Director da secção de Zoologia do Museu, no estudo da peçonha dos ophidios, a respeito da qual possuia a sciencia noções confusas e muito vagas. Não podia alargar muito o ambito desses estudos, porque faltavam ao Museu apparelhos e instrumentos para a pesquiza e subsidios indispensaveis á experimentação physiologica. As minhas vistas estavam circumscriptas ao estudo das alterações do sangue, para o qual me bastava um bom microscopio de Verick.

Succedeu por esse tempo que o governo contractasse em Paris para vir ensinar biologia industrial na Eschola Polytechnica, um joven medico, discipulo dilecto de Vulpian.

Louis Couty, que assim se chamava o professor contractado, era um joven ambicioso de gloria, espirito vivo, arguto, com grande practica de trabalhos experimentaes, pois fôra frequentador assiduo dos laboratorios de Vulpian e de Brown-Sequard. Elle partiu para o Brazil com grandes projectos e o desejo de realizar aqui grandes cousas.

Elle pensava encontrar na natureza opulenta deste paiz novo um thesouro inesgotavel de factos desconhecidos ou não estudados, de onde elle, com pequeno esforço, podia sacar valiosas descobertas. Foi esta

DR. L. COUTY

a perspectiva que elle teve assumindo o cargo de professor da Eschola Polytechnica.

Qual não foi, porém, a sua desillusão quando lhe apresentaram os elementos mediante os quaes devia iniciar o seu curso!

Não comprehendo, dizia elle, como é possivel ensinar uma sciencia complexa, de fins practicos, qual é a biologia industrial, sem demonstrações nem experiencias. Fazer aos alumnos dissertações theoricas sobre aquelle assumpto, accrescentava elle, não seria em verdade, cousa difficil, mas as minhas vistas são outras, e á educação scientifica, que recebi dos meus grandes mestres, repugna semelhante methodo de ensino.

Desanimado com esta perspectiva, não sabendo como orientar-se para bem desempenhar a sua elevada missão, Couty foi aconselhado a procurar o Museu Nacional, onde se faziam então alguns estudos experimentaes.

Em certo dia, pela manhã, annunciaram-me a sua visita ao Museu. Após a mais cordial recepção, sem muitos preambulos, disse-me elle que desejava associar-se aos meus trabalhos experimentaes, constituindo juntos, nós ambos, um centro de investigações scientificas, que noutro logar não podiam ser realizadas sinão no Museu. A proposta foi acceita; e ficou logo entre nós combinado que elle traria os seus apparelhos e instrumentos, e que eu alcançaria permissão do director do Museu para installar o nosso modesto laboratorio em um pateo do segundo pavimento.

Tinhamos já iniciado algumas experiencias com o curara, quando fomos avisados de que o Imperador viria assistil-as. A' hora aprazada compareceu D. Pedro II acompanhado do ministro da agricultura.

Terminadas que foram as experiencias, dirigimos, um appello ao monarcha, mostrando quanto podia lucrar a sciencia no Brazil com a installação de um bom laboratorio de physiologia experimental.

O Imperador fez uma promessa formal, de proteger o nosso intento, que não levou muitos dias a realizar-se. Foram orçadas as despezas para a installação do laboratorio, cujo plano Couty traçou pelo de outros laboratorios, que elle frequentara em Paris; e logo fez-se a encommenda dos apparelhos e instrumentos.

Foi assim que nasceu o Laboratorio de Physiologia experimental do Museu, primeiro instituto deste genero fundado no Brazil. Elle occupou dois vastos salões no pavimento terreo do edificio antigo do Museu.

Dois aquarios, illuminados com a luz do gaz, bioterio, um bom cabedal de instrumentos de observação, numerosos apparelhos registradores de Marey e de Ludwig, foles para fazer-se a respiração artificial, apparelhos de contensão, machinas de extrahir os gazes do sangue, thermometros, microscopios, spectroscopio, apparelhos electricos, balanças de precisão, estufas, vasilhame de cobre e de vidro, reactivos chimicos, uma collecção de alcaloides toxicos, etc., formaram o material technico deste laboratorio Fez-se a canalisação de agua e de gaz. Installou-se um motor a gaz para impellir os apparelhos de respiração artificial, e num gabinete ao lado do grande salão ficou montada a bibliotheca.

As questões que compuzeram o nosso primeiro programma de estudos experimentaes foram as seguintes:

Venenos dos animaes;

Plantas toxicas e alimenticias;

Physiologia do clima;

Café, mate e alcool de canna;

Doenças do homem e dos animaes;

Physiologia do cerebro, estudada nos macacos;

O estudo physiologico do curara, encetado, ha mais de um seculo por Fontana, completado por Cl. Bernard, Vulpian, nos nossos tempos, apezar da profundeza com que o fizera Bernard, offerecia ainda lacunas e obscuridades, que podiam quiçá ser sanadas por novas experiencias, realizadas no Brazil. Com effeito tinhamos á mão amostras de curara, de procedencias mui diversas, e uma infinidade de frexas hervadas, originarias de varias tribus do Amazonas. Aproveitando esses elementos, eu e o Dr. Couty fizemos uma longa serie de experiencias com esse veneno, resumidas em uma memoria, que foi publicada nos *Archives de physiologie normale et pathologique*, de Vulpian, Brown-Sequard e Charcot, em 1881. Ahi fizemos ver que os curaras divergem conforme as procedencias, havendo alguns delles que agem mais intensamente sobre a circulação do que outros. Os curaras originarios do Rio Negro estão neste caso. Indicamos que as armas hervadas com esse veneno são de caça e não de guerra; e fizemos notar que ha um periodo inicial na curarisação, caracterisado por phenomenos geraes de excitação, periodo que não se revela ou passa despercebido quando a quantidade do veneno inoculada é massiça, de modo a se produzirem logo os phenomenos de paralysia.

Restava, porém, determinar qual é o elemento componente do curara, ao qual são devidos os effeitos paralysantes deste veneno. Para chegar-se a resolver este problema era necessario ter á mão, bem authenticadas por uma identificação botanica segura, as plantas componentes do curara. Tomei a mim procurar a solução deste problema.

Sabia que no curara dos Ticunas entravam como base do veneno um Strychnos, e uma Menispermacea do genero Anomospermum.

Consegui obter certa quantidade dessas duas plantas, as quaes foram classificadas, como *Strychnos castelnœi* e *Anomospermum grandifolium*, Eich.

Injectando em rãs e cães o extracto fluido desta ultima planta, observei todos os effeitos paralysantes do curara. Não experimentei os effeitos do Strychnos, porque a quantidade de extracto obtida não chegou para uma experiencia. Esses ensaios levaram-me a suppor que a planta fundamental do curara era uma Menispermacea do genero Anomospermum; e que a acção paralysante desta planta mascarava a acção convulsionante do Strychnos.

Esta supposição, porém, baqueou depois de uma recente communicação que me fez o Dr. Gordon Sharp, de Londres, de haver observado os effeitos do curara, injectando em animaes o extracto do *Strychnos toxifera*, de Shomburgh.

Com uma pequena quantidade do extracto deste Strychnos, que me enviou o Dr. Sharp, reproduzi as experiencias, que elle primeiro fizera, e verifiquei a perfeita identidade entre os effeitos daquelle extracto e os do curara.

Ora tudo induz a admittir que os outros Strychnos do Amazonas, que entram na composição do curara e que ainda não foram experimentados, são, em maior ou menor escala, dotados das mesmas propriedades paralysantes, que tem o Strychnos toxifera.

Portanto, no actual estado da sciencia, podemos affirmar que o curara deve os seus effeitos a duas plantas paralysantes: uma Strychnea e uma Menispermacea. E' para excitar a curiosidade e na verdade cousa digna de nota, saber-se agora que os Strychnos da America são paralysantes. Cumpre observar que o Anomospermum conjuncta á acção paralysante dos nervos motores, uma acção paralysante cardiaca, a qual só se revela, injectando-se dóses massiças do extracto. Talvez a propriedade que teem certos curaras, como o do Rio Negro, de agirem intensamente sobre a circulação, se

explique pelas quantidades relativamente grandes da Menispermacea, que entra na composição desses curaras.

Que horrorosa condição a do animal sujeito á acção deste veneno, quando se lhe retarda a morte por algumas horas fazendo-o respirar artificialmente!

Nelle a consciencia está integra, os sentidos teem a percepção vivida e perfeita para apreciar todas as modalidades do mundo exterior, a sensibilidade persiste, mas os movimentos de relação ficam totalmente abolidos. A dôr é sentida, mas sem provocar um grito, nem siquer a mais leve contracção dos musculos, que traia a percepção della. Esmague-se a pata de um animal curarisado, pratique-se nelle contusões e ferimentos, que, em outras circumstancias seriam sufficientes para desafiar os mais energicos movimentos de defesa e os gritos mais plangentes, e, apezar de tamanhas torturas, elle não soltará um queixume, nem executará um movimento, por mais pequeno que seja, para furtar-se ao supplicio. Soffrimento atroz, como nunca imaginaram igual os mais crueis verdugos, de que a historia dos crimes faz menção!

Faltou á imaginação tetrica do Dante crear este genero de tortura para requintar a dôr dos condemnados aos martyrios do inferno: a morte com a plena integridade da consciencia e da sensibilidade, a morte com o coração vivido, palpitante, a contrahir-se, com o sangue rubro espadanando pelas arterias, com as glandulas turgidas a segregarem, um simulacro de morte, que tanto illude sobre a realidade da vida da consciencia, quanto sobre a percepção intima da dôr, que parece alli extincta.

O bom exito dos estudos com o curara incitou-nos a proseguir neste caminho, estudando outros venenos vegetaes do Brazil. Reconheci os effeitos do acido prussico no succo fresco da mandioca; a acção paralysante vaso-motora do páo-pereira *(Gissospermum Vellosii)*; os effeitos convulsivantes do Conamby *(Ichthyotere Conamby)*, mui parecidos com os da picrotoxina; a acção sedativa do mulungù, semelhante á dos bromuretos; a acção paralysante vascular das abutuas; a acção paralysante cardiaca da *Asclepias curassavica*, recordando um pouco a acção da convallaria. Durante quasi um anno andei absorvido no estudo experimental destas plantas toxicas do Brazil, e a respeito dellas publiquei algumas pequenas memorias avulsas.

O estudo physiologico do clima tinha para nós grandes seducções. Conhecer como as funcções dos orgãos variam sob o influxo das

condições do meio; como a acção do calor se exerce sobre os musculos e os nervos; como se comporta o coração, agido pelos altos gráos da temperatura estival; como trabalha o figado nos climas quentes; que modificações soffre a carga do sangue nas arterias — eis tantos pontos de attracção para o physiologista, que o deviam impressionar vivamente.

As experiencias duraram todo o percurso do verão dos annos de 1883 e 1884, e nos induziram ás seguintes conclusões:

No Rio de Janeiro, o calor do estio:

a) faz baixar a tensão arterial;

b) enfraquece a acção impulsiva do coração;

c) excita a secreção biliar;

d) deprime a excitabilidade medullar;

e) enfraquece a acção dos musculos lisos;

f) produz o esgoto rapido da força muscular.

A concentração do calor por uma exposição demorada aos raios solares póde elevar a temperatura rectal a 42° e 43° C., dando-se então a morte por paralysia do coração e da respiração.

Emquanto a minha attenção esteve volvida para estes interessantes assumptos, Couty estudava as funcções do cerebro, accumulando experiencias sobre experiencias, factos sobre factos, para mostrar as lacunas e os pontos fracos da theoria das localisações cerebraes. Elle contestava, e com bons fundamentos, que se pudesse fazer da casca cerebral, como queriam Ferrier, Charcot, François Franck e outros, uma carta geographica, com centros limitados e divisões bem marcadas. Nesta questão elle commungava com as opiniões de Vulpian e Brown-Sequard, que foram os mais decididos adversarios da theoria das localisações. Elle contestou a fixidade dos chamados centros psycho-motores; mostrou que as excitações de um centro se irradiavam para outros; e que a acção motora do cerebro estava em immediata ligação com a acção motora da medulla espinal, que serve de estação intermediaria entre aquelle orgam e os musculos.

Seus trabalhos physiologicos sobre o mate, o café, o alcool amylico, o tasajo mereceram grande apreço dos homens de sciencia, e ainda hoje não desmereceram do seu valor.

Couty era uma dessas organisações moldadas para o trabalho intellectual intensivo, capaz de labutar oito horas por dia entre as quatro paredes de um laboratorio, e de reservar ainda algumas horas da noite para lançar no papel as impressões colhidas durante o

trabalho do dia. Era dotado de uma percepção aguda, que apanhava o pensamento alheio muito antes de elle ser todo enunciado. Sua locução era facil, prompta, arrojada ás vezes, sem pretenções oratorias: elle não se submettia á regra do fallar pausado, o que não impedia que imprimisse uma certa cadencia aos seus periodos, o que tornava ás vezes a sua exposição monotona Tinha a capacidade da generalisação mui desenvolvida; e na apreciação dos factos provocados pelas suas experiencias, elle possuia em subido gráo a habilidade de os differenciar logo e de os synthetisar.

Foi cruel a morte cortando-lhe o fio da existencia em plena juventude, quando se preparava talvez para grandes surtos nos vastos páramos da physiologia. O seu legado á sciencia foi um manuscripto de 800 paginas sobre as *Funcções do cerebro*. Ninguem sabe que destino levou esse grande repositorio de observações e de experiencias, no qual havia pontos de vista novos e idéas originaes.

Elle revelou, varias vezes, um pendor de seu espirito para tratar de questões sociaes; e, todas as vezes que se internou por esses desvios, deu mostras da fortaleza e da malleabilidade do seu talento, encarando os assumptos num ponto de vista elevado. *L'Esclavage au Brésil*, publicado ainda no dominio dessa instituição, é um livro pejado de conceitos, de observações e de factos, tendentes todos a demonstrar quanto foi prejudicial ao Brazil a escravidão. A memoria de Couty merece um tributo de gratidão dos brazileiros.

Ainda que a firmeza das nossas boas relações de amizade houvesse estremecido nos ultimos tempos da sua vida, eu conservo delle gratas recordações e sou sincero fazendo justiça aos seus grandes meritos.

O facto, porém, que maior realce deu ao laboratorio de physiologia experimental, foi a descoberta da acção neutralisante do permanganato de potassio sobre o veneno dos ophidios.

A repercussão dessa descoberta, que encerrava no seu seio a previsão de grandes beneficios á humanidade, transpoz as fronteiras da patria, e chegou até os mais remotos paizes do mundo civilisado. Nunca a attenção dos sabios, em terras estrangeiras, sentiu-se tão fortemente attrahida para as conquistas da sciencia no Brazil, como na épocha em que foi divulgada essa descoberta. A imprensa da França, da Italia, da Inglaterra, da Russia, da Belgica e da India (Singapura) occupou-se do assumpto com um interesse e uma solicitude que denotavam o gráo de importancia que, naquelles paizes, se ligava á descoberta realisada no Brazil.

Vamos a rapidos traços historiar as phases desse brilhante successo scientifico, que foi um motivo de gloria para o Brazil e de desvanecimento para o Museu.

Desejando proseguir nas minhas investigações, começadas havia mais de dous annos, sobre a acção physiologica da peçonha dos ophidios, concertei um plano de experiencias, no qual entrava tambem reconhecer as substancias capazes de attenuarem os effeitos do veneno, depois de inoculado. Já estava certo da maneira como agia a peçonha sobre o sangue, sobre os vasos, sobre o coração e sobre o systema nervoso, e esse conhecimento resultara de uma infinidade de experiencias praticadas em animaes de differentes especies, e em condições mui diversas. Restava preencher a ultima parte do programma, estudando primeiro, fóra do organismo, a acção de varias substancias chimicas sobre a peçonha. Observei então que as correntes gazosas do chlóro, assim como do oxygeneo, aniquilavam o poder da peçonha. Fiz ensaios depois com um grande numero de substancias, umas vegetaes, outras mineraes, buscando ver si ellas eram capazes de modificar os effeitos do veneno, depois de inoculado. Os resultados desses ensaios foram inteiramente negativos.

Foi então que o conhecimento, previamente adquirido, da acção neutralisante exercida pelo oxygeneo, no estado nascente, suscitou-me a experimentar o permanganato de potassio. Ninguem ignora que este sal é um substracto de oxygeneo condensado, e que, posto em contacto com as materias organicas, elle desprende todo o oxygeneo, no estado nascente. Este raciocinio, feito por comparação e analogia, traçou o caminho para a descoberta.

Realizei as experiencias, e todas ellas confirmaram plenamente a exactidão do meu raciocinio.

Juntando uma solução de permanganato de potassio ao veneno, este perdia immediatamente todas as suas propriedades. Injectado o veneno no animal, em dóse mortal, e dous minutos depois, injectando a solução do permanganato de potassio, os effeitos do veneno attenuavam-se, e no fim de alguns minutos o animal recuperava as suas condições normaes. Foram repetidas estas experiencias numerosas vezes, sempre com o mesmo resultado.

Quando tive a certeza plena do facto, reuni no laboratorio os Directores e Sub-Directores do Museu e perante elles reproduzi as experiencias com brilhante exito.

Na data de 13 de julho de 1881 publicou o *Jornal do Commercio*

o officio do Director do Museu, Dr. Ladisláo Netto, dirigido ao Ministro da Agricultura, Buarque de Macedo, communicando os resultados a que eu havia chegado. Transcrevemos aqui esse documento official com as reflexões, que o *Jornal* entendeu dever juntar-lhe:

« A sciencia parece a ponto de augmentar o seu cabedal com duas interessantissimas descobertas, após numerosos e pacientes esforços realizadas pelo Sr. Dr. João Baptista de Lacerda, Sub-Director de uma das secções do Museu Nacional, e das quaes ainda ante-hontem se effectuaram, na presença de S. M. o Imperador, experiencias coroadas pelo exito mais feliz, como tivemos o prazer de noticiar. Versa sobre este objecto, de que muita honra poderá advir ao distincto physiologo brazileiro, merecida nomeada ao Museu Nacional, o seguinte officio com que o Director deste estabelecimento, Sr. Dr. Ladisláo Netto, em phrase repassada de justa satisfação, communicou ao Sr. Ministro da Agricultura o triumpho scientifico alcançado pelo Sr. Dr. Lacerda:

« Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 6 de julho de 1881.

« Illm. e Exm. Sr.— Com a maior satisfação pelos excellentes resultados colhidos no Laboratorio de Physiologla Experimental deste estabelecimento, cujas glorias mais pertencem ao Governo, que o tem animado, do que a quem o dirige, tenho a honra de participar a V. Ex. que, além de muitos descobrimentos importantes feitos no referido laboratorio á prol da physiologia geral, dous ha, que considero do mais alto alcance em bem da humanidade, realizados no breve lapso de dous mezes pelo Sub-Director do mesmo laboratorio, Dr. João Baptista de Lacerda.

« O primeiro é relativo á verdadeira natureza da peçonha das cobras, que o Dr. Lacerda reconheceu e demonstrou ser analoga ao succo pancreatico. O segundo diz respeito ao unico antidoto efficaz da mesma peçonha: antidoto que após numerosas tentativas, se apresentou no permanganato de potassio, cuja acção está mais do que demonstrada nas multiplicadas experiencias effectuadas aqui nestes ultimos dias.

« Realizaram-se assim as minhas mais vivas esperanças, porque não bastava, no meu entender, o estudo do modo por que o veneno das cobras actua no organismo dos outros animaes; não bastava, tão pouco, o conhecimento da natureza deste veneno, sobejamente determinada pelo Dr. Lacerda; mas era ainda mister, e sobretudo, rasgar o véo em que se envolvia este antidoto, porventura o mais notavel de quantos a sciencia moderna ha desvendado e o que maior galardão deve de trazer ao seu descobridor.

« Não é sómente como antidoto do veneno das cobras que o permanganato de potassa se apresenta com tão elevada importancia. Seu valor póde ser ainda maior si, como antidoto contra todas as substancias fermentivas, peçonha ou virus de acção mortal, elle puder tambem curar a *raiva*, a variola e tantas outras molestias epidemicas, em geral virulentas : ponto este que será devidamente elucidado pelos trabalhos neste sentido já iniciados no nosso laboratorio.

« Cabe a este Museu, e em particular ao Dr. João Baptista de Lacerda, a gloria de haver descoberto tão valioso antidoto. Vou convidar alguns dos mais distinctos profissionaes desta Côrte para assistirem a experiencias demonstrativas da acção do permanganato de potassio e nenhuma duvida tenho de que prestarão elles autorisado testemunho do que levo exposto.

Deus guarde a V. Ex.—Illm. e Exm. Sr. Conselheiro Manoel Buarque de Macedo, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas.— O director geral, *Ladislão Netto*.»

« Podemos accrescentar a esta exposição que, segundo consta por informação do Sr. major Serpa Pinto, que nos foi transmittida por pessoa digna de todo o conceito, a presidencia de Bombaim, possessão ingleza, reserva um premio consideravel ao descobridor de um antidoto efficaz contra a peçonha das cobras. Ouvimos tambem de pessoa mui competente, que o permanganato de potassio jámais foi ensaiodo como antidoto e que, portanto, sejam quaes forem as multiplas applicações e os desenvolvimentos a que puder prestar-se o descobrimento do Sr. Dr. Lacerda, ficará incontestavel a este brazileiro a gloria de uma prioridade, que não foi aliás effeito de mero acaso, mas resultado de estudo paciente e de laboriosas experiencias.

«O Sr. Dr. Lacerda vai repetil-as, com a sua habitual perseverança, e, como acima relata o Director do Museu Nacional, já iniciou estudos sobre variadas applicações em que poderá empregar-se, a bem da humanidade, o permanganato de potassio. Sejam estas tentativas o prenuncio de novos descobrimentos e possa este bello exemplo de dedicação á causa da sciencia despertar e fomentar a tendencia para os estudos positivos, que, vigorosamente apoiada por aquelles a quem incumbe dirigir e impulsionar a educação nacional, sem duvida concorrerá para remodelal-a segundo o espirito scientifico do nosso tempo.

«De ordinario não é dado a um só homem assistir a todos os resultados scientificos da sua descoberta, e póde ser que o Sr. Dr. Lacerda não haja feito até agora sinão indicar nova direcção a estudos especiaes.»

« A sua gloria não será menor por isso. Si o buscado antidoto não está de feito achado de modo definitivo, pelo menos um canto da verdade foi descoberto, e feliz o homem que, em qualquer ordem de idéas, approxima a humanidade da conquista do seu vellocino. »

Logo em seguida a esta communicação official, dirigida ao Ministro da Agricultura, o Imperador fez annunciar a sua visita ao Laboratorio, porque desejava assistir ás experiencias.

A's 11 horas do dia designado (11 de julho de 1881) estavam preparados para servirem na experiencia imperial tres cães fortes e sadios.

Em torno das mezas em que haviam sido amarrados estes animaes postaram-se os ajudantes e serventes. O veneno extrahido de duas Bothrops foi depositado em pequena capsula contendo agua distillada. As seringas estavam armadas das respectivas agulhas, e a solução de permanganato de potassio de 1 °/₀, feita naquelle momento, acabava de ser encerrada em um frasquinho de crystal.

Annunciou-se a chegada do Imperador e do Ministro da Agricultura.

O Imperador, entrando no laboratorio, cortejou os circumstantes e depois dirigindo-se a mim, apertando-me a mão, disse :

Aqui estou para testemunhar a sua descoberta ; estou muito interessado em ver isso.

— E eu mais interessado ainda em mostral-a a Vossa Magestade.

— Antes de tudo, disse eu, é preciso provar a Vossa Magestade que a quantidade do veneno, que eu vou neutralizar, injectando nas veias o antidoto, faz succumbir um destes cães.

— Dispenso, replicou o Imperador ; não ha necessidade de sacrificar sem proveito a vida de um animal.

—Mas Vossa Magestade, que conhece as regras da experimentação, sabe bem que esta experiencia preliminar faz parte da comprovação rigorosa do facto que se quer provar. e que, portanto, ella é necessaria.

Não querendo eu insistir, foi iniciada a primeira experiencia, que devia provar a acção do antidoto.

Injectou-se na veia saphena 1 cent. c. da solução do veneno ; um minuto depois injectou-se na mesma veia 1 cent. c. da solução de permaganato de potassio.

O animal enrijou-se numa convulsão tetanica, suspendeu-se a respiração e o coração ficou quasi paralysado. As injecções do antidoto foram repetidas, e não obstante a morte parecia imminente.

Neste momento, o Imperador approximando-se da meza e fitando o animal inerte, com a respiração parada e os membros contracturados, disse, voltando-se para mim :

— Este... não conte mais com elle : prepare outra experiencia.

Ao que retorqui :

— Ainda é cedo para Vossa Magestade julgar. Esperemos alguns minutos.

Cinco minutos depois a convulsão cessou, o calor voltou ás extremidades, o coração começou a pulsar com frequencia, os movimentos respiratorios restabeleceram-se com o seu rythmo normal. Em pouco o animal ergueu a cabeça e abriu os olhos. Descido da meza e posto no chão, elle sahiu trotando pelo laboratorio em fora.

Quando estes factos se passavam o Imperador, que conversava alli perto com o Ministro, interrompeu de subito a conversação e, seguindo com os olhos o animal, não poude dissimular a sua admiração.

— Basta, não precisa mais, disse elle. Estou satisfeito.

— Imperial Senhor, retorqui eu, uma experiencia só prova alguma cousa, mas não prova muito. Permitta, pois, Vossa Magestade que a repita mais duas vezes.

E assim fiz. Os resultados destas duas experiencias não foram como os da primeira, surprehendentes, mas foram convincentes.

Dada por finda a sessão, o Imperador despediu-se dos circumstantes, e apertando-me a mão disse-me :

— Bem. Vou satisfeito com o que testemunhei. Agora vamos vêr no homem.

Ao que contestei :

— Vossa Magestade ha de vel-o, porque um facto destes comprovado em um animal de ordem elevada como é o cão, não póde deixar de ser comprovado no homem. A physiologia é a mesma, os effeitos, portanto, devem ser os mesmos.

O Imperador não replicou.

Houve quem, depois de retirar-se o monarcha, fizesse alli mesmo, entre os circumstantes, commentarios sobre a attitude fria e um tanto reservada, com a qual o Imperador assistira ás experiencias.

Eu achei, porém, que a extranheza dos meus collegas não fôra de todo justa. O Imperador, disse-lhes eu, pelo longo trato que teve na Europa com os sabios mais illustres, acostumou-se a ser reservado nas suas opiniões scientificas, e receia, sempre que se lhe apre-

senta um facto novo ou uma descoberta, precipitar o seu juizo. Que assim devera ser interpretada a sua attitude fria e reservada demonstrou mais tarde o extraordinario interesse que elle tomou na questão, quando foi preciso rebater as objecções dos sabios europeus.

A' experiencia imperial seguiu-se uma experiencia publica, para a qual foram convidados professores das Faculdades e Escholas superiores, e varios medicos de entre os de maior nomeada do Rio de Janeiro. O exito foi completo, conforme se vê no resumo da sessão publicada no *Diario Official* de 16 de julho de 1881.

A attenção publica despertada pela publicação na imprensa das experiencias realizadas no Museu, diante do Imperador e de grande numero de medicos, começou a mostrar interesse pelo assumpto.

Na conferencia popular da Gloria, realizada a 17 de julho de 1881, pronunciou o Senador Correia as seguintes palavras que foram editadas no *Jornal do Commercio* de 18 de julho:

« Senhores. — E' meu sincero desejo que entre as vantagens, que se possa porventura colher desta tribuna, conte-se a de nella échoar o louvor a todo o commettimento que traga brilho ao nome brazileiro, com uma saudação ao digno compatriota que o realizar. E não dou agora testemunho, pela primeira vez, desse ardente desejo.

« Os beneficios á humanidade são sempre apreciaveis. Si a minha admiração e o meu applauso são sempre os mesmos, ha gradações no meu contentamento pessoal, conforme o beneficio é feito, no estrangeiro por estrangeiro, no Brazil por estrangeiro, no estrangeiro por brazileiro. no Brazil por brazileiro.

« Neste ultimo caso todos os meus votos ficam preenchidos.

« E', portanto, com satisfação, que não póde ser maior, que julgo dever daqui saudar ao Dr. João Baptista de Lacerda, pelo humanitario beneficio da sua descoberta de um antidoto contra a peçonha das cobras.

« O estrangeiro repetirá d'ora em diante com reconhecimento o nome do benemerito brazileiro.

« A este reconhecimento temos nós de reunir o especial sentimento do patriotismo satisfeito.

« A luz clara da intelligencia brazileira pôde emfim penetrar na escuridão que envolvia o fatal veneno, e não só para conhecê-lo exactamente, mas para destruil-o.

« A gloria conquistada pelo Dr. Lacerda, e gloria resultante do laureado esforço do entendimento no sagrado empenho de arrancar victimas á morte, é tambem gloria do Brazil.

LABORATORIO DE BIOLOGIA

« Ao infatigavel obreiro da sciencia, as nossas cordiaes e enthusiasticas felicitações. »

No dia 6 de agosto do mesmo anno realizou-se a primeira experiencia no homem, conforme se vê na seguinte carta, publicada no *Jornal do Commercio* de 10 de agosto :

— Começam já a colher-se fructos da descoberta do Sr. Dr. Lacerda. Com prazer registramos a seguinte carta, escripta pelo Sr. capitão Luiz Ribeiro de Souza Rezende a seu cunhado Manoel da Motta Teixeira e datada de 7 de agosto, do Bananal de Itaguahy :

« E' com a maior satisfação que te escrevo estas linhas. Comecei hontem a medir as minhas terras, sendo medidor o engenheiro Sr. Pralon e louvados pela Imperial Fazenda de Santa Cruz o tenente-coronel Manoel Gomes de Oliveira Lima, e por mim o amigo Manoel Fernandes Ramos. Acompanhavam a estas pessoas cinco camaradas de nomes Raymundo, Marciano, Joaquim Lemos, Joaquim Mendes e Luiz Antonio dos Santos, era este um dos pegadores de corda, quando, pelas 2 1/2 horas da tarde, foi repentinamente mordido por uma enorme *jararaca preguiçosa*, que media 4 palmos e 3 1/2 pollegadas. A mordedura foi um pouco abaixo do tornozello do pé direito, bem no centro e acima do calcanhar ; a ferida era profunda, porque viam-se perfeitamente os buracos dos dentes. O camarada, já mordido, ainda teve tempo de matar aquelle enorme bicho.

« Foi remettido para casa pelo engenheiro Pralon e os louvados acima mencionados. Tratei de socegar o camarada e fiz-lhe cinco injecções do permanganato de potassio, sendo duas nas feridas produzidas pelos dentes da jararaca e mais tres acima das feridas : foi-me necessario fazer as cinco injecções, porque as agulhas da seringa que trouxeste não se adaptavam bem ao tubo e dei-lhe a beber mais um calix d'agua com meia colher de chá do mesmo permanganato.

« São 8 horas da noite, o meu doente acha-se *sem incommodo algum* nem mesmo a *menor inchação* na perna ; está, porém, mancando e diz rindo-se que eu fui quem o fez mancar com a agulha que lhe espetei !

« Bravo !!... Parabens ao Dr. Lacerda, a quem todos aqui cumprimentam. Dou-me por feliz de ter sido o primeiro que neste logar empregou o permanganato de potassio, e julgo que fui tambem o primeiro que applicou no *homem* esta maravilha do Dr. Lacerda. »

Durante alguns mezes os jornaes, que se publicam no Rio de Janeiro e nas provincias, não cessaram de transcrever cartas e communicações,

dando conta dos triumphos obtidos com as injecções de permanganato de potassio, e dirigindo expressões encomiasticas ao autor da descoberta.

Entre os paizes do outro continente foi a Inglaterra o que mais se interessou em conhecer o valor da descoberta realizada no Brazil; e foi alli que a controversia se travou em campo mais vasto e com mais ardor na imprensa e no seio das associações scientificas. Convem notar qve as possessões inglezas da India perdiam annualmente cerca de 20.000 vidas, por mordeduras de ophidios.

Com o fim de cercear essa grande mortandade em suas colonias, o Governo britannico nomeou uma commissão de medicos e scientistas para estudarem os meios practicos de neutralizar a acção do veneno ophidico no organismo do homem e dos animaes. Foi presidente dessa commissão Sir Joseph Fayrer. Depois de muitos mezes de trabalho aturado, essa commissão não chegou a nenhum resultado satisfactorio. Eis a razão por que na Inglaterra tão grande sensação causou a noticia das experiencias por mim feitas, com o mais brilhante successo, no Museu do Rio de Janeiro, em presença do Imperador e de muitas pessoas conspicuas.

Sentimentos de rivalidade, porém, ou de despeito, como sempre sóe acontecer em taes casos, provocaram alli um movimento de opposição, que primeiro irrompeu do Collegio Real dos Cirurgiões de Londres.

Sciente desse movimento, que foi até repercutir nas columnas editoriaes do *Times*, o Secretario da Legação Brazileira em Londres dirigiu-se ao mordomo do Imperador nos seguintes termos:

Legação Imperial do Brazil — Londres, 8 de novembro de 1881.

Illmo. Exmo. Sr. Conselheiro Barão de Nogueira da Gama — « Sabendo o interesse que o Imperador tem tomado nas experiencias do Dr. João Baptista de Lacerda, rogo a V. Ex. se sirva pôr debaixo dos olhos de Sua Magestade os cinco inclusos retalhos do *Times* contendo uma correspondencia entre a *Brasilian* e F. R. C. S. *(fellow of the Royal College of Surgeons)* a respeito do permanganato de potassa como antidoto da peçonha das cobras. Ahi se vê contestada a descoberta do Dr. João Baptista de Lacerda, allegando F. R. C. S. que na obra de Sir Joseph Fayrer *The Thanatophidia of India*, pag. 94, acham-se transcriptas as experiencias feitas em 1869 com o referido antidoto, as quaes não foram consideradas satisfactorias. A *Brasilian* replicou insistindo com diversos exemplos na efficacia das experiencias feitas no Brazil.

Seria para desejar que o Dr. João Baptista de Lacerda remettesse para ser aqui publicada uma memoria circumstanciada sobre a applicação do especifico, que tanto interessa á sciencia e á humanidade.

Aproveito a opportunidade para reiterar a V. Ex. os protestos de mui distincta consideração com que sou

De V. Ex. muito attento venerador, amigo e criado—*João Arthur de Souza Corrêa.* »

Esta carta, que o Imperador me fez chegar ás mãos, dava bem uma amostra do modo como a questão era tratada em Londres.

Respondendo ao ataque nas proprias columnas do *Times*, fiz ver que as experiencias dos Srs. Joseph Fayrer e Lauder Brunton com o permanganato de potassio, publicadas nas *Proc. Royal Society*, n. 179, de 1875, e ás quaes alludiu o meu contradictor, eram experiencias defeituosas, realizadas em condições taes de determinismo, que só podiam dar resultados negativos.

Em todas as quatro experiencias, que não foram ellas mais numerosas do que isso, as cobayas receberam por inoculação uma quantidade de veneno tres vezes superior áquella, que bastava para causar-lhes a morte. Ora, desde que a acção neutralisante do permanganato de potassio é uma acção chimica, ella deve estar sujeita á lei das proporções definidas. Do que serviria, pois, neutralisar duas partes do veneno, si a terceira parte, que não foi neutralisada, era por si só sufficiente pára produzir a morte? E como seria licito suppor-se que a acção chimica se produziu naquellas experiencias, quando se lê, na publicação acima referida, que o veneno era inoculado em uma incisão feita na pelle, e em contacto com essa incisão se punham crystaes de permanganato de potassio? Ter-se-hiam esquecido os experimentadores inglezes d'aquella proposição axiomatica do codice das reacções chimicas *corpora non agunt nisi soluta*? Os Srs. Fayrer e Lauder Brunton obtiveram resultados negativos, porque não souberam experimentar conforme as regras scientificas classicas, tal foi em synthese a minha replica aos membros do Collegio Real dos Cirurgiões de Londres.

Na Sociedade de Medicina de Londres, presidida por Sir Joseph Fayrer, travou-se um caloroso debate a proposito de umas experiencias do Dr. Badaloni, communicadas áquella sociedade. Estas experiencias, feitas em ratos, tinham dado tambem resultados negativos. O principe Luciano Bonaparte, os Drs. Broadbent, Wall, Williams, Cullimore

Routh discutiram nessa occasião as minhas experiencias, levantando objecções que podiam ser facilmente combatidas.

Por fim, Sir Joseph Fayrer encerrou o debate, em que empenhados estavam quasi todos os associados presentes, declarando que, sem considerar o permanganato de potassio um antidoto, elle não estava longe de acceitar a utilidade dessa substancia nos casos de mordeduras de ophidios. Assim, acabou a notavel sessão de 16 de abril de 1883.

Salvo a questão theorica do antidotismo, que póde ser encarada e discutida sob muitos aspectos e condições differentes, a questão practica do permanganato de potassio estava ganha na Inglaterra.

Não obstante, julguei-me obrigado a rebater, uma por uma, a serie de objecções levantadas contra as minhas experiencias na Sociedade de Medicina de Londres. Essa replica foi publicada em francez na *União Medica*, e transcripta em alguns jornaes scientificos estrangeiros.

As experiencias do Dr. Vincent Richards, na India, com o veneno de *Naja Tripudians* e da *Bungara*, publicadas no jornal *The Lancet* de 7 de janeiro de 1882, firmaram alli a convicção, no espirito das associações scientificas, não deixando subsistir nenhuma sombra de duvida mais sobre a acção neutralizante do permanganato de potassio.

Na França, logo de principio, a questão assumio um caracter mais scientifico e uma feição mais sympathica do que na Inglaterra.

Obedecendo a um salutar conselho do Imperador, redigi uma nota concisa dos resultados das minhas experiencias, a qual foi apresentada á Academia das Sciencias pelo Sr. Quatrefages, na sessão de 20 de fevereiro de 1882.

No breve discurso, que precedeu á apresentação da nota, aquelle illustre membro do Instituto de França encareceu o valor da descoberta e solicitou para ella o apoio da Academia.

Terminada a apresentação, pediram alguns membros da Academia que se communicasse o facto ao Ministro da Agricultura e se nomeasse uma commissão encarregada de repetir as experiencias. Foram indicados para compor essa commissão Pasteur, Fremy, Quatrefages, Vulpian, Gosselin e Bouley. As experiencias deviam ser realizadas no Jardim dos Plantas, em animaes de grande porte.

Estas experiencias, porém, não chegaram, a effectuar-se pelos motivos e razões que vamos em seguida expender.

Couty havia emprehendido uma viagem á Europa justamente na occasião em que eu fazia os meus primeiros ensaios sobre a thera-

peutica do envenenamento ophidico. Nenhuma comparticipação, portanto, teve elle nos meus trabalhos, e nenhuma gloria podia legitimamente avocar para si na descoberta. O seu regresso ao Rio de Janeiro coincidio precisamente com o periodo de enthusiasmo nacional, provocado pelo brilhante exito das minhas experiencias. Depois dos cumprimentos que lhe dirigi na sua chegada, fiz-lhe, como era meu dever, uma succinta exposição dos resultados dos meus trabalhos, accrescentando por gentileza que não podiam deixar de ser repartidas com elle as glorias desse achado, visto que fôra elle quem dera, de principio, a orientação dos meus trabalhos. Sem poder dissimular a sua contrariedade, Couty limitou-se a replicar-me que o Laboratorio do Museu era de physiologia, não de therapeutica; que, entretanto, aguardaria opportunidade para verificar a exactidão das minhas conclusões. Por estes termos, vi logo que tinha de preparar-me para enfrentar com as prevenções e a má vontade do meu ex-collaborador.

Passados alguns dias, propoz-se Couty a repetir as minhas experiencias. Não podia eximir-me á obrigação de acompanhal-o, ainda que fosse só para fiscalisar os seus processos experimentaes e explicar a contradicção, si contradicção houvesse, entre os meus e os seus resultados. Conforme eu já tinha previsto, os resultados das suas experiencias foram todos negativos. Fiz-lhe vêr que infallivelmente elles deveram ser assim, pois que elle realisava uma condição na experiencia, que annullava todo o contacto do permanganato de potassio com o veneno, no sangue. Assim, emquanto o veneno era injectado por uma saphena, elle fazia entrar o antidoto pela veia homonyma do lado opposto. Está bem claro que as duas substancias só podiam encontrar-se no coração, o veneno conservando até ahi toda a sua actividade, e o antidoto achando-se já profundamente modificado por um longo trajecto no systema venoso. A neutralização não se dava e conseguintemente todos os effeitos do veneno se produziam. Demais, elle devia ver que essa condição da experiencia era inteiramente artificial e arbitraria, não correspondendo ás condições naturaes. Não querendo elle acceitar a procedencia destes argumentos, declarei-lhe que não podia continuar a apoiar com a minha presença experiencias que pareciam traçadas com vistas preconcebidas, e por isso me retirava, deixando-lhe o campo livre.

O protocollo das experiencias de Couty, acompanhado de considerações attinentes aos seus resultados, foi remettido a Vulpian, o membro mais competente da Commissão da Academia das Sciencias.

Em face de semelhante contradicção a factos que tinham sido, por assim dizer, consagrados pelo testemunho de grande numero de pessoas illustradas, inclusive o Imperador do Brazil, membro tambem da Academia das Sciencias, a Commissão julgou prudente adiar indefinidamente as experiencias de verificação.

Nas columnas do *Jornal do Commercio* de 8 junho de 1882, fiz inserir um artigo criticando as experiencias de Couty; e no dia seguinte o Dr. Araujo Góes, que estivera presente a algumas dessas experiencias, veio pelas columnas do mesmo *Jornal* prestar todo o apoio á minha critica.

A attitude que Couty assumio nessa questão, toda ella eivada de despeito e de espirito de rivalidade, alienou-lhe muitas sympathias. Elle queixava-se aos seus mais intimos amigos da dolorosa posição em que tinha ficado por esse procedimento e dos desgostos que dahi lhe tinham advindo.

Emquanto durou essa peleja scientifica, a attitude correcta e imparcial do Imperador não encobrio o interesse que elle manifestava pelo triumpho da minha causa, que era a causa do Brazil.

Não se leve sinão em conta do desejo de fazer justiça, os conceitos que vou exprimir sobre a personalidade moral e scientifica do Imperador D. Pedro II. E' uma consagração posthuma que fazemos das eminentes qualidades que engrandeceram aos olhos do mundo a sua pessoa.

A justiça mais severa, na maneira de apreciar o valor moral dos homens, não se deixa enganar pelas apparencias, nem illudir pelas suggestões malevolas do espirito partidario. Assim como succede para a canonisação dos santos e patriarchas, é preciso tambem, para a honorificação dos leigos, ouvir o testemunho dos contemporaneos, e a impressão sentimental dos posteros. E' do confronto desses elementos informantes que sahe a luz da verdade, sem manchas nem faculas. As opiniões mudam com os tempos e com os meios; mas a balança da justiça não tem trepidações; ella afere justo o valor moral do individuo sem tremores nem desvios.

O Imperador D. Pedro II foi uma natureza feita de bondade, de sentimento altruistico, de espirito conciliador e de paz. Indifferente ás grandezas do mundo, elle tinha a fortaleza de um estoico para supportar resignado os revezes e as contrariedades da vida. Quando a desgraça lhe bateu á porta, com a sentença do banimento, ella ficou espantada de vêr a calma e a tranquillidade do espirito do Imperador, contrapondo-se á dureza e á crueldade do destino: nem uma palavra

de exprobração, nem um gesto de indignação lhe torturou os labios. Seguio o caminho do exilio que lhe traçaram, sem articular contra quem quer que fosse uma queixa ou um resentimento. Digam o que quizerem, esta attitude moral elevada impõe-no ao respeito e á admiração universal. O Brazil póde vangloriar-se de ter sido o unico paiz do mundo que para satisfazer o ideal de uma organisação politica mais adiantada, não hesitou em tirar a corôa a um monarcha cheio de virtudes e de qualidades altamente apreciadas.

Encarecia-se muito a sabedoria do Imperador; em verdade, elle não era um sabio, mas um erudito. A faculdade da memoria, que elle possuia elevada a um alto gráo, facilitava-lhe a acquisição de conhecimentos variados, hauridos na leitura dos livros e das revistas. Seu trato habitual com os homens de grande esphera intellectual, suas relações amistosas com os sabios do outro continente, seu espirito inquiridor e communicativo constituiram para elle outros tantos meios de dilatar os limites dos seus conhecimentos. Elle receiava commungar com as opiniões scientificas extremadas, e aconselhava moderação e prudencia áquelles que, mais afoitos, se faziam sectarios de doutrinas ainda não consagradas pela grande maioria dos sabios.

Foi assim que elle se enunciou quando appareceu o livro da *Origem das especies* de Darwin.

A brandura do seu caracter, propenso a desculpar os defeitos alheios, transparecia tambem no modo de julgar o valor dos homens politicos. Uma vez, durante a visita que costumava, logo no principio do anno, fazer ao Museu, discreteando-se sobre o valor que pareciam ter alguns homens eminentes da politica européa, succedeu que um dos circumstantes lembrasse o nome de Bismarck. O Imperador não escrupulisou em denunciar-se antipathico aos meios politicos violentos usados pelo grande chanceller allemão. Dizia mais com o seu sentir e com as suas idéas a figura sympathica de Gladstone e os seus processos de governar.

Cultor assiduo das lettras e admirador das obras primas classicas da antiguidade grega e latina, elle chegou a emprehender, nas suas horas vagas, uma traducção do Prometheu de Eschylo e da Divina Comedia de Dante. Esta, na sua opinião, é a obra prima entre todas as obras primas, a mais bella e grandiosa epopéa, que a intelligencia humana até hoje produzio.

Fóra da patria, a França era o seu paiz dilecto. Elle conhecia quasi toda a pleiade de sabios e litteratos francezes e com muitos delles entre-

tinha relações epistolares. Pasteur, Quatrefages, Daubrée, Vulpian, Brown-Sequard, Charcot, Chevreuil, seus collegas no Instituto de França, contavam-se no numero dos seus apologistas e admiradores.

Visitando uma occasião o Laboratorio de Physiologia do Museu, sua attenção foi attrahida para alguns apparelhos bacteriologicos recentemente chegados da Allemanha. Interrogou-me sobre a utilidade daquelles apparelhos, obtendo em resposta que elles eram destinados á cultura de microbios pelos methodos technicos de Koch.

— Já vejo que o senhor prefere os methodos de Koch aos de Pasteur, disse elle com um accento de admiração e de extranheza.

Fosse por habito, fosse por natureza, conversando ou discutindo, nunca, ou raramente, o Imperador completava o seu pensamento. Elle deixava ao interlocutor o trabalho de preencher as lacunas e ligar as idéas expressas em phrases concisas e interjectivas.

Assistia elle uma vez, como amiudadas vezes fazia, a uma conferencia no Museu sobre assumptos de anthropologia. Eu, o conferente, logo que terminei a conferencia, que versara sobre o futuro dos mestiços no Brazil, desci e fui cumprimentar o Imperador, como era de regra.

Discordo de algumas de suas opiniões, disse-me elle. Vou lhe mandar para ler a obra de Gobineau—*Inégalités des races humaines*. Veja lá o que elle diz, que é contra as suas conclusões. Agradeci sem retrucar, e dias depois me chegou ás mãos a obra promettida. No modo vago de expressar-se do Imperador não me foi possivel apprehender os pontos de divergencia entre as suas e as minhas opiniões. Até hoje fiquei ignorando que opinião elle tinha sobre o futuro dos mestiços no Brazil.

A obra de Gobineau nenhum esclarecimento me prestou sobre o assumpto: era uma obra antes de historia antiga comparada do que de anthropologia, contendo muitas cousas interessantes sobre a velha civilisação dos Persas e dos Assyrios. Em muitas paginas encontravam-se notas á margem, escriptas a lapis ; e me certificaram pessoas competentes que a lettra era do Imperador.

Dentre essas notas tornava-se sobretudo curiosa aquella em que se assignalava um erro de traducção latina de uma phrase escripta em caracteres hebraicos, e que se achava inserida no texto da obra.

O traductor trasladara para o latim a palavra hebraica, dando-lhe como correspondente o vocabulo *princeps*. O Imperador dizia na nota que a traducção estava errada, e que devera ser *dux* o vocabulo latino, que traduzia aquella palavra hebraica.

Recordando estes factos, temos em vista sómente mostrar o cuidado e a attenção com que o Imperador entregava-se á leitura de obras, mesmo volumosas e extensas, como esta de Gobineau.

As suas relações scientificas com a Allemanha eram muito limitadas, não porque elle as desprezasse, mas provavelmente porque o espirito excentrico e recolhido do allemão não dava occasião a declarações reciprocas de apreço, trocadas com o chefe de uma nação. Entretanto Virchow e Max Muller foram seus admiradores.

Em 1883 o Imperador escreveu a Pasteur convidando-o a estudar a febre amarella. A resposta de Pasteur quiz o Imperador, com uma confiança honrosa que lhe agradeci, que eu a lesse.

O eminente sabio desculpava-se de não acceitar o convite, dizendo que estava todo absorvido no estudo da raiva, e que dalli não se distrahiria emquanto não chegasse a um resultado practico, que elle esperava. Entretanto lembrava a conveniencia de se fazerem experiencias humanas para se elucidar a causa da febre amarella; e que não lhe parecia difficil no Brazil poder-se escolher para taes experiencias alguns individuos que estivessem cumprindo a pena de galés.

Esta admiravel videncia de Pasteur, de que só mediante experiencias em individuos da especie humana se poderia elucidar o problema da febre amarella, ficou recentemente comprovada com as experiencias de Cuba.

O Imperador, porém, apezar do empenho que fazia em adiantar a questão da febre amarella, e do elevado apreço em que tinha os conselhos e as opiniões de Pasteur, declarou-me que jamais annuiria a taes experiencias, porque as considerava um attentado aos sagrados direitos da vida humana.

Comprovada a descoberta da vaccina contra a raiva, o Imperador apressou-se em prestar suas homenagens ao grande sabio francez, enviando-lhe a grã-cruz de uma das ordens honorificas do Brazil, e contribuindo do seu bolsinho para a fundação do Instituto Pasteur.

A recordação deste facto fez, ainda ha pouco, em occasião solenne, um discipulo daquella notavel eschola de sciencia em França dizer que no Instituto Pasteur os Brazileiros estavam como em sua casa, porque para sua fundação contribuio com um donativo importante o Imperador do Brazil (Dr. Simon, no banquete que lhe offereceram alguns medicos do Rio de Janeiro em 14 de julho de 1892).

O ultimo encontro que tive com D. Pedro II deu-se em condições muito singulares.

Havia muito tempo que não o via, quando me foi confiada a direcção interina do Museu pelo facto de ter seguido em commissão para a Europa o Dr. Ladisláo Netto.

Um dia fui convidado pelo camarista do Imperador a comparecer ás 11 horas da manhã no palacio da cidade, onde o Imperador desejava fallar-me. A' hora marcada achei-me alli presente.

A' porta do salão esperavam muitas pessoas de pé, que o Imperador lhes viesse fallar, depois de terminada a conferencia em que se achava com o Inspector da Saude Publica sobre o plano de um novo hospital de isolamento. ·

O Imperador approximando-se da porta do salão reconheceu entre as pessoas alli presentes o Director interino do Museu. Immediatamente convidou-me a entrar e conduzindo-me ao centro do salão fez-me sentar.

— Mandei-o chamar, disse elle, e sem completar o pensamento, estacou, como se houvera occorrido de subito uma lacuna de memoria; e logo enveredou a conversa noutro sentido, dizendo:

— Ha muito tempo que o senhor não apparece por aqui.

— E' verdade, retorqui, V. M. tem sobejas razões para estranhar isso; mas as minhas occupações e a minha residencia longe da cidade poderão talvez justificar-me perante V. M. do não cumprimento desse dever.

— Sim, tornou elle, tambem é verdade que ha muito tempo não vou ao Museu. Os meus incommodos physicos e agora ainda mais esta laringite não me permittem sahir frequentemente.

— Mandei-o chamar, proseguio elle, como si acabasse de fechar um parenthesis, para dizer-lhe que recebi uma carta do Quatrafages, pedindo-me enviasse á Exposição anthropologica do Trocadero alguns especimens ethnographicos do Brazil.

— Já enviei, senhor, disse eu; devem estar em meia viagem os objectos que o Museu póde remetter.

— Bem, retorquio o Imperador. Era isso que eu queria saber. Desejo que o Brazil seja alli bem representado.

E soerguendo-se da cadeira, despediò-se de mim, dizendo — Até breve.

Já era bem visivel então o abatimento das feições do Imperador: seu olhar estava amortecido e a sua memoria tão profundamente debilitada, que elle demorava-se longo tempo procurando as palavras para exprimir-se.

Temos ouvido muitas vezes censurar o *estrangeirismo* do Imperador e nunca pudemos comprehender a razão dessa censura.

Elle via bem que o Brazil era um paiz novo, cuja educação scientifica e artistica apenas começava; conhecia os recursos de que dispunham para essa educação as nações mais adiantadas; era, portanto, mui natural que pensasse em aproveitar na direcção de certos serviços, que tinham excepcional importancia na vida scientifica do paiz, alguns estrangeiros bem recommendados por seus titulos e trabalhos.

Foi assim que aqui vieram ter Liais, Gorceix, Hartt, Guignet, Jobert, Couty, Michler, Glaziou e outros illustres scientistas, os quaes todos deixaram indeleveis vestigios de sua passagem no Brazil.

Liais deu grande lustre ao nosso observatorio astronomico e tornou-o conhecido em todo o mundo. Do seu valor pessoal é um attestado eloquente a estatua que lhe ergueram, ha pouco, em Cherburgo, os seus compatriotas.

Gorceix fundou a Escola de Minas de Ouro Preto, de onde sahiram os nossos mais distinctos engenheiros de minas.

Hartt iniciou o estudo da geologia do Brazil e accumulou, para servir de base a esse estudo, grande quantidade de elementos geologicos e paleontologicos, que foram recolhidos ao Museu Nacional.

Guignet e Jobert prestaram boas contribuições á chimica e á biologia.

Couty lançou as bases da physiologia experimental no Brazil e fundou aqui o primeiro laboratorio destinado ao estudo dessa sciencia.

Michler inaugurou os estudos practicos de chimica industrial e Glaziou ampliou os nossos conhecimentos sobre a flora do Brazil e construio os nossos parques e jardins publicos.

Podemos, portanto, dizer que até hoje a cooperação que tiveram os estrangeiros no ensino e na pratica da sciencia no Brazil só foi proficua e fecunda. Mesmo sob o regimen politico actual, apezar dos protestos insensatos dos nativistas, não se póde escurecer os serviços relevantes prestados á sciencia, no Brazil, por estrangeiros como Orville Derby, Goeldi, Von Ihering, que se acham á testa de importantes estabelecimentos scientificos em via de prosperidade.

Attrahir de fóra levas e levas de homens para o trabalho rustico, e fechar as portas a estrangeiros illustres, que nos vem trazer a sua sciencia, as altas tradições das suas escholas, o estimulo fecundo da sua actividade e do seu trabalho, é, que nos perdoem a dureza da expressão,

uma selvageria. O Brazil não é a China, que tranca os seus portos e circumda de muralhas as suas cidades por natural aversão ao estrangeiro. E' uma nação adiantada, que tem altos destinos a realizar na carreira do progresso humano, e que, demais, pertence a um continente illuminado pela Estatua da Liberdade, onde os sentimentos de confraternisação internacional quasi chegam a ser uma religião.

Fechando aqui o longo parenthesis que abrimos para prestar a homenagem devida ao mais alto protector que teve o Laboratorio de Physiologia, continuemos a fazer a resenha dos estudos scientificos que foram alli realisados pelo decurso dos annos adiante.

Houve uma occasião em que a orientação scientifica desse laboratorio mudou.

De 1886 para cá a attenção dos sabios, em todo o mundo, começou a voltar-se para o estudo das causas das molestias do homem e dos animaes. As admiraveis descobertas de Pasteur, nessa orbita de estudos practicos, compelliram os espiritos investigadores a seguirem aquelle caminho.

Todas as actividades disponiveis se congregaram então num esforço herculeo para rasgar o véo que velava esses mysterios, e o microscopio tornou-se o instrumento mais frequentemente manejado, pois só com o auxilio delle se poderia surprehender as fórmas dos seres infinitamente pequenos, aos quaes se attribuiam aquellas molestias. O Laboratorio de Physiologia experimental do Museu obedeceu tambem a essa nova orientação, e recompoz o seu material technico de modo a ser tambem um Laboratorio bacteriologico. Elle ficou chamando-se então Laboratorio de Biologia.

Foi alli que encetei os meus estudos sobre o beri-beri, a febre amarella, a peste de cadeiras dos equinos, a peste de manqueira dos bovideos, a peste dos suinos. Os resultados dessas pesquizas sahiram a lume em publicações avulsas, em communicações feitas á Academia de Medicina, em artigos de jornaes e revistas. Depois de investigações que duraram alguns annos, sobre a etiologia da febre amarella, fiquei convencido de que a causa dessa molestia é um fermento figurado.

O estudo da peste de manqueira dos bovideos, que tamanhos estragos causou á industria pastoril do Brazil, levou-me a fabricar uma vaccina preservativa, a qual tem sido, desde alguns annos, largamente applicada no Estado de Minas Geraes. Calcula-se que, com a vulgarisação desse meio preservativo, aquelle Estado poupou, em 10 annos, cerca de 4.000:000$000 !

Não fallando de outras pesquizas scientificas de somenos importancia, só estas acima indicadas bastam para demonstrar quão valiosas foram as contribuições que á sciencia prestou o Laboratorio de Physiologia experimental do Museu Nacional. Foi neste Laboratorio que Sternberg, commissionado pelo governo dos Estados Unidos, realizou as suas pesquizas para conhecer o valor da vaccina de Domingos Freire. Foi ainda neste laboratorio que se fizeram os trabalhos bacteriologicos sobre o vibrião do cholera, que serviram de base á Convenção Sanitaria Internacional entre o Brazil, o Uruguay e a Argentina.

Não devemos, ao menos pela sua excentricidade, deixar ficar no olvido, a reclamação de prioridade, apresentada por um Sr. Knaggs, cultivador em Ceylão, relativa á descoberta que fiz da acção neutralisante do permanganato de potassio sobre o veneno ophidico.

Esta curiosa reclamação que chegou, por via diplomatica até o recinto da Academia de Medicina de Paris, não a fez o seu auctor por amor da sciencia ou da humanidade, mas sim movido ao que parece, por interesses menos confessaveis que esses e de outra especie.

Trasladamos textualmente do inglez o artigo que a tal respeito publicou o jornal *Stract Times*, de Singapura, em 28 de novembro de 1881 :

« A carta, um tanto notavel, do Sr. Walter Knaggs, do Estado de Trafalgar, que hontem publicámos, e que se refere á sua descoberta de um antidoto contra a mordedura de cobras, deve ter attrahido a attenção de muitos dos nossos leitores.

Examinámos todos os documentos referentes ao caso, apresentados pelo Sr. Knaggs : as cartas ao secretario do Governo das Indias, departamento do interior ; ao Sr. Willam Harcourt, secretario do Interior, e ao ministro da Instrucção Publica em França, conjunctamente com os documentos comprobatorios de haverem sido essas cartas recebidas pelos dous primeiros funccionarios acima citados. A communicação ao ministro francez tem a data de 10 de agosto, escripta em lingua franceza, e o seu recebimento foi accusado em termos cortezes, a 11 de agosto, pelo consul francez Conde Jouffroy d'Albans, que a fez seguir ao seu destino, chamando especialmente a attenção do ministro para o seu contexto. O Sr. Knaggs diz que o ministro francez não se dignou de tornar conhecida a sua communicação, coincidencia na verdade muito para se extranhar, agora que se annuncia haver um sabio francez (sic) feito a mesma descoberta que o Sr. Knaggs.

Seria caso para increpar-se ao ministro francez a sua má fé e a sua falta de cortezia.

Certamente a descoberta é importante e valiosa, uma vez que fique inteiramente provado que o antidoto tem acção certa, e seria uma injustiça extorquir-se a Knaggs o seu direito de prioridade da descoberta, da maneira fria e desdenhosa como fizeram o ministro francez e o seu amigo Lacerda.

Não duvidamos que Lacerda pudesse ter feito a descoberta originalmente, mas considerando os factos e a falta de resposta do ministro francez a Knaggs, apparecem motivos de suspeita.»

Estas increpações virulentas do jornal de Singapura ao ministro francez nasceram de uma falsa supposição — qual a de pertencer eu á nacionalidade franceza.

Effectivamente a communicação de Knaggs foi endereçada pelo ministro da Instrucção Publica em França á Academia de Medicina de Paris, a qual não quiz tomar conhecimento della por achal-a desprovida de toda a base scientifica, e não offerecer o communicante titulos que o recommendassem como experimentador e como homem de sciencia.

Assim ficou satisfactoriamente explicado o silencio do ministro francez, que tão duras exprobrações mereceu do redactor do *Stract Times*.

Depois da publicação do meu livro, *O Microbio do Beriberi*, em 1886, continuei a observar cuidadosamente esta molestia, e tenho hoje como provavel — que o beriberi palustre é doença produzida por causa differente da que produz o beriberi dos asylos, das casernas e de bordo dos navios.

Tambem não me parece hoje acceitavel a opinião dos Shenbe, que faz consistir a lesão caracteristica do beriberi na polynevrite peripherica. Para mim a lesão inicial dessa molestia tem sua séde na medulla e nos seus involucros membranosos, e consiste em um estado hyperemico e em uma exsudação liquida no canal rachidiano, comprimindo os feixes e as raizes da medulla espinhal. As polynevrites degenerativas são secundarias.

O beriberi palustre tem muitas parecenças symptomatologicas com a peste de cadeiras nos cavallos; e ha razões para presumir-se que a causa que produz a peste de cadeiras no cavallo é identica a que produz o beriberi no homem. A peste de cadeiras é devida a um protozoario do genero *trypanosoma*; e não será surprehendente que se venha mais tarde a reconhecer que o beribe i palustre é tambem uma *trypanosomiasis*.

A proposito da *peste de cadeiras*, que foi tambem durante muito tempo objecto dos meus estudos e investigações, não devo deixar ficar esquecido um documento, em que se reconhecem as vantagens do arseniato de sodio como agente preventivo e curativo dessa doença dos equinos.

Elle foi publicado no jornal do Rio de Janeiro, *O Paiz*, em 18 de outubro de 1888, e aqui o transcrevemos:

«Abrimos logar á seguinte communicação, com que nos distinguiu o Sr. Dr. J. B. de Lacerda, sobre o notavel exito da indicação que fez para cura da epizootia que dizima a criação dos campos de Matto Grosso e de Marajó, e ahi conhecida pelo nome de *peste de cadeiras*.

E' mais uma conquista que para a sciencia e para sua patria faz o nosso illustre concidadão, honra dos coevos e gloria para a posteridade.

> «Illm. e Exm. Sr. Dr. J. B. de Lacerda — Tenho a honra de communicar a V. que o *arseniato de sodio*, de sua indicação para preservar e combater a peste de cadeiras dos animaes cavallares, que nesta, como em outras provincias do imperio, reina epidemicamente, acaba de produzir, na minha fa-

Os Limites da Sciencia

A meu ver, a grandeza scientifica de uma nação não se mede tanto pelo numero de sabios que ella possue, como pela importancia das pesquizas e descobertas que nella se realizam, e que são uma fonte de constantes beneficios para a humanidade. Entrámos no seculo da sciencia concreta; as abstracções ficaram guardadas para encher as horas vagas dos conventos, e os lazeres dos philosophos e idealistas.

Não quer isto dizer que não devamos, de quando em vez, lançar o olhar escrutador do entendimento para essas perspectivas longinquas e nubladas, onde a luz só penetra a furto, e onde estão os segredos do nosso destino. Essas placidas meditações são para os momentos de descanço, para as horas do repouso intellectual, em que o espirito, librando-se entre o céo e a terra, abre as azas no espaço infinito e deixa-se ir enlevado na corrente do raciocinio, até onde os sentidos não o podem conduzir.

---

zenda, em todos os casos que fiz applicação daquelle energico medicamento, o mais completo e satisfactorio resultado.

«E' minha opinião que a terrivel enfermidade, que tanto concorria para o definhamento da industria pastoril em algumas provincias brazileiras, graças aos constantes esforços de V. ficará em breve, com o emprego do arseniato, completamente extincta.

«Esta descoberta conquistaria para o nome de V. a admiração de todos os paizes que se interessam pelo progresso da sciencia, si este nome já não fosse luminosamente conhecido por outros iguaes trabalhos de subido valor scientifico.

«Passo a expor a V. succintamente o resultado das minhas primeiras experiencias:

«Em principio de abril do corrente anno tive participação do chefe de campo, Dr. Jeronymo Perez, de que, nos logares da fazenda denominada Cambará e Sucury, haviam sido atacados cinco cavallos com todos os caracteristicos daquella peste, alem de outros que apresentavam ligeiros symptomas da mesma enfermidade.

«Lembrei-me então de exprimentar o arseniato de sodio, aconselhado por V., e neste proposito ordenei o seu emprego immediato.

«Na applicação me pareceu conveniente graduar a dóse, segundo a intensidade do mal, e por isso dei em pequenos pedaços de canna «vinte grammas» a dous cavallos que no periodo agudo da doença ja não se levantavam mais; «dez grammas», por espaço de oito dias aos que apresentavam gravidade mèdia, e «cinco» aos demais como dóse simplesmente preventiva; colhendo desse tratamento, em tempo relativamente curto, a cura completa de todos os animaes enfermados, e o desapparecimento dos symptomas que faziam receiar a propagação da peste pelo resto da cavalhada, que, nos referidos pontos, sobe a perto de trezentos.

«Conforme o desejo manifestado por V. dei conhecimento desse brilhante resultado aos fazendeiros com quem pude até agora conversar, e vou levar ao dominio da imprensa esta notavel descoberta, afim de imprimir-lhe a maxima publicidade. Sinto-me feliz por ser o primeiro a dar semelhante noticia, que tanto glorifica o nome de V., a quem apresento neste momento os protestos de subida estima e distincta consideração. — De V., etc., *Jaime Cibilis Buxarce.*»

Os mais ousados pensadores, confiando demasiado no poder do seu senso logico e na sua imaginação fertil, chegaram a compor um systema tão bem encadeiado dos factos relativos á creação do Universo, que por esse systema tudo se explicava sem difficuldade—desde o apparecimento da primeira molecula da materia inerte, até á formação dos mais complicados organismos, que povoam o nosso planeta; desde a essencia da materia, o principio da força e do movimento, até a origem da consciencia.

O Monismo de Hækel e o Materialismo de Buchner chegaram a ter a presumpção de decifrar esses grandes enigmas do Universo.

A investigação da verdade, porém, tem limites que não podemos ultrapassar; e por mais poderosa que seja a penetração do engenho humano, por mais aperfeiçoados que sejam os processos e recursos da sciencia, applicados a esse fim, só conseguimos engendrar hypotheses, productos da nossa intelligencia, e que comparticipam, portanto, das imperfeições e limitações da sua origem.

A verdade é que existem uns tantos problemas da sciencia abstracta ou philosophica, que devem ser considerados insoluveis. São portas fechadas que nenhum esforço do entendimento humano poderá abrir. O ruido lá de dentro não attinge cá fóra os nossos ouvidos, por mais attentos que estejamos a escutal-o. De que estão povoados esses mundos d'além? De fluidos, de corpos pesados, de cousas leves e subtis, de fórmas vaporosas, de gryphos, de dragões alados... não sabemos, e havemos para todo o sempre ignora-lo.

IGNORABIMUS — foi o brado soltado por uma consciencia forte e resignada, que sondou esses grandes mysterios, e sentio-se conturbada: foi a confissão plena e sincera da sciencia mais elevada, expressa pelos labios eloquentes de Du Bois Reymond, reitor da universidade de Berlim, no famoso discurso que pronunciou perante o Congresso dos naturalistas de Leipzig. Essa oração demosthenica, que emocionou o auditorio pelo fulgor da palavra, a grandeza das imagens e o vigor do raciocinio, lançou o panico nas fileiras dos materialistas e tornou mais viva ainda a chamma da fé christã. Accusaram-no de rethorico, de espirito retrogrado, mas nenhum desses baldões enfraqueceu o prestigio da sua palavra nem o valor da sua demonstração.

Esta sciencia dos problemas transcendentes é uma sciencia que se deve apurar no silencio do gabinete, com as mesmas disposições de espirito, com que costumamos experimentar a fortaleza nas nossas crenças religiosas: sem desbaratal-as, mas tambem sem nos deixar

arrebatar pelos surtos da imaginação ou pelo excessivo zelo do fanatismo religioso.

Ha quem diga que a sciencia faz mal á religião; mas se isso é real, o mal é inconsciente.

O mysticismo, que nos quer ver eternamente voltados para o céo, em constante adoração, que, para apurar o sentimento religioso, quer que o pensamento viva totalmente abstrahido das cousas mundanas, esse, certamente, não se póde sentir bem num meio que se transforma rapidamente sob o influxo das successivas descobertas da sciencia, e que põe em actividade todas as faculdades humanas.

Por que não se hade considerar a Religião irmã gemea da Sciencia, aquella ajudando esta nas questões que entendem com a origem do homem e do universo? Onde a demonstração é impossivel, onde a prova não chega nunca a convencer, a intelligencia tem o refugio da crença e da revelação. Primeiro, foi a visualidade de um espirito illuminado ou inspirado que o levou a pensar assim; depois delle, pensaram do mesmo modo milhares de intelligencias, em successivas gerações; logo, deve haver alli um grão de verdade, sinão na fórma, ao menos na essencia; e assim raciocinando vamos acceitando as crenças religiosas para preencher com ellas as lacunas insuppriveis da sciencia.

Não fallamos do atheismo, seita de cerebros enfermiços; mas dos materialistas, que, á derradeira hora, renegaram essa doutrina com palavras de contricção e de arrependimento. Von Baer, Kant, Wundt, e o proprio Virchow, chegados á idade do senso maduro, da visão clara e pura das cousas, jogaram para longe de si essa concepção falsa e erronea do universo. Esses sentiram, por fim, o desvio da sua primeira carreira e afastaram-se do caminho como quem receia a queda num abysmo. Elles morreram contrictos, arrependidos, soffrendo os baldões dos emperrados e dos precitos.

O materialista assiste em vida aos funeraes da sua consciencia, acompanhados das torturas, que lhe deve causar a idéa do anniquilamento completo depois da morte physica, sem uma aspiração no futuro nem uma recordação do passado.

Elle vai seguindo pelo mundo além sem destino, conduzido pela mão do acaso até cahir nas insondaveis profundezas do nada, segundo os principios da sua doutrina.

Felizmente para a humanidade, essa corrente philosophica, em que se afogaram tantos espiritos elevados, nos seculos idos, perdeu a força e a impetuosidade nos nossos tempos; e julgo não enganar-me

dizendo que della, em breve, só restarão os destroços espalhados pelo caminho que deve conduzir o homem ao seu fim.

O orgulho humano, sempre refractario ás provas da sua inanidade, incutio em nós a idéa de uma grandeza e de uma perfeição, que estamos longe de possuir.

Fechamos os olhos para não ver as magnificencias de Deus estampadas nesse sem numero de espheras rolando no espaço infinito, formando um systema perfeitamente coordenado, obedecendo a leis fixas, invariaveis; e ficamos a pensar que este humilde planeta que habitamos, insignificante parcella do grande Cosmos, foi o theatro das mais assombrosas creações que sahiram das mãos de Deus.

Esta crença falsa e erronea não nos permitte conceber cousas mais perfeitas do que aquellas que nos cercam, e estão ao alcance dos nossos sentidos. Mais perfeita que o homem nenhuma creatura existe; e fóra da orbita em que vivemos só podem existir cousas inferiores ás que vemos—eis uma concepção do nosso entendimento, em que se desenham fielmente a fraqueza e as limitações das nossas faculdades videntes e o nosso vão orgulho humano.

Si, porém, levantamos os olhos para o espaço sideral, crivado de mundos, e pela natural curiosidade do espirito humano inquirimos a nós mesmos, a que distancia estão gyrando aquellas espheras, que forças são essas que mantem o equilibrio perfeito e o regular movimento daquelle turbilhão de mundos, cada um delles descrevendo uma orbita certa, sem collisões, sem choques, sem desvios; ao terminar essa inquirição mental sentimos a commoção do terror. E' que a idéa do infinito nos assombra, nos anniquilla e nos incute a convicção da nossa humildade e pequenez.

Do Universo só conhecemos pouco ou quasi nada: a vida e as fórmas inherentes ao planeta que habitamos. Para além da sua orbita tudo é mysterio impenetravel. Como havemos, pois, de ter a pretenção de alcançar a verdade sobre a creação do Universo, quando delle só conhecemos uma insignificante parcella, e não nos será dado jamais conhecer o Todo? Resignemo-nos, portanto, á nossa condição, ás tristes contingencias de uma humilde creatura terrestre, condemnada a ignorar eternamente os grandes mysterios da creação e os enigmas do Universo. Que a sciencia fique encerrada dentro destes limites; e que a razão humana menos ensoberbecida, menos confiante na sua ultravidencia, não se deixe arrastar até a loucura de querer desvendar os segredos divinos.

Providencias e reformas administrativas que convem adoptar no Museu Nacional

Considero urgentes e necessarias as seguintes providencias e reformas administrativas para alçar o Museu Nacional á altura que lhe compete:

1.ª — Reformar o actual regulamento, de modo a tornarem-se obrigatorias, como outr'ora o foram, as conferencias publicas feitas pelos professores e assistentes.

Julgo esta providencia de immenso valor e nos ultimos relatorios, dirigidos ao Ministerio do Interior, fiz sentir bem a sua importancia. Os museus não são unicamente destinados a exhibir collecções, mais ou menos bem coordenadas e classificadas: elles visam tambem instruir o publico com o auxilio dessas collecções; e a maneira de tornar effectiva essa instrucção, baseada no conhecimento practico dos objectos, é dal-a mediante conferencias publicas. Com essas conferencias ganha a reputação do Museu, esclarece-se a intelligencia do vulgo sobre muitas cousas que elle ignora, e cresce o cabedal scientifico dos professores, obrigados a estudarem e a prepararem-se nas materias em que tenham de fazer as suas conferencias. Outr'ora, quando taes conferencias eram obrigatorias, e se faziam regularmente, os applausos da imprensa diaria e as demonstrações do publico selecto, que as frequentava, attrahiram para o Museu as sympathias da opinião publica, e fizeram altear o valor desse estabelecimento.

Não deve, pois, hesitar o Congresso Nacional em auctorizar a reforma do regulamento vigente, sem a qual não poderá ser adoptada essa medida.

2.ª — Pelos factos, e com a experiencia longa que tenho no que diz respeito ao desenvolvimento scientifico do Museu, posso certificar que a collaboração de estrangeiros, nos trabalhos do Museu, em diversas especialidades, foi até hoje das mais fecundas. Educados na escola do trabalho, e acostumados a uma severa disciplina, elles cumprem rigorosamente os seus deveres, tomam interesse e enchem-se de enthusiasmo pelo estudo da natureza do nosso paiz, esforçam-se por apresentar o producto das suas investigações, conformam-se com as nossas leis, e respeitam e accommodam-se aos nossos habitos e costumes. Não haverá, portanto, sinão desvantagens para nós brazileiros em

afugentar do Museu os estrangeiros instruidos que desejam vir aqui trabalhar. O regulamento vigente, porém, tem disposições que trancam as portas a estes uteis collaboradores; só os admitte por contracto, e emquanto não forem os logares preenchidos por concurso, não podendo elles concorrer sinão repudiando a sua nacionalidade.

Por effeito de taes disposições regulamentares, o que succede é que nenhum estrangeiro de certo valor scientifico quer se expôr a essas duras contingencias; e quando algum, por interesse meramente scientifico, por desejar conhecer melhor a historia natural do paiz, acceita o logar por contracto annual, como ainda mui recentemente se deu com o illustre botanico Sr. P. Dusén, a apresentação de candidatos ao logar, mediante concurso, aponta a porta da sahida ao homem illustre, para que por ella possam entrar placidamente uns neophytos que apenas começaram hontem a soletrar os rudimentos da sciencia.

Por conveniencia do Museu, devem ser supprimidas essas disposições obsoletas, encarando-se as cousas com maior largueza de vistas, sem o espirito estreito de nativismo, inconciliavel com as necessidades de um paiz novo, como é o nosso, que precisa alar em muitas espheras de actividade humana, entre as quaes está a esphera luminosa da sciencia.

Quando se recommendar o estrangeiro por nobres e reaes titulos scientificos, abram-se-lhe as portas do Museu, de par em par, e venha elle prestar á sciencia e ao Brazil os seus bons serviços. Os cargos scientificos não são creados para satisfazer ás exigencias importunas e ás ambições desenfreadas da clientella politica: elles só devem ser occupados por aquelles que forem julgados mais habilitados, sem que nos importe saber si estes são nacionaes ou estrangeiros. E' comesinho ver-se, em mui cultos paizes, como a Allemanha, a Italia e a Austria, um professor de Vienna ser chamado a occupar uma cadeira em Berlim, em Roma, ou vice-versa, sem que a differença de nacionalidade constitua um obice ao aproveitamento das qualidades eminentes que distinguem o professor. Nem a religião, nem a nacionalidade, nada tem que ver, nesses cultos paizes, com o desenvolvimento, o ensino e a propagação da sciencia. Imitando-os, neste particular, estou certo de que só teremos ao diante de nos louvar disso.

3.ª — Restabelecer os logares de naturalistas viajantes é outra providencia que carece ser tomada sem delongas.

Qual é o museu de certa categoria que não os tem?

E como, sem elles, seria possivel explorar as riquezas naturaes do paiz, e augmentar as collecções do Museu, onde essas riquezas devem ficar depositadas e guardadas? Razões economicas e financeiras aconselharam, ha quatro annos passados, a suppressão desses logares, o que se deu, apezar dos meus protestos e argumentos. Não vejo por que não devam ser agora restabelecidos esses cargos, quando não prevalecem mais as razões de outr'ora, quando as condições financeiras do paiz melhoraram sensivelmente, quando o governo tem tido ensanchas para ampliar as despezas publicas applicadas ao desenvolvimento de muitas instituições scientificas e ás escholas de ensino superior. O naturalista viajante é entidade necessaria e importante num museu; é o explorador, o colleccionador, que vai despojar a natureza das suas riquezas, e trazel-as comsigo até pol-as bem ás vistas curiosas do publico, que, vendo-as e apreciando-as, não avalia o trabalho e o esforço que custou o obtel-as. Delle depende o supprir as lacunas, que num museu existem, e que muitas vezes só elle, por uma missão especial, e dedicação ao seu officio é capaz de preencher.

O Sr. Ministro dará, pois, um passo mui acertado pedindo ao Congresso que sejam restabelecidos, no Museu Nacional, os cargos de naturalistas viajantes.

4.ª — A verba consignada no orçamento do Museu para a compra de productos naturaes é mesquinha, attendendo-se ao incremento que o Museu tem tomado nestes ultimos annos.

Collecções importantes, zoologicas e ethnographicas, de objectos oriundos do Brazil, teem sido muitas vezes rejeitadas, porque o preço dellas excede da quantia consignada no orçamento annual para a compra desses objectos.

O proprietario dellas, precisando alienal-as para fazer dinheiro e não achando aqui quem pague o seu valor estimativo, remette-as para a Europa, ou para os Estados Unidos, onde a venda se effectua.

Lá vão por esse modo figurar nos museus estrangeiros coisas nossas, que deviam aqui ficar guardadas e que nunca mais obteremos porque taes collecções só se fazem á custa de muito esforço e de muito tempo. O anno passado offereceu o Conde Stradelli vender ao Museu uma rica collecção de artefactos indigenas dos indios Uaupés, do Amazonas; uma collecção completa, como não se fará outra igual, que custou ao colleccionador longos annos de paciente colheita. O Museu não a comprou, porque o seu custo excedia a quantia consi-

gnada no orçamento para a compra de productos naturaes. Nós perdemos, mas ganharam provavelmente com a nossa recusa os museus estrangeiros.

Convem, pois, que a actual consignação, destinada á compra de objectos e collecções de productos naturaes seja elevada a 15:000$000. Annos haverá em que essa consignação não será gasta na totalidade, porque as boas collecções para vender não apparecem todos os annos; mas é preciso quando ellas apparecerem que esteja o museu provido dos recursos necessarios para realisar a compra.

5.ª— Entre nós o amor á sciencia não está ainda tão desenvolvido e apurado que por elle haja quem queira fazer sacrificios voluntarios de tempo e de dinheiro. Em geral, no Brazil, os homens que se dedicam ao estudo e á sciencia, constituem uma especie de nobre proletariado, vivendo dos minguados vencimentos, que lhe paga o Estado, e que mal chegam para um passadio modesto, sem nenhuma ostentação. Um ou outro, por excepção, desprezando as frivolas grandezas do mundo, com uma visão mais alta e mais nitida das coisas, e sentindo os ineffaveis prazeres, que nelle despertam as pesquizas da sciencia, conforma-se com essa situação, e acceita-a sem constrangimentos. A maioria, porém, faz da sciencia um ganha-pão, não se enthusiasma por ella : dahi tira o proveito material que póde tirar e vai adiante, bater noutra porta, offerecendo as sobras de sua actividade em troca de uma subvenção qualquer que faça crescer os seus proventos e alliviar a sua penuria. Estes, para ficarem circumscriptos á orbita da sciencia carecem de um estimulo, de um premio que seja capaz de reanimal-os e de accender nelles o amor, o enthusiasmo pelas investigações scientificas.

Embevecidos nessa doce expectativa, elles supportarão com menos acrimonia o sacrificio de um trabalho longo e aturado prestando assim á sciencia uma proveitosa collaboração.

Eis por que julgo que será de grande utilidade para o Museu, instituir-se um premio de emulação, o qual consistirá em uma viagem á Europa, ou aos Estados Unidos, afim de visitar os museus desses paizes,— premio que será conferido ao professor ou assistente do Museu, que apresentar um trabalho de reconhecido valor sobre assumpto que interesse ao Brazil, e que esteja incluido em qualquer das secções em que se divide esse estabelecimento. O valor desse trabalho será julgado por uma commissão de homens competentes, presidida pelo director do Museu.

6.ª — O parque do Museu, que representa o mais bello trecho da Quinta da Boa Vista, como elle está actualmente descurado, constitue um pesadissimo encargo para a administração desse estabelecimento.

A vasta area, occupada por alamedas, lagos, cascatas, rodeada de grandes massas de vegetação, mal cercada e defendida contra a invasão de hordas de vagabundos e malfeitores, exige, para ser bem curada, um pessoal muito mais numeroso do que aquelle de que o Museu actualmente dispõe. Entretanto, por que não havemos ter aqui, sob o tropico, alguma coisa que se assemelhe ao Bosque de Bolonha de Paris, ou ao Passeio de Palermo, em Buenos Ayres?

E que parte da cidade melhor se presta a esse destino do que o parque da Boa Vista?

Já agora, que se vae transformando a cidade do Rio de Janeiro, se saneando, se aformoseando, de modo a melhorarem as condições quer hygienicas, quer estheticas desta Capital, completemos esses importantes melhoramentos com um grande parque, destinado aos passeios a cavallo, em carro, em bicycletas, em automoveis, como se veem em outros paizes da Europa e da America.

Com uma contribuição de 400:000$, repartida igualmente entre o Governo e a Prefeitura Municipal, se poderá operar, em pouco tempo, essa transformação. Toda a area do parque será fechada por um gradil de ferro; os lagos serão empedrados no fundo e revestidos de cimento nas bordas; elles terão um abastecimento abundante de agua corrente. Acompanhando a orla do parque abrir-se-ha uma larga avenida circular macadamisada: as alamedas de bambús e de mangueiras serão drenadas e macadamisadas. Perto da borda dos lagos serão construidos dois lindos pavilhões para a musica, aos quaes se annexará um restaurante, e um *Bar* de estylo americano. A avenida circular será reservada para o transito de vehiculos e cavalleiros. Alguns trechos de terreno, proximos das alamedas, serão convenientemente preparados para os jogos de *foot ball*, e para corridas de pedestres. Augmentar-se-ha o numero de combustores de illuminação do parque, far-se-ha dentro delle uma policia severa correccional.

Com estes melhoramentos a população do Rio de Janeiro affluirá alli nos domingos, a gozar dessas diversões que tão procuradas são nas cidades civilisadas, sahindo desse viver monotono e esquivo, que não dá descanso ás forças gastas no trabalho quotidiano e que incute uma feição triste á nossa Capital.

A conservação do parque correria por conta da Municipalidade.

Eis, em leves traços, um plano de melhoramentos que merece a attenção do Governo, e para o qual peço, Sr. Ministro, toda a vossa solicitude e prompta resolução.

Ha bem poucos annos que o Brazil acordou de um profundo lethargo, e despertando vio admirado, em volta de si, o crescente movimento e o progresso incessante de outras nações visinhas, correndo todas á conquista do vellocino. Elle sentiu-se então com forças para emparelhal-as e exceder-lhes no pareo; e tomado do impulso que lhe foi communicado está abrindo a carreira para attingir á méta primeiro que os seus competidores.

Não deixemos ir affrouxando o movimento e secundemos os esforços de todos quantos para elle estão actualmente contribuindo.

Lista das associações, instituições, revistas, etc., nacionaes e estrangeiras, com as quaes o Museu Nacional permuta os seus « Archivos »

AFRICA

Algeria

Alger.

Société d'Agriculture.
» Historique Algérienne.

Bone.

Académie d'Hippone.

Constantine.

Société Archéologique du Département de Constantine.

Cabo da Boa Esperança

Cape Town.

Agricultural Society.
Geological Commission.
» Survey of the Colony.
South African Museum.
» » Philosophical Society.

Grahamstown.

Albany Museum.

Colonia do Natal

Pietermaritzburg.

Geological Survey of Natal and Zululand.

Egypto

Le Caire.

Comité de conservation des monuments de l'Art arabe.
Institut E'gyptien.
Société Khédiviale de Géographie.

Transwaal

Pretoria.

Geological Survey of the Transvaal.

AMERICA

AMERICA CENTRAL

Costa Rica

San José.

Instituto Fisico-Geografico de Costa Rica.
Museo Nacional.
Secretaria de Governacion Policia y Fomento.
« Paginas Ilustradas ».

Guatemala

Guatemala.

Direccion General de Estadistica.
Instituto Nacional.

S. Salvador

S. Salvador.

Museo Nacional.

AMERICA DO NORTE

Canadá

Cape Rouge (Ontario.)

Le Naturaliste Canadien.

London (Ontario.)

Canadian Entomologist.

Montreal (Quebec.)

Canadian Naturalist and Quartorly Journal of Sciences.
Numismatic and Antiquarian Society.
Royal Society of Canada.

Ottawa (Ontario.)

Geological Survey of Canada.

Quebec (Quebec.)

Geographical Society of Quebec.
« Le Naturaliste Canadien ».
Université Laval.

Toronto (Ontario.)

Canadian Institute.
Public Library.

Winnepeg.

Manitoba Historical and Scientific Society.

New-Brunswick

St. John's.

Natural History Society of New Brunswick.

Nova Scotia

Halifax.

Nova Scotia Institute of Science.

Estados Unidos

ALABAMA

Tuscaloosa.

Geological Survey of Alabama.
University of Alabama.

CALIFORNIA

Berkeley.

University of California.

Sacramento.

Agricultural Experiment Stations.
California State Mining Bureau.

COLORADO

Denver.

Colorado College Scientific Society.

CONNECTICUT

Hartford.

Connecticut Historical Society.
» State Library.

Meriden.

Meriden Scientific Association.

New-Britain.

New-Britain Scientific Association.

New-Haven.

Connecticut Academy of Arts and Sciences (Yale College).
Yale University Library.

DISTRICT OF COLOMBIA

Washington.

Agricultural Department (Library of the).
Entomological Commission (Agric. Department).
United States Commission of Fish and Fisheries.
Biological Society of Washington.
Bureau of American Ethnology (Smiths. Inst.)
» » Education (Interior Department).
Library of the Interior Department.
» » » Surgeon General's Office.
Navy Department Library.
Smithsonian Institution.
Scientific Library of Patent Office (Int. Depart.)
U. S. Coast and Geodetic (Survey Treasure Dep.)
» » Geographical and Geological Survey of Rocky, Mountain Region.
» » Geographical and Geological Survey of the Territories.
» » Geological Survey (Interior Department).
» » National Museum.
» » Naval Observatory.
War Department Library.
Washington Microscopical Society.

ILLINOIS

Chicago

Chicago Academy of Sciences.
Field Columbian Museum.
University of Chicago.

Normal

Illinois State Laboratory of Nat. History.

Springfield

Geological Survey of Illinois.
Illinois State Museum of Natural History.

INDIANA

Indianapolis

Department of Geology and Natural History.
Geological Survey of Indiana.
Indiana Academy of Sciences.
» State Board of Agriculture.

IOWA

Davenport

Davenport Academy of Natural Sciences.

Des Moines

Des Moines Academy of Sciences.

Dubuque

Iowa Institute of Sciences and Arts.

Iowa City

Laboratory of Natural History of the University of Iowa.

KANSAS

Lawrence

University of Kansas.

Topeka

Kansas State Historical Society.

MAINE

Portland

Portland Society of Natural History.

MARYLAND

Baltimore

Maryland Geological Survey.

MASSACHUSETTS

Amhursy

Massachusetts Agricultural College.

Boston

American Academy of Arts and Sciences.
Massachusetts Horticultural Society.
Public Library.

Cambridge

Museum of Comparative Zoology.

Medeford

Tufts College Library.

Salem

Essex Institute.

Springfield

Springfield Museum of Natural History.

MINNESOTA

Minneapolis

Geological and Natural History.
Minnesota Academy of Natural Sciences.

MISSOURI

Jefferson City

Missouri Geological Survey.

St. Louis

Missouri Botanical Garden.
» Historical Society.
Public Library.
St. Louis Academy of Sciences.

Trenton

Geological Survey of New-Jersey.

MONTANA

Missoula

University of Montana.

NEW-YORK

Albany

New-York State Library.

Brooklin

Brooklin Entomological Society.
The Museum of the Brooklin Institute of Arts and Sciences.

Bufalo

Bufalo Society of Natural Sciences.

New-York City

American Geographical Society.
» Numismatic and Archeological Society.
Astor Library.
New-York Academy of Sciences.
» » Microscopical Society.
» » Botanical Garden.

Rochester

Academy of Sciences.
Geological Society of America.

NORTH CAROLINA

Chapel Hill.

Elisha Mitchell Scientific Society.
University of North Carolina.

OHIO

Cincinnati.

Cincinnati Museum Association.
» Society of Natural History.
» University.
Historical and Philosophical Society of Ohio.
Lloyd Library.

PENSYLVANIA

Philadelphia.

Academy of Natural Sciences.
Franklin Institute.
Free Museum of Science and Art.
University of Pensylvania.

Pittsburgh.

Carnegie Museum.

TEXAS

Austin.

Texas Academy.

WISCOUSIN

Madison.

State Historical Society of Wiscousin.
University of Wiscousin.

Milwauke.

Wiscousin Natural History Society.

Mexico

Mexico.

Bibliotheca del Observatorio Meteorológico Magnetico Central.
Diréccion General do Stádistica.
Escuela do Medicina.
Instituto Médico Nacional.
Museo Nacional.
Revista Cientifica Mexicana.
Secretaria de Fomento, Colonizacion é Industria.
Sociedad Cientifica « Antonio Alzate ».
» Mexicana de Historia Natural.

Tacubaya.

Observatorio Astronómico Nacional do Tacubaya.

AMERICA DO SUL

Brazil

ALAGÔAS

Maceió.

Instituto Archeologico e Geographico Alagoano.

BAHIA

Bahia.

Archivo Publico.
Bibliotheca da Faculdade de Medicina da Bahia.

Escola Agricola da Bahia.
Instituto Historico e Geographico do Estado da Bahia.
Secretaria de Agricultura, Viação, Industria e Obras Publicas do Estado da Bahia.

CAPITAL FEDERAL

Capital Federal.

Academia Nacional de Medicina.
Bibliotheca da Escola de Bellas Artes.
» » Marinha.
» Nacional.
Brazil Illustrado.
Brasilian Mining Review.
«Diario Official».
Direcção do Jardim Botanico.
Directoria Geral de Saude Publica.
«Gazeta de Noticias».
Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia do Rio de Janeiro.
» Fluminense de Agricultura.
» Hahnemanniano do Brazil.
» Historico e Geographico Brazileiro.
» Polytechnico Brazileiro.
Jornal da Ordem Medica Brazileira.
«Jornal do Brazil».
Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro.
« O Paiz ».
Repartição da Carta Maritima.
«Revista Maritima Brazileira».
« » Policial.
« » Scientifica.
Secção da Sociedade Geographica de Lisboa no Brazil.
Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.
» Nacional de Agricultura.
» de Geographia do Rio de Janeiro.
«Tribuna Medica».

MINAS GERAES

Ouro Preto

Escola de Minas.
«Revista Industrial de Minas Geraes».

PARÁ

Belém.

Bibliotheca do Archivo Publico do Pará.
Museu Goeldi.

PARANÁ

Curityba.

Museu Paranaense.

PERNAMBUCO

Recife.

Faculdade de Direito.

RIO GRANDE DO SUL

Pelotas.

Lyceu Rio Grandense de Agronomia.

«Revista Agricola do Rio Grande do Sul».

SANTA CATHARINA

Desterro.

Club Doze de Agosto.

S. PAULO

Campinas.

Instituto Agronomico do Estado de S. Paulo.

S. Paulo

Commissão Geographica e Geologia do Estado de S. Paulo.
Museu Paulista.
Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de S. Paulo.
Sociedade de Medicina e Cirurgia.

Chile

Santiago

«Pensamiento (El) Latino»
Seccion de ensayos zoologicos i botánicos del Ministerio de Industria
Societé Scientifique du Chili

Valparaiso

Museo de Valparaiso.

Columbia

Bogotá

Oficina de Historia Natural.

Guyanas

Georgetown (British Guiana)

Geological Survey of British Guiana.

Paraguay

Asuncion

Anales Cientificos Paraguayos.
Escuela Nacional de Agricultura.

Perú

Lima

Academia de Ciencias Naturales.
Cuerpo de Ingenieros de Minas.
Ministerio de Fomento.
Sociedad Geografica de Lima.

Republica Argentina

Buenos Aires

Biblioteca Nacional de Buenos Ayres.
Departamento Nacional de Estadistica.
Direccion General de Correos y Telegrafos.
«El Monitor de la Educacion común».
Instituto Geografico Argentino.
«La Ilustracion Sud-Americana».
Museo Nacional de Buenos Ayres
Oficina Central del Censo Escolar Nacional.
Sociedad Cientifica Argentina.

Cordoba

Academia Nacional de Ciencias de Cordoba.

La Plata

Direccion General de Estadistica.
Museo Publico de La Plata.

Uruguay

Montevidéo

Asociacion Rural del Uruguay.
Estadistica Municipal del Departamento de Montevideo.
Museo Nacional de Montevideo.

Venezuela

Caracas

«Gazeta Cientifica».
Ministerio de Fomento — Direccion de Agricultura.
Sociedad de Ciencias Fisicas y Naturales.
Universidad Central de Venezuela.

Antilhas

CUBA

Habana

Academia de Ciencias Medicas, Fisicas y Naturales de la Habana.

ASIA

China

Shanghai

Royal Asiatic Society.

Hindostão

Calcuttá

Indian Museum.

Madras

Gouvernement Central Museum

Japão

Tokyo

Tokyo Imperial Museum.
Tokyo Zoological Society.

EUROPA

Allemanha

Altenburg (Prussia)

Naturforschende Gesellschaft des Osterlandes.

Annaberg (Saxonia)

Annaberg — Buchholser Verein für Naturkunde.

Augsburg (Bavaria)

Naturwissenschaftlicher Verein für Schwaben und Neuburg.

Bamberg (Bavaria)

Naturforschende Gesellschaft.

Berlin

Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte.
Botanischer Verein der Provinz Brandenburg.
Deutsche Anthropologische Gesellschaft.
Gesellschaft Naturforschender Freunde.
Königliche Akademie der Wissenschaften.
» Geologische Landes-Anstal tund Berg. Akademie.
Königliches Museum.

Bonn (Prussia Rhenana)

Naturhistorischer Verein der preussichen Rheinland, Westfalens und Reg. Bez. Osnabrück.
Niederrheinische Gesellschaft für Natur-und Heilkunde.

Braunsberg (Prussia)

Königl. Lyceum Hosianum in Braunsberg.

Braunschweig (Braunschweig)

Deutsche Ornithologische Gesellschaft.
Herzogliches Naturhistorisches Museum.
Verein für Naturwissenschaft zu Braunschweig.

Bremen

Bibliothek des Museums.
Landwirtschaft Verein für das Bremische Gebiete.
Naturwissenschaftlicher Verein in Bremen.

Breslau (Prussia)

Schlesische Gesellschaft für Vaterländische Kultur.

Chemnitz (Saxonia)

Naturwissenschaftliche Gesellschaft.

Colmar (Alsacia)

Société d'Histoire Naturelle de Colmar.

Danzig (Prussia)

Naturforschende Gesellschaft in Danzig.

Dresden (Saxonia)

«Flora».— Gesellschaft für Botanik und Gartenbau.
Gesellschaft für Natur-und Heilkunde.

Dresden

Königliche Oeffentliche Bibliothek
» Sächsische Verein für Alterthumer.
Naturwissenschaftliche Gesellschaft «Isis».

Durkeim a. d. H. (Bavaria)

«Pollichia».— Naturwissenschaftlicher Verein der Rheinpfalz.

Elberfeld (Prussia)

Naturwissenschaftlicher Verein in Elberfeld.

Erfurt (Prussia)

Verein für die Geschichte und Alterthumskunde von Erfurt.

Erlangen (Bavaria)

Physikalisch — Medicinische Societät.

Frankfurt am Maine (Prussia)

Senkenbergische Naturforschende Gesellschaft.

Frankfurt a. Oder (Prussia)

Naturwissenschaftl. Verein für des Reg.— Bezirkes Frankfurt.

Freiberg (Saxonia)

Königl.— Sächsische Berg. Akademie.

Freiburg (Baden)

Naturforschend Gesellschaft.

Gera (Reuss)

Gesellschaft der Freunde der Naturwissenschaften.

Giessen (Hesse)

Oberhessische Gesellschaft für Natur-und Heilkunde.

Görlitz (Prussia)

Naturforschende Gesellschaft.
Oberlausitzische Gesellschaft der Wissenschaften.

Greifswald (Prussia)

Naturwissenschaftlicher Verein von Neuvorpommern und Rügen.

Güstrow (Meklenburgo)

Verein der Freunde der Naturgeschichte in Meklenburg.

Halle a. d. Saale (Prussia)

Kaiserliche Leopold.— Carol. Akademie der deutschen Naturforscher.
Naturforschende Gesellschaft.

Hamburg

Naturhistorisches Museum.
Naturwissenschaftlicher Verein in Hamburg.

Hanau (Hesse)

Wetterauischen Gesellschaft für die gesammte Natur kunde.

Hannover (Prussia)

Königl. Oeffentliche Bibliothek.
Provinzial -- Museum.

Heidelberg (Baden)

Naturhistorisch—Medicinischer Verein.
Universitäts — Bibliothek.

Jena (Saxe-Weimar)

Verein für Thüringische Geschichte und Alterthümskunde.

Karlsruhe (Baden)

Astrophysikalische Observatorium Konigstuhl-Heidelberg.
Naturwissenschaftlicher Verein.

Kassel (Prussia)

Verein für Naturkunde.
Verein (Naturwissenschaftliche) für Schleswig Holstein.

Kiel (Prussia)

Universitäts—Bibliothek.

Königsberg (Prussia)

Königl. Physikalisch—Oekonomische Gesellschaft.

Landshut (Bavaria)

Naturwissenschaftlicher Verein Landshut.

Leipzig (Saxonia)

Fürstlich Jablonowskischen Gesellschaft.
Königl. Sächsische Gesellschaft der Wissenschaften.
Museum für Volkerkunde in Leipzig.
Verein für Erdkund.
Zeitschrift für Wissenschaftl. Zoologie.
» » angewandte Mikroskopie und klinische Chemie.

Leisnig (Saxonia)

Geschichts und Alterthums—Verein.

Lubeck

Naturhistorisches Museum.

Lüneburg (Prussia)

Naturwissenschaftlicher Verein für das Fürstentum Lüneburg.

Magdeburg (Prussia)

Naturwissenschaftlicher Verein.

Marburg (Prussia)

Gesellschaft zür Beförderung der gesammten Naturwissenschaften in Marburg.

Meissen (Saxonia)

Naturwissenschaftlicher Gesellschaft « Isis ».

Metz (Lorena)

Académie de Metz.
Verein für Erdkunde.

München (Bavaria)

Deutsche Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte.
Geographische Gesellschaft.
Königl. Baierische Akademie der Wissenschaften.

Nürnberg (Bavaria)

Naturhistorische Gesellschaft.

Offenbach (Baden)

Verein für Naturkunde.

Osnabrück (Prussia)

Naturwissenschaftlicher Verein.

Passau (Bavaria)

Naturhistorischer Verein.

Posen (Prussia)

Historische Gesellschaft für die Provinz Posen.

Regensburg (Bavaria)

Königl. Baierische Botanische Gesellschaft.
Naturwissenschaftlicher Verein.

Stettin (Prussia)

Entomologischer Verein in Stettin.

Strassburg (Alsacia)

Kaiserliche Universitäts—und Landes Bibliothek.
Société des Sciences, Agriculture et Arts de la Basse Alsace.

Stuttgart (Württemberg)

Verein für Vaterländische Naturkunde in Wurttemberg.

Tübingen (Württemberg)

Königl. Universitäts—Bibliothek.

Ulm a. D. (Württemberg)

Verein für Mathematik und Naturwissenschaften.

Wernigerode (Prussia)

Naturwissenechaftlicher Verein des Harzes.

Wiesbaden (Prussia)

Nassauischen Verein für Naturkunde.
Verein für Nassauische Alterthumskunde und Geschichtsforschung.

Würzburg (Bavaria)

Physikalische—medicinische Gesellschaft.

Zwickau (Saxonia)

Verein für Naturkunde.

Austria-Hungria

Agram (Croatia).

Jugoslavenske Akademije.
Societas Historico—Naturalis Croatica.

Brünn (Moravia).

Naturforschender Verein.

Budàpest (Hungria).

« Aquila ».— Zeitschrift für Ornithologie.
K. Magyar Természettudományi Társulat.
» Ungar.— Geologiche Anstalt.
Magyar Nemzéti Museum.
Természetrajzi Fuzetek.

Czernowitz (Bukovina).

K. K. Franz — Josephs — Universitäts.

Grätz (Styria).

Naturwissenschaftlicher Verein für Steiermark.
Verein (K.) der Aerzte in Steiermark.

Hermannstadt (Transilvania).

Siebenburgischer Verein für Naturwissenschaften.
Verein für Siebenburgische Landeskunde.

Innsbruck (Tyrol).

Naturwissenschaftlich — Medicinischer Verein.

Klagenfurt (Corinthia).

Naturhistorisches Lands-Museum in Kärnten.

Linz (Alta Austria).

Museum Francisco-Carolinum.

Prag (Bohemia).

K. böhmisch Gesellschaft der Wissenschaften.
K. deutsch Carl-Ferdinand — Universität Bibliothek.
Naturwissenschaftlich — Medicinische Verein « Lotos ».

Presburg (Hungria).

Verein für Natur-und Heilkunde zu Pözsony.

Reichenberg (Bohemia).

Verein der Naturfreunde.

Rovereds (Tyrol).

I. R. Accademia di Scienze, Lettere ed Arti degli Agiati in Rovereto.

Trieste (Illyria).

Museo Civico di Storia Naturale di Trieste.
Societá Adriatica di Scienze Naturali.

Wien (Baixa Austria).

Anthropologische Gesellschaft.
Kaiserlicher Akademie der Wissenschaften.
K. K. Geologische Reichsanstalt.
» » Naturhistorisches Hof-Museum.
» » Universitäts Bibliothek.
» » Zoologisch-Botanische Gesellschaft in Wien.
Naturwissenschaftlicher Verein an der Universität Wien.
Verein zur Verbreitung Naturwissenschaftlicher Kenntnisse.

Belgica

Anvers.

Académie Royale d'Archéologie de Belgique.

Bruxelles.

Académie Royale de Belgique.
Commission Belge des E'changes Internationaux.
Institut Géographique de Bruxelles.
Jardin Botanique de l'E'tat.
Mission Scientifique du Ka-Tanga.
Musée d'Histoire Naturelle de Belgique.
» de l'E'tat Indépendent du Congo.
Observatoire Royal de Belgique.
Société Belge de Microscopie.
» Entomologique de Belgique.
» Royale Belge de Géographie.
» » Botanique de Belgique.
» » Linnéenne de Bruxelles.
» » Malacologique de Belgique.

Charleroi.

Société Paléontologique et Archéologique de l'Arrondissement judiciaire de Charleroi.

Gand

Société Royale de Botanique de Belgique.

Liège.

Institut Archéologique Liégeois.
» Botanique de l'Université de Liège.
Société Géologique de Belgique.

Louvain.

Université Catholique.

Mons

Cercle Archéologique de Mons.
Société des Sciences, des Arts et des Lettres du Hainaut.

Dinamarca

Kjobenhavn (*Copenhague*).

Danish Ingolf — Expedition.
Kongelige Danske Videnskabernes Selskab.
Naturhistoriske Forening i Kjobenhavn.

França

Aix-en-Provence.

Académie des Sciences, Agriculture, Arts et Belles Lettres.

Alençon.

Société Historique et Archéologique de l'Orne.

Amiens.

Société Linnéenne du Nord de la France.

Angers.

Académie des Sciences et Belles-Lettres.
Société d'E'tudes Scientifiques.

Angoulême.

Société Archéologique et Historique de la Charente.

Autum.

Société d'Histoire Naturelle d'Autum.

Bar-le-Duc.

Société des Lettres, Sciences et Arts.

Beaune.

Société d'Archéologie, d'Histoire et de Littérature de l'Arrondissement de Beaune.

Beauvais.

Société Académique d'Archéologie du Diocèse de Beauvais.

Besançon.

Académie des Sciences, Belles-Lettres et Arts de Besançon.

Béziers.

Société d'E'tude des Sciences Naturelles de Béziers.
» Archéologique, Scientifique et Litteraire de Béziers.

Bordeaux.

Académie des Belles-Lettres, Sciences et Arts de Bordeaux.
Société Archéologique de Bordeaux.
» Linnéenne de Bordeaux.

Caën.

Société Linnéenne de Normandie.

Châlons-sur-Saône.

Société d'Histoire et d'Archéologie de Châlons.
» des Sciences Naturelles de Saône et Loire.

Chartres.

Société Archéologique d'Eure-et-Loir.

Cherbourg.

Académie Nationale des Sciences Naturelles et Mathématiques de Cherbourg.

Dijon.

Académie des Sciences, Arts et Belles-Lettres.
Commission des Antiquités du Département de la Côte d'Or.

Douai.

Société d'Agriculture, Sciences et Arts.

Havre (Le).

Société Géologique de Normandie.

Lille.

Société des Sciences, d'Agriculture et des Arts de Lille.

Lyon.

Académie des Sciences, Belles-Lettres et Arts de Lyon.
Musée d'Histoire Naturelle de Lyon.
Société d'Agriculture, Sciences et Industries.
» de Géographie de Lyon.

Marseille.

Faculté des Sciences de Marseille.
Société de Statistique de Marseille.

Montauban.

Académie des Sciences, Belles-Lettres et Arts de Tarn et Garonne.
Société Archéologique de Tarn et Garonne.

Montpellier.

Académie des Sciences et Lettres de Montpellier.
Société Archéologique de Montpellier.

Nancy.

Académie de Stanislas.
Société des Sciences de Nancy.

Nantes.

Société des Sciences Naturelles de l'Ouest de la France.

Nîmes.

Société d'Etudes des Sciences Naturelles.

Orléans.

Société d'Agriculture, Sciences, Belles-Lettres et Arts d'Orléans.

Paris.

Ministère de l'Instruction Publique.
Musée d'Histoire Naturelle.
Société d'Anthropologie.
» de Géographie.
» » Spéléologie.
» Entomologique de France.
» Géologique » » .
» National d'Horticulture de France.
» Zoologique de France.

Perpignan.

Société Agricole, Scientifique et Littéraire des Pyrénées Orientales.

Rouen.

Académie des Sciences, Belles-Lettres et Arts de Rouen.

Toulouse.

Société d'Histoire Naturelle et des Sciences Biologiques et Enérgétiques de Toulouse.
Société Ramond.
Université de Toulouse.

Grecia

Athenas.

Musée E'ducation.

Hespanha

Madrid.

Real Academia de Ciencias exactas, fisicas y naturales de Madrid.

Hollanda

Amsterdam

Koninklijke Akademie van Wetenschappen.

's Gravenhage (*Haya*)

Hollandsch Maatschapij der Wetenschappen.
Koninklijke Biblioteek.
Nederlandsche Entomologische Vereeniging.

Groningen

Natuurkundige Genootschap.

Haarlem

Musée Teyler.
Société Hollandaise des Sciences à Haarlem.

Leiden

Musée Botanique de Leide.
Nederlandsche Dierkundige Vereeniging.
Rijks Ethnographisch Museum te Leiden.

Leuwarden

Frisch Genootschap voor Geschied-Oudheid-en-Taalkunde.

Inglaterra

GRÃ-BRETANHA

Cambridge

Cambridge Philosophical Society.

Edinburgh

Botanical Society of Edinburgh.
Edinburgh Geological Society.
Royal Physical Society.
» Society of Edinburgh.

Glasgow

Natural History Society of Glasgow.
Royal Philosophical Society.

Leeds

Geological and Polytechnic Society.

Liverpool

Free Public Library.
Liverpool Geological Society.

London

Geological Society.
» » Library.
Journal of Conchology.
» » the Anthropological Institute.

Manchester

Geological and Mining Society.
Manchester Museum Owens College.

Penzance

Royal Geological Society.

Plymouth

Natural History and Antiquarian Society.

IRLANDA

Belfast

Belfast Natural History and Philosophical Society.

Dublin

Royal Dublin Society.
» Irish Academy.

Italia

Acireale

Accademia di Scienze, Lettere ed Arti degli Zelanti-Acireale.

Bologna

R. Accademia delle Scienze dell' Instituto di Bologna.

Brescia

Commentari dell' Ateneo di Brescia.

Catania

R. Accademia Gioenia di Scienze Naturali in Catania.

Chiavari

Societá Economica di Chiavari.

Firenze

Museo dei Vertebrati di Firenze.
Reale Orto Botanico di Firenze.
Societá Entomologica Italiana.
» Italiana d'Antropologia, Etnologia e Psicologia comparata.

Genova

Museo di Zoologia e Anatomia comparata in Genova.

Milano.

Museo Civico di Storia Naturale in Milano.
Scuola Superiore d'Agricoltura in Milano.

Modena.

R. Accademia di Scienze in Modena.

Napoli.

R. Accademia delle Scienze fisiche e matematiche.
Museo Zoologico della R. Universitá di Napoli.
Societá Africana d'Italia.
» di Naturalisti in Napoli.

Padova.

Reale Accademia di Scienze, Lettere ed Arti in Padova.
Societá Veneto-Trentina di Scienze Naturali.

Palermo.

Reale Accademia di Scienze Naturali e Belle Arti.

Pisa.

Societá Toscana di Scienze Naturali.

Roma.

Reale Accademia dei Lincei.

Torino.

Reale Accademia delle Scienze.
Museo di Zoologia ed Anatomia comparata della R. Universitá di Torino.

Luxemburgo

Luxemburg.

Institut Gran-Ducal de Luxembourg.
Société Botanique du Gran-Duché de Luxembourg.
Verein Luxemburger Naturfreunde (Fauna).

Monaco

Monaco.

Musée Océanographique de Monaco.

Noruega

Kristiania.

Nordhavs—Expedition.
Videnskabs Selskabet i Kristiania.

Portugal

Coimbra.

Sociedade Broteriana.

Lisboa.

Commissão do Serviço Geologico de Portugal.
Sociedade de Geographia de Lisboa.

Porto.

« Portugalia ».— Materiaes para o estudo do povo portuguez.

S. Fiel.

« Broteria ».— Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel.

Russia

Helsingfors.

Commission Géologique de Finlande
Societas pro Fauna et Flora Fennica.

Kazan.

Société des Naturalistes de l'Impériale Université de Kazan.

Kiew.

Société des Naturalistes de Kiew.

Moscou.

Société Impériale des Naturalistes de Moscou.

Odessa.

Club Alpin de la Crimée.
Société des Naturalistes de la Nouvelle Rnssie.

S. Petersburg.

Académie Impériale des Sciences.
Comité Géologique de la Russie.
Jardin Impériale Botanique.
Russich—Kaiserlich—Mineralogische Gesellschaft zu St. Petersburg.

Suecia

Göteborg

Konglika Vetenskaps och Vitterhets Samället.

Lund

Lunds Universitets Bibliotek

Stockholm

Entomologiska Föreningen i Stockholm.
Kongliga Svenska Vetenskaps Akademien.
Kungl. Vitterhets Historie och Antiquitets Akademien.
Sveriges Geologiska Undersökning.

Upsala

Upsala Universitet.

Suissa

Aarau

Aarganische Naturforschende Gesellschaft.

Basel

Naturforschende Gesellschaft.

Bern

Schweizerische Naturforschende Gesellschaft.

Lausanne

Société Vaudoise de Sciences Naturelles.

Neuchatel

Société Neuchateloise de Géographie.
» » des Sciences Naturelles.

St. Gall

St. Gallische Naturwissenschaftliche Gesellschaft.

Sion

La Murithienne.— Société Valaisanne des Sciences Naturelles.

Zürich

Geographisch Ethnographische Gesellschaft Zürich.
Naturforschende Gesellschaft.

OCEANIA

Malasia

JAVA

Batavia

Koninklijke Natuurkundige Vereeniging in Nederslandsch-Indië.
Royal Magnetical and Meteorological Observatory at Batavia.

MELANESIA

Australia

NOVA GALLES MERIDIONAL

Sydney

Australian Museum.
Department of Mines.
Geological Survey of New South Wales.
Linnean Society » » » »
Royal Anthropological Society of Australasia.

QUEENSLAND

Brisbane

Department of Agriculture.
Queensland Museum.

VICTORIA

Melbourne

Australasian Institute of Mining Engineers.
Geological Survey of Victoria.
National Museum.
Secretary for Mines and Water Supply.

Polynesia

HAVAII

Honolulu

Bernice Pauahi Bishop Museum of Polynesian Ethnology and Natural History.

NOVA ZELANDIA

Wellington

Colonial Museum and Geological Survey Department.
New Zealand Institute.

Relação dos funccionarios do Museu Nacional do Rio de Janeiro, desde a épocha da fundação deste estabelecimento, em 1818, na ordem de datas das respectivas admissões e com especificação das diversas funcções pelos mesmos ahi exercidas

Frei José da Costa Azevedo.

1818 — Inspector e director do Museu desde a sua creação,em 6 de junho de 1818. Fallecido a 7 de novembro de 1822.

João de Deus de Mattos.

1818 — Porteiro e guarda. Nomeado para esses cargos no gabinete physico e mineralogico a cargo de Fr. Azevedo, por portarias de 28 de abril de 1814 e 27 de setembro de 1816, passou a exercel-os no Museu na épocha de sua fundação ; confirmado nesses mesmos cargos por decreto de 19 de novembro de 1824 ; passa a accumular as funcções de preparador por portaria de 23 de setembro de 1820 ; assume a direcção interina do estabelecimento, de novembro de 1822 a 27 de outubro de 1823 ; nomeado director interino, na ausencia de Fr. Custodio Serrão, por portaria de 27 de outubro de 1835, exerce esse cargo até meiado de 1837 ; nomeado guarda-porteiro e preparador das secções de zoologia e botanica por decreto de 18 de fevereiro de 1842. Aposentado nesses ultimos cargos por decreto de 19 de outubro de 1852.

Francisco Antonio do Rego.

1818 — Escrivão da receita e despeza desde a fundação do Museu, confirmado nesse cargo por portaria de 13 de agosto de 1822 ; passa a accumular as funcções de thesoureiro por portaria de 10 de março de 1827 ; nomeado ajudante de secretario por decreto de 3 de fevereiro de 1842. Fallecido, em exercicio deste ultimo cargo, em 24 de março de 1860.

Manoel dos Santos Freire.

1818 — Preparador dos specimens zoologicos desde a fundação do Museu até 10 de outubro de 1822, dia em que suicidou-se.

Tenente José Joaquim de Sant'Anna.

1819 — Escripturario desde 1819, exonerado a 10 de setembro de 1823.

Thomaz Pereira de Castro Vianna.

1819 — Thesoureiro, por aviso de 7 de agosto de 1819. Pediu exoneração, que lhe foi concedida, a 9 de janeiro de 1827.

Dr. João da Silveira Caldeira.

1823 — Director do Museu, por decreto de 27 de outubro de 1823. Serviu esse cargo até fins de 1827, em que foi nomeado provedor da Casa da Moeda.

José da Silva.

1824 — Escripturario por decreto de 5 de janeiro de 1824; guarda e preparador das secções de mineralogia e numismatica por decreto de 3 de fevereiro de 1842; porteiro e guarda e preparador das secções de mineralogia e numismatica a 6 de novembro de 1852. Aposentado por decreto de 30 de novembro de 1857.

Frei Custodio Alves Serrão.

1828 — Director do Museu por decreto de 26 de janeiro de 1828; por decreto de 11 de fevereiro de 1842 fica a seu cargo a direcção da secção de mineralogia e por outro de 2 de março do mesmo anno a da secção de numismatica, que deixou a 9 de agosto seguinte. Exonerado, a seu pedido, por decreto de 25 de janeiro de 1847.

Antonio Joaquim Paes de Almeida e Medeiros.

1829 — Ajudante do porteiro e guarda por portaria de 17 de setembro de 1829; porteiro interino por portaria de 3 de novembro de 1835; serviu esses cargos até 1 de setembro de 1836.

Coronel Francisco Ricardo Zani.

1829 — Encarregado de colligir productos naturaes na provincia do Pará para o Museu, por aviso de 18 de março de 1829; cessou esta commissão em abril de 1831.

Estanislau Joaquim dos Santos Barreto.

1829 — Encarregado do preparo dos productos zoologicos colligidos no Pará pelo coronel Zani, por aviso de 18 de março de 1829, cessou esta commissão em abril de 1831; encarregado de colligir productos de historia natural do Pará, para o Museu, por fins de 1842; foi mandado cessar esta commissão por aviso de 20 de julho de 1843.

Angelo José Gomes.

1836 — Ajudante do porteiro, nomeado em 3 de outubro de 1836; serviu esse cargo até a sua extincção pela reforma de 3 de fevereiro de 1842, sendo, por portaria de 15 de abril do mesmo anno, mandado contemplar em folha com os vencimentos do cargo que exercia; figura assim até 30 de junho de 1845.

Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.

1842 — Director da secção de zoologia por decreto de 11 de fevereiro de 1842; secretario por portaria de 2 de março do mesmo anno; desi-

gnado para substituir o director do Museu no seu impedimento por portaria de 4 de dezembro de 1845, deixou o exercicio das funcções deste cargo em 3 de abril de 1846; assume novamente a direcção interina do estabelecimento, de 16 de dezembro de 1846 a 16 de junho de 1847. Fallecido em exercicio das funcções dos seus cargos effectivos, em 21 de novembro de 1859.

Dr. Luiz Riedel.

1842 — Director da secção de botanica, por decreto de 11 de fevereiro de 1842; designado para substituir o director do Museu, por portaria de 4 de janeiro de 1844, deixa o exercicio das funcções deste cargo em 4 de março do mesmo anno. Fallecido, em exercicio do cargo de director de secção, em 4 de agosto de 1861.

Manoel de Araujo Porto-Alegre.

1842 — Director da secção de numismatica, artes liberaes, archeologia, usos e costumes, etc. por decreto de 9 de agosto de 1842; retirou-se para a Europa em 1859.

Dr. Frederico Leopoldo Cezar Burlamaqui.

1847 — Director do Museu e da secção de mineralogia por decreto de 16 de junho de 1847. Fallecido neste caracter, em 14 de janeiro de 1866.

Tenente-coronel Francisco Raymundo de Faria.

1847 — Designado para colleccionor objectos de historia natural no valle do Amazonas, em virtude do aviso de 2 de setembro de 1847.

Dr. Antonio Rodrigues da Cunha.

1848 — Ajudante do preparador de zoologia por decreto de 17 de janeiro de 1848; guarda e preparador das secções de zoologia e botanica, por decreto de 6 de novembro de 1852; exonerado em 17 de junho de 1857.

Dr. Guilherme Schuch de Capanema.

1849 — Adjunto á secção de mineralogia por portaria de 18 de julho de 1849. (Não consta a data de sua exclusão.)

Dr. Manoel Ferreira Lagos.

1854 — Adjunto da 1ª secção por portaria de 18 de novembro de 1854; encarregado da bibliotheca ao ser esta instituida em 1863. Director da 1ª secção por decreto de 14 de novembro de 1866. Fallecido a 25 de outubro de 1871.

João Theodoro Descourtilz.

1854 — Adjunto naturalista viajante da secção de zoologia, admittido por aviso de 14 de julho de 1854. Fallecido, em fevereiro de 1855.

Luiz Antonio Villa Real.

1855 — Adjunto da 1ª secção por portaria de 1 de junho de 1855. (Não consta a data de sua exclusão.)

Alfredo Sohier de Gand.

1855 — Collector de objectos de historia natural no Pará e Amazonas, em virtude de aviso de 14 de junho de 1855.

José Thomaz de Oliveira Barbosa.

1857 — Adjunto da secção de numismatica por portaria de 9 de julho de 1857. (Não consta a data da sua exclusão.)

João Baptista Barros.

1857 — Preparador interino das 1ª e 4ª secções, contractado em virtude de aviso de 22 de agosto de 1857. Fallecido em exercicio desses cargos, em 21 de dezembro de 1864.

Carlos Leopoldo Cezar Burlamaqui.

1857 — Porteiro, guarda e preparador das secções de mineralogia e numismatica por decreto de 2 de novembro de 1857 ; encarregado da conservação das collecções da secção de botanica, durante a vaga de director dessa secção, por avisos de 7 de agosto de 1863 e 4 de julho de 1864 ; designado para substituir o ajudante de secretario, no impedimento deste, por aviso de 17 de julho de 1865 ; preparador e porteiro, em virtude da reforma de 9 de fevereiro de 1876. Aposentado nestes dous ultimos cargos por decreto de 15 fevereiro de 1891.

Manoel da Motta Teixeira.

1860 — (Bibliothecario aposentado.) Ajudante de secretario e encarregado da contabilidade por portaria de 29 de março de 1860. Praticante da 1ª secção por titulo de 11 de dezembro de 1871 ; praticante do Museu por portaria de 9 de fevereiro de 1876 ; designado para accumular as funcções de bibliothecario a 12 de fevereiro do mesmo anno ; bibliothecario por portaria de 9 de fevereiro de 1889 ; provido nesse cargo por decreto, em virtude de reforma, a 3 de fevereiro de 1893. Aposentado neste ultimo cargo por decreto de 6 de outubro de 1897.

L. Jacques Brunet.

1860 — Adjunto viajante nomeado por portaria de 21 de junho de 1860 ; dispensado, em 2 de fevereiro de 1862.

Dr. João Joaquim de Gouvêa.

1860 — Director da 1ª secção por decreto de 21 de julho de 1860 ; director geral interino na ausencia do effectivo, de 11 de julho de 1865 a 17 de setembro do mesmo anno ; vice-director, em virtude do aviso de 5 de março de 1866. Fallecido, em 20 de julho de 1866.

Dr. Manoel Freire Allemão.

1861 — Director da secção de botanica por decreto de 21 de agosto de 1861. Fallecido, em exercicio desse cargo, em 14 de maio de 1863.

Arsène Onésine Baraquin.

1863 — Foi-lhe conferido o titulo de naturalista viajante, adjunto ao Museu, por portaria de 25 de fevereiro de 1863.

Julião Audemars de Brassus.

1863 — Foi-lhe conferido o titulo de naturalista viajante, adjunto ao Museu, por portaria de 27 de junho de 1863.

Dr. Ladislau de Souza Mello e Netto.

1865 — Director da secção de botanica por decreto de 22 de março de 1865; director geral interino, no impedimento do effectivo, por aviso de 19 de fevereiro de 1868; designado para substituir o director geral nos seus impedimentos por aviso de 17 de dezembro de 1870. Director geral por decreto de 6 de fevereiro de 1875; designado para dirigir a 2ª secção por portaria de 9 de fevereiro de 1876. Aposentado no cargo de director geral por decreto de 28 de dezembro de 1893.

Manoel Francisco Bordallo.

1865 — Guarda e preparador das secções de zoologia e botanica por decreto de 14 de janeiro de 1865. Fallecido, em exercicio dessas funcções, em 10 de novembro de 1874.

Conselheiro Dr. Francisco Freire Allemão.

1866 — Director do Museu por decreto de 10 de fevereiro de 1866. Fallecido neste caracter, em 11 de novembro de 1874.

Dr. Miguel Antonio da Silva.

1866 — Adjunto da 1ª secção por portaria de 12 de dezembro de 1866. (Não consta a data de sua exclusão.)

Dr. João Joaquim Pizarro.

1871 — Director da 1ª secção por decreto de 22 de novembro de 1871; secretario e bibliothecario por portaria de 4 de janeiro de 1872; deixou o exercicio do cargo de secretario, em 31 de dezembro de 1878 e o de bibliothecario a 11 de fevereiro de 1876. Deixou o exercicio do cargo de director da 1ª secção por aviso de 19 de novembro de 1883.

Eduardo Teixeira de Siqueira.

1871 — (Actual preparador da 1ª secção, exercendo interinamente as funcções de assistente da mesma.) Ajudante preparador por portaria de 19 de dezembro de 1871; guarda e preparador das secções

de zoologia e botanica por portaria de 9 de dezembro de 1874; preparador da 1ª secção por portaria de 9 de fevereiro de 1876; considerado preparador de Taxidermia em virtude da reforma de 11 de fevereiro de 1899, assistente interino da 1ª secção, no impedimento do effectivo, por portaria de 2 de agosto de 1904; neste caracter, em virtude do regulamento, substituiu o professor da secção, de 5 de agosto a 6 de setembro do mesmo anno de 1904.

Vicente Alves Ribeiro.

1871 — Ajudante preparador por portaria de 11 de dezembro de 1871; preparador por portaria de 9 de fevereiro de 1876; exonerado a seu pedido, por portaria de 27 de abril de 1881; adjunto á secção annexa em 10 de setembro de 1887, novamente nomeado preparador por portaria de 9 de fevereiro de 1889. Fallecido, em exercicio desse cargo, em 4 de maio de 1891.

Dr. Nicolau Joaquim Moreira.

1872 — Adjunto da 2ª secção por portaria de 4 de janeiro de 1872; sub-director da mesma secção por decreto de 9 de fevereiro de 1876. Pediu exoneração, em agosto de 1883.

Carlos Schreiner.

1872 — Naturalista ajudante contractado, em virtude do aviso de 31 de julho de 1872; naturalista viajante por portaria de 15 de abril de 1889; naturalista ajudante por decreto de 27 de janeiro de 1893; sub-director da secção de zoologia por decreto de 21 de janeiro de 1895. Fallecido, no goso de licença, no dia 19 de abril de 1896.

Luiz Ferreira Lagos.

1872 — Supranumerario da 4ª secção por portaria de 18 de agosto de 1872; adjunto da mesma secção, em 13 de julho de 1875. Fallecido, em exercicio deste ultimo cargo, em 9 de setembro de 1887.

Domingos Soares Ferreira Penna.

1872 — Naturalista viajante admittido, em virtude do aviso de 13 de setembro de 1872; exonerado, a seu pedido, por aviso de 19 de abril de 1884.

Dr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello.

1872 — Adjunto da 4ª secção, por portaria de 14 de outubro de 1872. (Não consta a data de sua exclusão.)

Luiz Antonio Alves de Carvalho Junior.

1873 — Supranumerario da secção de zoologia por acto do conselho administrativo, de 9 de abril de 1873. (Não consta a data de sua exclusão.)

Guilherme Schwacke.

1874 — Naturalista viajante contractado, em virtude do aviso de 17 de março de 1874; nomeado para o mesmo cargo por portaria de 15 de abril de 1889; exonerado, a seu pedido, por portaria de 17 de abril de 1891.

Dr. Theodoro Peckolt.

1874 — Encarregado do Laboratorio, por aviso de 17 de abril de 1874. Pediu exonoração, em 10 de janeiro de 1876.

Frederio de Albuquerque.

1874 — Praticante por titulo de 22 de outubro de 1874; adjunto da secção de botanica por portaria de 30 de março de 1875. (Nada consta sobre a sua exclusão.)

Dr. Antonio José Ribeiro da Cruz Rangel.

1875 — Supranumerario da 3ª secção por portaria de 13 de fevereiro de 1875; adjunto, em 29 de maio do mesmo anno.

Dr. João Martins da Silva Coutinho.

1875 — Director da 3ª secção por decreto de 6 de fevereiro de 1875. (Nada consta sobre a sua exclusão.)

João Gonçalves Pereira Garcia.

1875 — Praticante preparador em 1875; continuo por portaria de 14 de fevereiro de 1876; exonerado, a seu pedido, em junho de 1884.

Carlos Augusto de Queiroz.

1876 — Praticante preparador, em 20 de julho de 1876; ajudante desenhador, em fevereiro de 1879; continuo por portaria de 6 de junho de 1884. Fallecido, em exercicio deste ultimo cargo, em 22 de novembro de 1884.

Professor Carlos Frederico Hartt.

1876 — Director da 3ª secção, por contracto de 2 de março de 1876; exonerado, a seu pedido, em 5 de fevereiro de 1877.

Dr. João Baptista de Lacerda.

1876 — (Actual director do Museu.) Sub-director da 1ª secção por decreto de 9 de fevereiro de 1876; designado para servir de secretario por portaria de 31 de dezembro de 1878, serviu esse cargo até novembro de 1883; director interino da 1ª secção, em janeiro de 1884, provido effectivamente neste cargo por decreto de 21 de fevereiro de 1885; director geral interino de 5 de setembro de 1888 a janeiro de 1890; exonerado, a seu pedido, por decreto de 17 de fevereiro de 1891, por ter sido nomeado director do Laboratorio de Biologia; nomeado director geral do Museu por decreto de 7 de janeiro de 1895.

Dr. Carlos Luiz de Saules Junior

1876 — Sub-director da 3ª secção, por decreto de 9 de fevereiro de 1876; director interino da mesma secção, em 1 de janeiro de 1877. Fallecido, em exercicio desses cargos, em 11 de outubro de 1878.

Antonio Teixeira da Rocha.

1876 — Praticante por portaria de 9 de fevereiro de 1876; dispensado por portaria de 18 de setembro de 1885.

João da Motta Teixeira.

1876 — Praticante por portaria de 9 de fevereiro de 1876; designado para accumular as funcções de amanuense por portaria de 12 de fevereiro do mesmo anno; nomeado amanuense por portaria de 9 de fevereiro de 1889; sub-secretario por decreto de 27 de janeiro de 1893; nomeado amanuense da Secretaria da Justiça e Interior, por portaria de 19 de outubro de 1894, ao ser dispensado da commissão da Exposição de Chicago, a cujo serviço se achava desde 4 de novembro de 1892.

Dr. Antonio de Souza Mello e Netto.

1876 — Praticante por portaria de 9 de fevereiro de 1876; dispensado, em setembro de 1883. Nomeado sub-director da 4ª secção por decreto de outubro de 1890; secretario por portaria de 25 de janeiro de 1892; exonerado desses dous ultimos cargos, a seu pedido, por decreto de 11 de fevereiro de 1893 e portaria de igual data.

Lourenço José Ribeiro da Cruz Rangel.

1876 — Praticante por portaria de 9 de fevereiro de 1876. (Não consta a data de sua exclusão, a não ser pelo livro do ponto, que deixou de assignar a 7 de fevereiro de 1880.)

Daniel d'Oliveira Barros e Almeida.

1876 — Praticante por portaria de 14 de fevereiro de 1876. (Não consta a sua exclusão, a não ser pelo livro do ponto, que deixou de assignar a 7 de janeiro de 1881.)

Dr. Frederico Müller.

1876 — Naturalista viajante, admittido em virtude do aviso de 1 de julho de 1876; exonerado, a seu pedido, em 20 de janeiro de 1891.

Theodoro Fernandes de Sampaio.

1876 — Desenhador, admittido em 1 de julho de 1876; exerceu estas funcções até fevereiro de 1879.

Antonio Avé Lallemant.

1877 — Ajudante desenhador, admittido em virtude do aviso de 19 de junho de 1877; desenhador, em fevereiro de 1879; exerceu estas funcções até 8 de março de 1888.

Professor Orvillé Adalberto Derby.

1879 — Director da 3ª secção, por contracto de 23 de maio de 1879, entrou em exercicio a 14 de junho seguinte, servindo esse cargo, em virtude de contractos successivos até 1890, data em que foram dispensados os seus serviços, em virtude do aviso de 10 de maio.

Antonio Antunes da Silva Ribeiro.

1881 — Preparador da 2ª secção, por portaria de 27 de abril de 1881. Fallecido, em exercicio deste cargo, em 20 de julho de 1894.

Carlos Guilherme Friedenreich.

1881 — Naturalista viajante, admittido em virtude do aviso de 22 de outubro de 1881 e dispensado, em 6 de abril de 1883.

Dr. Francisco José de Fréitas.

1882 — Sub-director interino da 3ª secção, por portaria de 19 de dezembro de 1882 ; sub director effectivo da mesma secção, por decreto de 29 de setembro de 1883 ; designado para secretario, serviu este cargo, de dezembro de 1883 a novembro de 1889 ; exonerado, a seu pedido, do cargo de sub-director da 3ª secção, em fins de 1890.

Dr. Hermann von Ihering.

1883 — Naturalista viajante, admittido em virtude do aviso de 6 de abril de 1883 ; confirmado nesse cargo, por portaria de 9 de fevereiro de 1889 ; exonerado, por portaria de 21 de dezembro de 1891.

Gustavo Rumbelsperger.

1884 — Naturalista viajante, admittido em virtude do aviso de 22 de fevereiro de 1884 ; confirmado nesse cargo por portaria de 9 de fevereiro de 1889. Fallecido, em exercicio de suas funcções, em 25 de de outubro de 1892.

Ernesto Rumbelsperger.

1884 — Ajudante desenhador, por portaria de 6 de junho de 1884 ; exonerado, a seu pedido, em 6 de fevereiro de 1887.

Bacharel Collatino Marques de Souza Filho.

1884 — Sub-director interino da 2ª secção, por portaria de 23 de agosto de 1884 ; exonerado, a seu pedido, por portaria de 28 de janeiro de 1886.

Rosalino Marques de Leão.

1884 — Continuo por portaria de 13 de dezembro de 1884; exonerado, a seu pedido, por portaria de 22 de junho de 1889.

Dr. Emilio Goeldi.

1885 — Sub-director da 1ª secção, por contracto de 28 de fevereiro de 1885; foi renovado esse contracto até 1890, anno em que foram dispensados os seus serviços, por aviso de 10 de maio.

Dr. Amaro Ferreira das Neves Armond.

1886 — (Actual professor da 2ª secção.) Praticante da secção de botanica em 26 de janeiro de 1886; sub-director da mesma secção em virtude de concurso, por decreto de 26 de novembro de 1887; designado por portaria de 1 de julho de 1891, para exercer interinamente as funcções de director geral, no impedimento do effectivo, deixa o exercicio destas funcções a 4 do mesmo mez e anno; assume novamente a direcção geral do Museu, no impedimento do director, no dia 8 de setembro de 1892, em virtude do aviso de 2 do mesmo mez; na fórma do regulamento, assume tambem naquelle mesmo dia a direcção interina da secção de botanica; deixou o exercicio do cargo de director geral interino em 8 de fevereiro de 1893; provido effectivamente no cargo de director da secção de botanica, por decreto de 21 de janeiro de 1895; exerceu as funcções de fiscal do conselho, de 8 de fevereiro de 1893 a 17 de março de 1894; considerado professor da secção de botanica, em virtude da reforma de 11 de fevereiro de 1899.

Dr. Hermillo Bourguy Macedo de Mendonça.

1886 — (Actual professor da 1ª secção e substituto legal do director do Museu.) Praticante da secção de zoologia (1ª) em 7 de dezembro de 1886; sub-director interino da 2ª secção por designação de 1 de agosto de 1889; secretario interino de 22 de fevereiro de 1890 a 31 de março de 1891; sub-director da 1ª secção por decreto de 9 de julho de 1890 e director interino da mesma, de 18 de fevereiro de 1891 a 17 de março de 1894; por decreto dessa data director effectivo da 1ª secção, em virtude de concurso; secretario interino por portaria de 18 de novembro de 1892, serve este cargo até 31 de dezembro de 1894; professor da secção em virtude da reforma de 11 de fevereiro de 1899; substituiu o director do Museu, de 28 de março a 30 de abril de 1904. (Exerce as funcções de fiscal da congregação, como professor mais antigo em exercicio.)

Dr. Julio Trajano de Moura.

1887 — Inscripto praticante das secções de botanica e zoologia em 28 de janeiro de 1887, sub-director interino da 4ª secção por portaria de 14 de novembro de 1892; director-interino da mesma secção, na forma do regulamento, de 22 do mesmo mez a 6 de agosto de 1894; director effectivo da 4ª secção em virtude de concurso, por decreto dessa ultima data; exonerado, a seu pedido.

João Eduardo Beaufils.

1888 — Ajudante desenhador, por portaria de 6 de fevereiro de 1887. Fallecido, em exercicio deste cargo, a 19 de junho de 1888.

Carlos Moreira.

1888 — (Actual assistente da 1ª secção, em commissão no Ministerio da Viação.) Ajudante desenhador, por portaria de 15 de outubro de 1888; preparador por portaria de 9 de fevereiro de 1889; bibliothecario interino, no impedimento do effectivo, por portaria de 20 de agosto de 1894; naturalista ajudante da 4ª secção, por decreto de 24 de janeiro 1895; naturalista ajudante da 1ª secção em virtude de concurso, por decreto de 16 de dezembro de 1895; sub-director da mesma secção por decreto de 25 de maio de 1896; assistente, em virtude da reforma de 11 de fevereiro de 1899; posto á disposição do Ministerio da Industria e Viação por aviso de 25 de julho de 1904. E' o substituto legal do professor de sua secção.

José Candido Vieira.

1889 — Continuo interino por portaria de 22 de junho de 1889; exonerado, a seu pedido, em 5 de setembro do mesmo anno.

Amando Goulart Alvim.

1889 — Continuo interino por portaria de 5 de setembro de 1889; effectivo por portaria de 27 de maio de 1891; confirmado nesse cargo por portaria do ministro e em virtude do regulamento, em 26 de janeiro de 1893. Ajudante de porteiro interino, por aviso de 14 de dezembro de 1893, no impedimento do effectivo, de 18 desse mesmo mez a 4 de julho de 1894; exerceu as mesmas funcções anteriormente, de 1 de abril a 9 de junho de 1889; eleito agente thesoureiro pelo conselho administrativo do Museu a 8 de janeiro de 1894, exerceu esse cargo, em virtude de reeleições successivas, até a sua extincção pela reforma de 11 de fevereiro de 1899. Continúa actualmente no exercicio de suas funcções de continuo.

Domingos Pinto de Figueiredo Mascarenhas.

1890 — Preparador da 3ª secção, por portaria de 5 de julho de 1890; exonerado, por portaria de 14 de março de 1891.

Dr. Hildebrando Teixeira Mendes.

1890 — (Actual assistente da 3ª secção, em exercicio das funcções de professor.) Sub-director interino da 3ª secção, por portaria de 3 de março de 1890; sub-director effectivo da mesma por decreto de 9 de julho de 1890; director interino da mesma secção, em virtude, do regulamento. de 1 de março de 1891 a 20 de fevereiro de 1895; novamente nomeado sub-director de secção, em virtude de reforma, por decreto de 21 de janeiro de 1895; considerado assistente em virtude da reforma de 11 de fevereiro de 1899. E' o substituto legal do professor da secção.

Dr. Francisco de Paula e Oliveira.

1890 — (Actual professor da 3ª secção, em commissão do Ministerio da Industria e Viação.) Director da 3ª secção, por decreto de 9 de julho de 1890; exonerado, a seu pedido, por decreto de 29 de abril de 1891; novamente nomeado director da mesma secção por decreto de 21 de janeiro de 1895; considerado professor de secção, em virtude da reforma de 11 de fevereiro de 1899; em commissão do Ministerio da Industria, de 8 de abril de 1895 a 19 de agosto de 1896; novamente posto á disposição do mesmo Ministerio, desde 10 de setembro de 1903.

Antonio Alves Ribeiro Catalão.

1891 — (Actual porteiro.) Preparador e porteiro por portaria de 16 de fevereiro de 1891; porteiro interino, em virtude da reforma, por portaria de 26 de janeiro de 1893; provido effectivamente nesse cargo, por portaria de 15 de junho de 1893.

Santos Lahera y Castillo.

1891 — (Actual preparador da 4ª secção.) Preparador, por portaria de 12 de maio de 1891; exonerado, por portaria de 15 de julho de 1892; novamente nomeado preparador, por portaria de 22 de outubro do mesmo anno; naturalista ajudante interino da 4ª secção, por portaria de 25 de julho de 1896; dispensado destas funcções, em virtude da reforma de 11 de fevereiro de 1899, que extinguiu este cargo; considerado preparador de Ethnographia, em virtude da mesma reforma; posto á disposição do ministro do Uruguay, por aviso de 2 de maio de 1903, durante esse mez.

Manoel Soares de Carvalho Peixoto.

1891 — (Actual bibliothecario.) Preparador, por portaria de 14 de março de 1891; amanuense interino, no impedimento do effectivo, de 12 de agosto a 26 de outubro de 1891; designado para servir na commissão da Exposição de Chicago por aviso de 4 de novembro de 1892, voltou ao Museu a 18 do mesmo mez, sendo nomeado, a 22, amanuense interino; subsecretario interino, por portaria de 26 de janeiro de 1893, em virtude da reforma; agente-thesoureiro interino, por eleição, de 16 de janeiro de 1893 a 9 do mesmo mez de 1894, em que pediu dispensa deste cargo; deixou o exercicio do cargo de sub-secretario, em 19 de novembro de 1894, tendo neste caracter substituido por diversas vezes o secretario; bibliothecario interino, no impedimento do effectivo, de 10 a 25 de agosto de 1897, em virtude do aviso de 11 do mesmo mez e anno; novamente designado bibliothecario interino em 9 de outubro de 1897; provido effectivamente neste cargo, por decreto de 6 de janeiro de 1898; substituiu o secretario de 19 a 30 de novembro de 1903 e de 1 de junho a 30 de setembro de 1904.

Ernesto Ule.

1891 — Naturalista viajante, por portaria de 8 de outubro de 1891 ; naturalista ajudante, por decreto de 7 de fevereiro de 1893, em virtude de reforma ; sub-director da 2ª secção por decreto de 21 de janeiro de 1895 ; assume, na fórma do regulamento, a direcção interina da secção, de 1 de fevereiro a 30 de outubro de 1895 ; exonerado do seu cargo effectivo por decreto de 30 de julho de 1900.

Alexandre Magno de Mello Mattos.

1892 — (Actual preparador da 2ª secção.) Preparador effectivo, por portaria de 15 de julho de 1892 ; exonerado por portaria de 22 de outubro do mesmo anno. Preparador interino, por portaria de 17 de novembro do mesmo anno ; preparador effectivo da 2ª secção, por portaria de 27 de julho de 1894 ; designado para tomar conta do parque, por portaria do Director do Museu, de 4 de maio de 1901 ; por portaria do ministro de 4 de julho seguinte, nomeado para exercer cumulativamente as funcções de jardineiro chefe, que deixou a 22 de novembro de 1902.

Francisco Ferreira Maciel.

1893 — Ajudante de porteiro, por portaria de 6 de janeiro de 1893 ; preparador interino da 3ª secção, por portaria de 31 de agosto de 1894 ; deixou o exercicio desse cargo em 19 de novembro do mesmo anno ; dispensado do seu cargo effectivo, em virtude da reforma de 11 de fevereiro de 1899, que extinguiu o mesmo cargo.

Dr. Domingos José Freire.

1893 — Director geral interino, por portaria de 8 de fevereiro de 1893 ; deixou o exercicio desse cargo a 8 de janeiro de 1895.

Alipio de Miranda Ribeiro.

1894 — (Actual secretario.) Preparador interino da 1ª secção, por portaria de 27 de outubro de 1894 ; deixou o exercicio desse cargo em 30 de novembro do mesmo anno ; preparador effectivo da mesma secção, por portaria de 4 de fevereiro de 1895 ; naturalista ajudante interino da mesma secção, por portaria de 25 de junho de 1896 ; provido effectivamente neste ultimo cargo, em virtude de concurso, por decreto de 16 de agosto de 1897 ; dispensado destas funcções, em virtude da reforma de 11 de fevereiro de 1899, que extinguiu os logares de naturalistas ; secretario, por portaria de 20 de fevereiro do mesmo anno.

Eurico Augusto Xavier de Brito.

1894 — Sub secretario, por decreto de 19 de outubro de 1894 ; secretario interino, em virtude do Regulamento, de 1 de janeiro a 7 de fevereiro de 1895 ; dispensado do cargo de sub-secretario, em virtude da reforma de 11 de fevereiro de 1899, que extinguiu o referido cargo.

Joaquim Bello de Amorim.

1895 — Naturalista ajudante da 3ª secção, por decreto de 21 de janeiro de 1895; dispensado em virtude da reforma de 11 de fevereiro de 1899.

Dr. Domingos Sergio de Carvalho.

1895 — (Actual professor da 4ª secção.) Sub-director interino da 4ª secção, por portaria de 21 de janeiro de 1895; secretario interino, por portaria de 5 de fevereiro do mesmo anno; director interino da mesma secção, em virtude do regulamento, de 11 de fevereiro de 1895 a 4 de fevereiro de 1898; director effectivo da mesma secção, por decreto de 24 de outubro de 1898 e em virtude de concurso; deixou na mesma data o exercio interino do cargo de secretario; considerado professor da alludida secção, em virtude da reforma de 11 de fevereiro de 1899.

Adolpho Bandeira Rodrigues.

1895 — Naturalista ajudante interino, por portaria de 21 de junho de 1895; exerceu estas funcções até 19 de novembro, sendo exonerado, a seu pedido.

Fernando Machado de Simas.

1895 — Naturalista ajudante interino, por partaria de 19 de novembro de 1895; exonerado, a seu pedido, em 18 de junho de 1896.

Anthero Martins Ferreira.

1896 — Carpinteiro, por portaria do director de 11 de fevereiro de 1896; preparador interino, por portaria de 29 de julho do mesmo anno; provido effectivamente nesse cargo, por portaria de 13 de janeiro de 1898; em virtude da reforma de 11 de fevereiro de 1899, considerado preparador de osteologia, cargo que actualmente exerce.

Octavio Jorge da Silva.

1896 — Preparador interino da 1ª secção, por portaria de 28 de março de 1896; deixou o exercicio deste cargo em 10 de maio do mesmo anno; preparador interino da 4ª secção, por portaria de 29 de julho de 1895; deixou o exercicio desse cargo a 11 de fevereiro de 1899.

Dr. Francisco Salema Garção Ribeiro.

1898 — Naturalista ajudante interino da 2ª secção, por portaria de 13 de janeiro de 1898; sub-director interino da mesma secção, por portaria de 8 de junho do mesmo anno; deixou o exercicio desse cargo em 31 de maio de 1899, por ter voltado ao serviço o serventuario effectivo.

Oscar Publio de Mello.

1898 — (Actual preparador da 3ª secção.) Nomeado para este cargo por portaria de 13 de janeiro de 1898, achando-se no exercicio das respectivas funcções, actualmente.

Dr. Publio de Mello.

1898 — Director interino da 4ª secção, por portaria de 4 de fevereiro de 1898; sub-director effectivo da mesma secção, por decreto de 31 de outubro do mesmo anno e em virtude de concurso; secretario, por decreto de 21 de janeiro; designado para assignar o expediente na ausencia do director geral, de 1º ao ultimo de fevereiro de 1899; deixou o exercicio do cargo de secretario, em virtude da reforma de 11 de fevereiro de 1899, no dia 21 do citado mez e anno, visto não pertencerem mais essas funcções a um dos sub-directores de secção; considerado assistente, em virtude da citada reforma; designado para exercer interinamente as funcções de secretario, deixou o exercicio desse cargo que assumira a 13 de dezembro de 1899, em virtude de aviso dessa data, no dia 28 de março de 1900; substituiu o professor de sua secção, na fórma do Regulamento, de 13 de setembro a 9 de outubro de 1901 e durante o mez de setembro de 1903. Fallecido no exercicio do seu cargo de assistente, no dia 16 de dezembro de 1904.

Dr. Henrique Autran da Matta e Albuquerque.

1898 — Naturalista ajudante interino, por portaria de 8 de junho de 1898; dispensado desse cargo em virtude da reforma de 11 de fevereiro de 1899, que o extinguiu.

Dr. Ernst Hemmendorff.

1900 — Assistente da secção de botanica (2ª) por contracto celebrado em virtude do aviso de 6 de agosto de 1900, contando tempo desde 1 de julho anterior; serviu esse cargo até 31 de julho de 1901.

Dr. Pedro Dusén.

1901 — Assistente da 2ª secção, contractado, em virtude do aviso de 28 de outubro de 1901, a 31 do mesmo mez e anno, sendo esse contracto renovado annualmente até 1904, em que foi lavrado com a clausula de servir o contractante até o provimento do cargo por concurso.

Benjamin de Oliveira Junqueira.

1902 — Admittido como praticante a 20 de dezembro de 1902; preparador interino da 2ª secção no impedimento do effectivo, por portaria de 11 de maio de 1903; serviu até 1 de outubro do mesmo anno.

Parque e Horto botanico annexados ao Museu em virtude da reforma de 26 de dezembro de 1892

Augustin Mallemont.

Jardineiro chefe contractado a 1 de fevereiro de 1893, serviu esse cargo até o termino do contracto em 31 de dezembro do mesmo anno.

Frederico Groth.

Jardineiro-chefe, por portaria de 5 de janeiro de 1894. Fallecido em exercicio desse cargo em 19 de maio de 1901.

Manoel Augusto Gomes da Silva.

Jardineiro-chefe, por portaria de 12 de dezembro do 1902 ; exonerado por portaria de 25 de julho de 1903.

Mario Berti.

(Actual jardineiro-chefe.) Nomeado para esse cargo por portaria de 29 de julho de 1903.

Laboratorio de Physiologia Experimental

Dr. Louis Couty.

Director, de 1880 a 1883.

Dr. João Baptista de Lacerda.

Sub-director, de 1880 a 1883, director interino, de dezembro de 1883 a 1890, em que foi o laboratorio desligado do Museu.

Dr. Domingos Alberto Niobey.

Praticante por portaria de 1 de fevereiro de 1883 ; preparador, em virtude do aviso de 6 de abril de 1886 ; dispensado, em virtude da reforma de 1890.

Manoel Augusto de Campos Sallas.

Preparador ; exonerado, a seu pedido, em novembro de 1883.

Eduardo Augusto Ribeiro Guimarães.

Praticante, optou pelo seu cargo na Escola de Medicina, em dezembro de 1883.

Antonio Evencio Juvenal Raposo.

Praticante por portaria de 1 de agosto de 1881.